

REVISTA DO GEL

Grupo de Estudos Linguísticos
do Estado de São Paulo

Grupo de Estudos Linguísticos
do Estado de São Paulo

REVISTA DO GEL

ISSN 1984-591X

| | | | | | |
|----------------|-----------|------|------|--------|-------------|
| Revista do GEL | São Paulo | v. 8 | n. 2 | p. 111 | 2013 [2011] |
|----------------|-----------|------|------|--------|-------------|

Diretoria do GEL / 2011-2013
Universidade de São Paulo
Presidente: Ieda Maria Alves
Vice-Presidente: Manoel Luiz Gonçalves Corrêa
Tesoureira: Olga Ferreira Coelho

Revista do GEL
revistadogel@gmail.com
<http://www.gel.org.br/revistadogel>
Secretária: Giliola Maggio

Comissão Editorial Executiva

Alessandra Del Ré
Cristina Carneiro Rodrigues
Flávia B. M. Hirata-Vale
Gisele Cristina de Sousa
Luciana Gimenes
Olga Ferreira Coelho
Ruth Lopes

Editora Responsável

Olga Ferreira Coelho

Revisão e Normatização

Adélia Maria Mariano da S. Ferreira
Daniel Peres de Oliveira
Maria de Fátima de Almeida Baia

Diagramação

Selma Consoli - Mtb 28.839

Conselho Editorial

Antônio Alcir Bernárdez Pécora (Unicamp), Carlos Subirats Rüggeberg (Universidade de Barcelona), Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran (Unesp-Assis), Danilo Marcondes Souza Filho (PUC-RJ), Evani de Carvalho Viotti (USP), Helena Nagamine Brandão (USP), Ieda Maria Alves (USP), Jacques Fontanille (Universidade de Limoges), José Borges Neto (UFRJ), Kanavilil Rajagopalan (Unicamp), Lourenço Chacon (Unesp-Marília), Marco Antônio de Oliveira (UFMG), Maria Célia de Moraes Leonel (Unesp-Araraquara), Maria Filomena Gonçalves (Universidade de Évora), Maria Irma Hadler Coudry (Unicamp), Marta Luján (Universidade do Texas-Austin), Mirta Groppi A. de Varela (USP), Otto Zwartjes (Universidade de Amsterdã), Pierre Swiggers (Universidade Católica de Louvain), Raquel Santana dos Santos (USP), Renata Maria Faccuri Coelho Marquazan (Unesp-Araraquara), Roberto Gomes Camacho (Unesp-SJRP), Wilmar da Rocha D'Angelis (Unicamp).

Publicação semestral

Solicita-se permuta/Exchange desired

Revista do GEL / Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. Vol. 1 (2004).
São Paulo: Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, 2004-

Semestral
ISSN 1984-591X

SUMÁRIO / CONTENTS

| | |
|------------------------|---|
| EDITORIAL | 5 |
|------------------------|---|

ARTIGOS / ARTICLES

ADVERBIAIS EM LÍNGUA PORTUGUESA – SEMÂNTICA E SINTAXE EM PERSPECTIVA FUNCIONAL

ADVERBIALS IN BRAZILIAN PORTUGUESE – SEMANTICS AND SYNTAX IN FUNCTIONAL PERSPECTIVE

Mariangela Rios de OLIVEIRA, Maria Maura CEZARIO, Mário Eduardo MARTELOTTA (*in memoriam*) e Maria Angélica FURTADO DA CUNHA7

UMA PROPOSTA PARA ESTUDO DA HISTÓRIA SOCIAL DA LÍNGUA COMO OBJETO TRANSISTÊMICO

A PROPOSAL TO STUDY OF THE SOCIAL HISTORY OF LANGUAGE AS A TRANS-SYSTEMIC OBJECT

Hélcus Batista PEREIRA, Marilza de OLIVEIRA e Priscilla Barbosa RIBEIRO40

A PRONÚNCIA DE (-R) EM CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS PAULISTANO

VARIABLE (-R) IN PAULISTANO PORTUGUESE

Livia OUSHIRO e Ronald Beline MENDES66

DESTECENDO UMA CARTA PELA ESTILÍSTICA DA EXPRESSÃO

“UNTWISTING” A LETTER BY STYLISTIC EXPRESSION

Nelyse A. Melro SALZEDAS e Rivaldo Alfredo PACCOLA.....96

ÍNDICE DE ASSUNTOS.....109

SUBJECT INDEX110

ÍNDICE DE AUTORES/ AUTHORS INDEX.....111

EDITORIAL

Este número da *Revista do GEL* traz um dos últimos trabalhos produzidos por Mário Eduardo Martelotta, no qual, com Mariangela Rios, Maria Maura Cezario e Maria Angélica Furtado da Cunha, analisa os padrões funcionais envolvidos no uso de advérbios locativos, temporais/aspectuais, qualitativos e de negação em língua portuguesa, observando fatores discursivo-pragmáticos que motivam a ordenação, a polissemia e a gramaticalização de adverbiais na língua. É um enorme orgulho para a Revista acolher esse trabalho e, com isso, ter a oportunidade de manifestar profunda admiração pelo destacado linguista e saudoso colega.

Traz também um artigo voltado para a História Social da Língua Portuguesa, que parte da sociolinguística paramétrica, conciliada à teoria sociológica de Pierre Bourdieu, para propor abordagem trans-sistêmica. O texto apresenta alguns resultados obtidos a partir dessa abordagem, quais sejam: a reconstrução da realização do sujeito pela elite paulistana do início do século XX; a interpretação das diferenças dos usos linguísticos de dois intelectuais paulistas do período republicano e uma interpretação da ordem dos constituintes em documentos de instituição de ensino de São Paulo do final do século XIX.

O terceiro artigo baseia-se nas premissas teórico-metodológicas da Sociolinguística Variacionista para apresentar uma análise multivariada da pronúncia de (-r) em coda silábica, como tepe ou retroflexo, num *corpus* contemporâneo e robusto do português paulistano. Os autores apontam coerções linguísticas e sociais que favorecem a variante retroflexa e se concentram na avaliação dos graus de prestígio das variantes, das identidades sociais que se associam a seu emprego e do seu papel em processos de variação e mudança linguística.

Após esta primeira seção, que insere análises linguísticas em domínios comunicativos e socio-históricos, este número apresenta um outro texto, para o exame de aspectos estilísticos-discursivos da “Carta ao Sr. Mollinet”, de

Eça de Queirós. Procura mostrar como a análise de textos pode ser enriquecida com recurso à Estilística da Expressão.

Superados sucessivos empecilhos técnicos impostos ao periódico desde 2011 (fartamente reportados nas Assembleias Gerais do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo desde aquela época), a publicação deste número celebra o necessário ajustamento da Revista a uma nova dinâmica, de plena informatização de seu processo de elaboração. Tão logo se conclua esse novo percurso, a *Revista do Gel* deverá estar apta a aumentar ainda mais o seu impacto na circulação do conhecimento linguístico no país.

Aos autores dos artigos, que pacientemente aguardaram o desfecho das medidas adotadas já a partir de 2010 – quando a *Revista do GEL* tornou-se o piloto das profundas alterações implementadas no sistema de gerenciamento computacional das atividades do Grupo –, os mais sinceros agradecimentos.

À comunidade linguística, uma boa leitura!

Olga Ferreira Coelho
Editora responsável
maio de 2013

ADVERBIAIS EM LÍNGUA PORTUGUESA - SEMÂNTICA E SINTAXE EM PERSPECTIVA FUNCIONAL

Mariangela Rios de OLIVEIRA¹

Maria Maura CEZARIO²

Mário Eduardo MARTELOTTA³

Maria Angélica FURTADO DA CUNHA⁴

RESUMO: Análise dos padrões funcionais envolvidos no uso de advérbios locativos, temporais/aspectuais, qualitativos e de negação em língua portuguesa, com base na consideração de sua natureza prototípica. Levantamento de fatores discursivo-pragmáticos – extra e intra-linguísticos – que motivam a ordenação, a polissemia e a gramaticalização de advérbios na trajetória da língua portuguesa. Identificação de marcas de continuidade, de variabilidade e de mudança linguística caracterizadoras desses usos.

PALAVRAS-CHAVE: Advérbios. Ordenação. Semântica. Língua portuguesa.

Introdução

Apresentamos, neste artigo, resultados de nossa pesquisa integrada acerca dos padrões funcionais caracterizadores do uso de advérbios locativos, temporais/aspectuais, qualitativos e de negação no português escrito e falado. Trata-se de uma área de pesquisa linguística ainda pouco explorada e

¹ Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Instituto de Letras, UFF, Niterói, RJ, BR. mariangela.rios@terra.com.br

² Departamento de Linguística e Filologia, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, BR. mmcezario@gmail.com

³ *in memoriam.*

⁴ Departamento de Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal, RN; BR. angelica@ufrnet.br

que necessita, portanto, de incursões como as que aqui fazemos, na tentativa de melhor compreender tais usos na trajetória da língua portuguesa.

Entendemos como *adverbiais* as ocorrências de advérbios, de pronomes adverbiais, bem como de locuções adverbiais que codificam primariamente circunstâncias distintas referentes à ação verbal. Um dos objetivos deste estudo conjunto é investigar quais as motivações para as diversas possibilidades de ordenação dos adverbiais referidos. Outro objetivo é verificar quais as posições prototípicas dos adverbiais em português em relação ao verbo e as possíveis derivações de sentido e processos de gramaticalização envolvidos nesses usos.

Partimos de pressupostos funcionalistas, na linha de Traugott e Dasher (2005), Brinton e Traugott (2006), Thompson e Hopper (2001) e Givón (2001), entre outros, combinando o viés quantitativo e qualitativo na abordagem dos objetos de nossa pesquisa, numa perspectiva pancrônica (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; VOTRE, 1999).

Usos pronominais locativos⁵

Se a classe dos advérbios já se apresenta como categoria complexa ou híbrida, seja numa perspectiva tradicional ou linguística (BECHARA, 1999; CAMARA JR., 1976; NEVES, 2000; CASTILHO, 1993; ILARI et al., 1990), no caso dos advérbios pronominais locativos, a imprecisão categorial manifesta-se de modo ainda mais acentuado. Integrantes de um grupo marginal dentro de uma classe imprecisa, os locativos são classificados como itens *não predicativos* (ILARI et al., 1990) ou *não modificadores* (NEVES, 2000), uma vez que tendem a não alterar ou afetar a significação do constituinte verbal, o elemento sobre o qual, via de regra, incidem. Nesse sentido, os locativos são entendidos com um tipo de advérbio mais livre e, portanto, mais autônomo em comparação a outros, como os de modo, por exemplo. A seguir, apresentamos uma ordenação ilustrativa do comentário:

(1) Um homem caíra nas mãos de ladrões e salteadores e fora espancado barbaramente *ali*, à beira do caminho. (*Um coração que seja puro*)

⁵ No levantamento, classificação e análise preliminar dos locativos, contamos com a participação das bolsistas Pibic/UFF Evelyn Mendonça de Mello e Ludmilla Lamoglia, além da bolsista IC/Faperj Luciana Pomponet.

Em (1), o locativo *ali* se ordena após outro, *barbaramente*, que, devido à maior participação na predicação verbal – uma vez que recorta e informa a maneira pela qual se deu o espancamento – vem logo após o SV *fora espancado*. Em termos de ordenação linear, a maior distância do locativo em relação ao SV indica a maior autonomia da referência de lugar face à de modo.

Como traços adicionais da subclasse dos locativos, que confirmam sua marginalidade característica em relação aos demais advérbios, citam-se a natureza pronominal e a foricidade de que se revestem. Trata-se de proformas que, em geral, têm o papel adicional de elementos de coesão, a serviço da progressão informacional, seja como mecanismo anafórico ou catafórico. Em (1), *ali* é empregado cataforicamente, já que, somente no SN seguinte, vamos ter preenchida a referencialidade do locativo – *à beira do caminho*. Mas é no fragmento a seguir, exemplificador de anáfora, que se ilustra a funcionalidade mais frequente dos locativos:

(2) Para o céu, para o alto; *lá* está a sua meta. (*Amor é vida*)

No trecho acima, *lá* retoma coesivamente *céu* e *alto*. Assim articulado, o período se expande em forma – são três termos correferentes – e em conteúdo, pela progressão reiterativa da série assim articulada, que tem em *lá* sua síntese.

O status categorial dos pronomes locativos

Segundo nossa perspectiva, em conformidade com a linha teórica funcionalista assumida, entendemos os advérbios pronominais locativos como constituintes de uma subclasse da classe prototípica adverbial (TAYLOR, 1995). Naquela, a partir de um eixo básico central, que leva em conta a frequência de uso, a referência de lugar físico e a ordenação pós-verbal, cada um de nossos itens pesquisados ocupa ponto distinto na classe dos locativos, mais ou menos próximo a esse eixo nuclear. Assim, partimos da hipótese de que *ali*, por partilhar, em maior número de casos, os três traços acima referidos, apresenta-se como o locativo adverbial mais prototípico; após, encontra-se *aqui* e, um pouco mais distante, *lá*; num ponto marginal da classe dos advérbios, situa-se *aí*, item com maior tendência à polissemia, à gramaticalização e à ordenação pré-verbal.

Essa mobilidade categorial dos pronomes adverbiais fica reforçada se levarmos em conta que, via de regra, a efetiva expressão de lugar, em português, está contida no próprio constituinte verbal, como comprovam os sintagmas *vir aqui, chegar aqui, sair (d)aqui, partir (d)aqui, andar aqui*, em que as distinções situacionais se expressam pelo primeiro elemento de cada expressão. Desta forma, os pronomes locativos atuam, na verdade, como *reforço situativo-comunicativo* (BATORÉO, 2000, p. 422), em papel secundário em termos de referência locativa. Trata-se do fenômeno observado por Paiva (2003), na pesquisa de sintagmas do tipo *aí na esquina* ou *lá na escola*, nos quais, mais do que catáfora, observa a autora um caso de *superespecificação* situacional. Segundo nossa interpretação, já não se trata sequer de estratégia de ênfase, de acúmulo de informação espacial, porque os locativos, em tais contextos, já estariam esvaídos de sua referência básica, papel cumprido mais efetivamente, nessas estruturas, pelo termo nominal subsequente.

Assim, da expressão dêitica, localista, externa, podem esses advérbios assumir sentidos menos concretos, no nível exofórico. Já em plano textual, atuar na articulação de referência endofórica, em função anafórica, mais comumente, ou catafórica. Conforme prevê o processo de gramaticalização (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003), a partir desses papéis textuais, alguns advérbios, em avançado estágio de polissemia, migram para outras classes, como a dos conectores ou operadores, ou ainda a dos especificadores ou clíticos.

Observamos que a localização na classe dos advérbios e a tendência à polissemia e gramaticalização dos locativos são dependentes de alguns fatores. Um deles está ligado à frequência de uso: itens mais recorrentes tendem a certo *desgaste* ou *perda de valor informacional* (DAHL, 2001); por outro lado, essa perda de conteúdo referencial é compensada por ganho de conteúdo gramatical. Assim, *aí* e *lá*, locativos muito recorrentes na expressão do português, de modo mais contundente estão propensos a, uma vez desgastados no trato linguístico, passarem a assumir papel mais gramatical, migrando para classes menos lexicalizadas, como a dos elementos de conexão, como em *eu cheguei, aí ele saiu*, ou a dos clíticos, do tipo *um sujeito lá, alguém aí*.

Outro fator interveniente na migração categorial dos locativos diz respeito à *granulidade*, termo oriundo da Inteligência Artificial, de acordo com Batoréo (2000), que *define as diferenças nas regiões-de-vizinhança dos conjuntos*. Segundo esse entendimento, os locativos podem ser distribuídos pelos

dois subsistemas de granularidade – vasta ou fina/estreita. No português do Brasil, do primeiro subsistema, é usado regularmente lá, que traz a marca da imprecisão e da indefinição situacional; assim, sua polissemia e consequente gramaticalização em expressões regulares como *seja lá, vá lá* ou *(um) cara lá* podem ser interpretadas como resultado da vasta granularidade que lhe é característica. Em alguns casos, devido, talvez, à sua maior imprecisão semântica, o locativo tende a expressar negação, como no sintagma *sei lá, quero lá (fazer algo)*.

Por outro lado, a tríade *aqui, aí, ali* participa do subsistema de granularidade fina ou estreita, pois a localização, nestes casos, é referida com maior pontualidade e precisão. Dos três itens, os usuários tendem a trabalhar com o par dicotômico *aqui vs. ali*, na referência ao que está mais próximo ou distante do emissor, respectivamente, conforme o sistema conceptual egocêntrico do português. Provavelmente por conta dessa característica de uso, *aqui* e *ali*, este último muito recorrente, são os termos menos propícios à polissemia e à gramaticalização comparados aos outros dois – *aí* e *lá*. Hipotetizamos que, com a adoção desse binarismo referencial, o locativo *aí*, na articulação de distanciamento relativo, fica disponível para, em posição pré-verbal e não raro pré-oracional, assumir sentido mais abstrato, migrando, em muitos casos, para a classe dos juntores – conectivos ou operadores.

Num outro viés analítico, ao comparar paradigmas pronominais demonstrativos de diferentes línguas, Jungbluth (2001) defende que o português do Brasil, em seu uso popular, tende a reconstituir a tríade dêitica por intermédio da formação de sintagmas em torno dos advérbios pronominais locativos. Assim, o binarismo do par *esse vs. aquele* seria recomposto na tríade *esse aqui – esse aí – aquele lá*. De acordo com a perspectiva funcional por nós adotada, poderíamos dizer que se trata de estratégias retóricas de tom enfático, próprias da modalidade falada, no âmbito do discurso, que atuam como formas compensadoras da perda de informatividade ou possível imprecisão das formas *esse* e *aquele*. De acordo com Dahl (2001), com tal procedimento, num mecanismo contrário à chamada “economia verbal”, os usuários “inflacionam” o dizer com maior quantidade de forma como garantia para sentidos desgastados, devido à alta frequência de uso. É possível ainda relacionar a estratégia ao subprincípio icônico da quantidade (GIVÓN, 2001), segundo o qual conteúdos proeminentes ou mais relevantes são veiculados por formas mais extensas, com maior quantidade de expressão.

Pronomes locativos em textos epistolares

Nesta seção, investigamos especificamente textos de cartas. Trata-se de fontes documentais que revelam características ideológicas pessoais de seu autor, tais como: crenças, conceitos, valores, propósito discursivo, por exemplo, bem como aspectos que dizem respeito aos fatores contextuais, relativos ao ambiente histórico-social, que o influenciaram, de alguma maneira, ao elaborar o texto.

Para o português contemporâneo, selecionamos cartas dos leitores publicadas nos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Folha de São Paulo* e nas revistas *IstoÉ*, *Veja*, *Época* e *IstoÉ Gente*, no período de dezembro de 2003 a maio de 2004. Trata-se de um espaço destinado aos leitores para que possam expressar suas vozes individuais em fórum público em relação a um artigo publicado ou a um acontecimento sociopolítico, entre outros. A linguagem utilizada nessas fontes permite, portanto, veicular significados que vão além do efeito comunicativo imediato, podendo ser utilizada pelos leitores/escritores como um instrumento de manipulação, ou seja, o leitor/escritor tenta persuadir, de maneira consciente ou não, a opinião pública ou outro leitor.

Como fonte representativa do português arcaico, usamos a Carta de Caminha – o minucioso e representativo documento que dá conta da descoberta Brasil pela esquadra de Cabral, datado de 1500. A Carta de Caminha constitui um texto narrativo-descritivo que contém informações e pormenores sobre a viagem até o Brasil e a estadia nesse país. Levantamos exaustivamente dados da edição da Série Diachronica, com reprodução fac-similar e leitura justalinear (CUNHA; CAMBRAIA; MEGALE, 1999).

Mesmo considerando as especificidades pragmático-discursivas desse documento em relação ao correspondente do português contemporâneo aqui tratado (cartas de leitores), não só em termos de sincronia, como também do perfil do escritor, do leitor e dos propósitos comunicativos, incluímos a Carta de Caminha no conjunto do gênero “carta”. Na abordagem qualitativa dos dados, as condições discursivas desse documento são consideradas.

Apresentamos, a seguir, os dados relativos ao levantamento exaustivo dessas fontes e comentários analíticos acerca de tal levantamento⁶:

⁶ As tabelas a seguir trazem o levantamento dos locativos nas cartas pesquisadas, em que se usam as seguintes abreviações: *stj*-(sujeito), *adv*-(advérbio), *vb* (verbo) e *ins* (inserção).

Tabela 1: Tipos de ordenação de locativos em cartas contemporâneas

| Locat. | Posições pré-verbais | | | Posições pós-verbais | | TOTAL |
|--------|----------------------|--------|------------|----------------------|------------|-------|
| | Suj+adv+vb | Adv+vb | Adv+ins+vb | Vb+adv | Vb+ins+adv | |
| (d)ái | 1 | 9 | 6 | 11 | 3 | 30 |
| (d)ali | 0 | 6 | 1 | 2 | 2 | 11 |
| Aqui | 2 | 2 | 6 | 10 | 8 | 28 |
| Lá | 3 | 4 | 4 | 16 | 2 | 29 |
| Total | 6 | 21 | 17 | 39 | 15 | 98 |

Tabela 2: Tipos de ordenação de locativos na Carta de Caminha

| Locat. | Posições pré-verbais | | | Posições pós-verbais | | TOTAL |
|--------|----------------------|--------|------------|----------------------|------------|-------|
| | Suj+adv+vb | Adv+vb | Adv+ins+vb | Vb+adv | Vb+ins+adv | |
| (d)ái | - | 7 | - | 9 | 1 | 17 |
| (d)ali | - | 26 | 6 | 12 | 1 | 45 |
| Aqui | - | 9 | 5 | 12 | 2 | 28 |
| Lá | - | 5 | - | 14 | - | 19 |
| Total | - | 47 | 11 | 47 | 4 | 109 |

Nas cartas pesquisadas, em ambas as sincronias, os dados apontam variabilidade na ordenação dos advérbios locativos. Nos textos atuais (Tabela 1), observa-se maior tendência às ordenações pós-verbais. Na Carta de Caminha (Tabela 2), as posições contíguas ao verbo encontram-se com 47 registros, tanto pré quanto pós-verbais, por conta da maior ocorrência de *ali* na posição pré-verbal, ratificando a tendência, no português arcaico, da maior instabilidade de ordenação desse locativo, como em (3):

- (3) e aatera atera daverá cruz. Mandou lamçar op rumo acharam xxb braços e ao sol posto obra de bj legoas de tera surgimos amcoras em xix braços amcorajem limpa. *aly* jouuemos todaaquela noue. e aaquimta feira pola

manhã fizemos vella e segujmos dir^{tos} aaterra eos naujos pequenos...
(*Carta de Caminha*)

Também ratificando resultados de levantamento em *corpora* distintos (OLIVEIRA; CEZARIO; ALBANI, 2005), registramos o uso de locativos entre o sujeito e o verbo na fase contemporânea da língua, com seis ocorrências na Tabela 1, em oposição à falta desse registro no período arcaico. Conforme nossa hipótese para esse tipo de achado, consideramos, mais uma vez, as condições pragmático-discursivas como motivadoras dessa esporádica construção. Vejamos o trecho seguinte:

- (4) Como pode o bandido Eduíno Eustáquio, homem violento, estuprador e condenado a 26 anos de cadeia, conseguir, após sete anos de detenção, uma autorização judicial para visitar a mãe e desaparecer? O resultado *aí* está. Que venha urgente o controle externo do judiciário. (*O Globo*)

Após a exposição de um fato grave ocorrido com um bandido, o leitor, com a articulação de *aí* em P1, cria as condições para expor sua tese – a necessidade urgente do controle do poder judiciário. Com a declaração de que *O resultado aí está*, o leitor abre espaço para sua efetiva opinião.

Em relação a *aí*, as cartas de leitores, como também verificado em outras fontes empíricas, apontam o aumento da ordenação pré-verbal, na demonstração da trajetória de gramaticalização desse constituinte como partícula conectiva:

- (5) Lula emperrou parte da nossa história com bravatas que, ainda bem, não coloca em prática agora que é o dono da bola. Cabe a questão: Lula acredita no que prega? Se sim, o nosso presidente padece de algum mal que simplesmente o leva a dissociar sua retórica das suas ações. Se não, bem, *aí* a gravidade é óbvia. (*Folha de São Paulo*)

Ao discutir acerca da credibilidade do presidente Lula, o leitor da *Folha*, no trecho final de sua carta, articula, em posição pré-verbal, o pronome *aí*. Neste contexto, adquire o constituinte sentido mais textual, na articulação da relação lógica de conclusão/consequência, enfatizada pela anteposição de *bem*.

Acerca do aumento de frequência de ordenações pré-verbais, observamos, no cotejo das Tabelas 1 e 2, o incremento das ocorrências de *lá* no uso contemporâneo. Ao atentarmos para os trechos levantados, numa análise de ordem qualitativa, destacam-se padrões não prototípicos, em que a vasta granularidade desse advérbio motiva, em contextos mais informais como as cartas de leitores, a instauração de sentido negativo ou indeterminado, tal como:

- (6) Mais um pouco e se tornará inviável a conclusão da obra a tempo de dispormos desse serviço durante os Jogos Pan-Americanos. E sem o metrô no Pan, *lá se vai* a Olimpíada de 2012. (*O Globo*)

Em (6), na crítica à morosidade das obras para os Jogos Pan-Americanos de 2007, o leitor informa sobre o comprometimento dessa situação em termos do projeto de o Brasil sediar uma olimpíada. Para dizer da falta de perspectiva dessa proposta maior, ele usa a construção *lá se vai*, na indicação da ausência de rota, de visibilidade para a realização de tal intento.

Usos temporais e aspectuais

Esta seção é destinada à análise da ordenação de adverbiais temporais em diferentes corpora escritos com o objetivo de apresentar tendências gerais de uso em diferentes gêneros escritos do português.

Há diferentes classificações semânticas para as locuções de tempo e de aspecto; em nossa pesquisa, mesclamos a classificação presente em Martelotta (1994) e em Ilari (2001). Um levantamento preliminar desse tipo de adverbial em textos contemporâneos demonstra que os adverbiais temporais e aspectuais apresentam grande mobilidade na oração (CEZARIO et al., 2004; CEZARIO; ILOGTI; COSTA, 2005; ANDRADE, 2005) e variam em extensão e sentido também, como atestam os fragmentos (7) e (8), extraídos de textos religiosos:

- (7) Existem *hoje* no mundo muitos cristãos (*Tocar o Senhor*)
- (8) que haja disciplina *durante o ensaio...* (*Cantar em espírito e verdade*)

Analisamos os circunstanciais a partir de vários fatores de ordem estrutural – como a posição de argumentos do verbo na frase, o tipo de complemento do verbo – e de ordem semântico-pragmático-discursivo – como a coesão textual, o tipo de verbo modificado pelo adverbial, o tipo de texto, o *status* informacional da locução adverbial, a função contrastiva do adverbial no texto e a transitividade da cláusula. Apesar de estarmos tratando aqui conjuntamente do advérbio simples e da locução adverbial, metodologicamente foi necessário separar o estudo desses dois elementos circunstanciais, pois os advérbios em geral são mais fixos do que as locuções. Além disso, o número de locuções diferentes (tanto semântica quanto estruturalmente) é muito grande.

A transitividade parece-nos o mais importante fator para explicar a ordenação de locuções circunstanciais temporais (principalmente). Esse conceito é aqui empregado no sentido apresentado por Hopper e Thompson (1980) e Thompson e Hopper (2001), como uma noção escalar que envolve não somente o verbo e o seu complemento, mas toda a oração. As orações altamente transitivas apresentam um sujeito agentivo, com vontade própria, que realiza uma ação pontual sobre um participante individuado que é afetado. A transitividade, portanto, envolve vários fatores, como agentividade, aspecto, modo, etc. Quanto mais traços positivos, mais transitiva é a oração.

Para compreendermos a relação entre transitividade (HOPPER; THOMPSON, 1980; THOMPSON; HOPPER, 2001) e ordenação de adverbiais, trabalhamos com a hipótese (CEZARIO, 2004), segundo a qual quanto mais traços de transitividade uma oração tiver, menos chance haverá de uma locução vir separando o sujeito do verbo ou o verbo do objeto. Assim, nas orações altamente transitivas em que um sujeito agentivo realiza uma ação que afeta um objeto, esses constituintes básicos – sujeito e objeto – devem estar mais próximos do núcleo da oração, ou seja, do verbo. Os elementos circunstanciais codificados por locuções adverbiais não devem se inserir entre esses termos. No entanto, nas orações com baixíssima transitividade, como, por exemplo, as que são codificadas com verbos de ligação, as locuções podem ocorrer entre o sujeito e o verbo ou entre o verbo e o predicativo, além das demais posições.

Para esta análise, selecionamos os seguintes traços (os que se mostraram mais importantes na nossa pesquisa) dos 10 propostos por Hopper e Thompson: número de participantes, cinese, telicidade (perfectivo/não-

-perfectivo), modalidade da oração (realis, irrealis), agentividade do sujeito e afetamento do objeto.

A seguir apresentamos alguns dos resultados⁷ acerca dos adverbiais temporais em diferentes gêneros e sincronias.

Locuções adverbiais temporais/aspectuais em editoriais

Numa amostra de 100 editoriais do JB, coletados no período de 1999 a 2004 (ANDRADE, 2005; CEZARIO; ANDRADE; FREITAS, 2005), encontramos 198 dados com locuções adverbiais temporais/aspectuais. Verificamos que, nesse gênero, as locuções não têm uma posição prototípica, apresentando apenas uma pequena tendência de ocorrência na posição pós-verbal (55% dos 198 dados encontrados).

Para verificar se havia alguma relação entre o tipo semântico da locução e a posição desta, classificamos as locuções, de acordo Martelotta (1994) e em Ilari (2001), em:

a) locuções com função dêitica: são as locuções adverbiais que têm como função básica localizar um evento/situação no tempo, podendo determiná-lo ou não, como em (9), anteriormente referido.

(9) É seu primeiro investimento na candidatura a presidente *em 2002*.
(7-JB/1999)

b) locuções com função durativa: são as locuções adverbiais que têm como principal função expressar a duração inicial, final e/ou total de uma situação ou processo, delimitando-o ou não.

(10) *Ao longo dos anos* abriram-se eixos [...] e começou-se a construção de um anel viário... (38-JB/1999)

⁷ Os seguintes alunos de Pós-graduação realizaram pesquisas relacionadas ao projeto de ordenação de adverbiais temporais: Filipe Albani, Érika Pianura de Freitas, Queli Pacheco Andrade, Érika Ilogti e Júlia Nunes Costa.

c) locuções com função reiterativa: são as que se referem à repetição de um evento/situação, determinando-o ou não.

(11) *Todos os anos*, portanto, as autoridades se omitem diante de providências que deveriam ser tomadas automaticamente. (32-JB/1999)

d) locuções com valor de simultaneidade: são as que indicam que dois eventos ou situações ocorrem concomitantemente.

(12) O ministro José Dirceu e o secretário-geral Luiz Dulci cuidam do assunto *ao mesmo tempo*. (71-JB/2003)

Nos editoriais estudados, as locuções dêiticas tendem a ocorrer na posição pós-verbal (59% dos 116 dados com esse valor), ao contrário do que esperávamos, e as simultâneas (apenas 4% do total) se apresentam 75% das vezes na posição pré-verbal. Como essas fazem a ligação de dois fatos que ocorreram ao mesmo tempo e que foram codificados em orações consecutivas, era de se esperar que viessem logo no início da oração em análise. Observamos ainda que as locuções (tanto as pequenas como as mais longas), em editoriais, tendem a aparecer nas posições marginais à cláusula, ou seja, logo no início ou no final da cláusula.

As locuções, no gênero estudado, aparecem normalmente na posição de sujeito quando este está ausente (sujeito oculto ou oração sem sujeito) ou está na posição pós-verbal. Neste caso, ou seja, na ordem VS (verbo-sujeito), 74% das locuções coletadas estão na posição pré-verbal, como em (13). Mas, quando o sujeito está na sua posição prototípica, ou seja, na ordem SV, as locuções adverbiais aparecem 68% na posição pós-verbal, como em (14):

(13) *Nos últimos dois meses*, foi roubado o carro blindado do ministro da justiça. (47- JB/2003)

(14) A Libéria nasceu *em 1822*, como pátria de ex-escravos americanos. (40-JB/2003)

Locuções adverbiais temporais/aspectuais em textos religiosos contemporâneos

Nos textos religiosos,⁸ nossas pesquisas (cf. CEZARIO; ILOGTI; COSTA, 2005) demonstraram que as locuções tendem a ocorrer na posição pré-verbal (62% de um total de 340 dados), como em (15):

- (15) *Às vezes*, entra em cena a necessidade de carinho “mais pleno” porque há um “diálogo” que o exige ... (*Um coração que seja puro*)

Na amostra analisada, a noção de tempo é muito importante e muitas vezes é usada como um elemento argumentativo, pois os autores buscam ajudar os leitores a se encontrarem espiritualmente num momento de tanta individualidade e violência. Observemos o trecho abaixo:

- (16) À luz da Palavra de Deus, procuraremos, como fizemos na meditação anterior, descobrir pistas que nos levem ao encontro daquele que tanto procuramos.

Uma tarde, Saulo se dirigia a Damasco, com a autorização do Sumo Sacerdote para prender os cristãos que lá se achassem e trazê-los a Jerusalém a fim de castigá-los. (*Tocar o Senhor*)

O trecho (16) refere-se a dois parágrafos consecutivos, sendo que o primeiro faz referência ao tempo presente, e o segundo a um evento ocorrido no tempo em que Cristo viveu na Terra. Notemos que, na mudança de parágrafo e na troca de tempos cronológicos, há uma locução temporal, *uma tarde*. O uso de locuções na margem esquerda da oração, elucidando a oposição temporal, é um recurso largamente usado nesses livros religiosos.

Constatamos que a oposição de dois tempos cronológicos não existe neste tipo. Os demais tipos auxiliam na idéia de oposição temporal (mundo atual *versus* época de Cristo), seja localizando os eventos nas duas épocas, seja reiterando ações praticadas por personagens da época de Cristo em contraste com as ações das pessoas do mundo atual. Assim, as locuções que ex-

⁸ Utilizamos como *corpus* uma série de livros católicos contemporâneos escritos por padres brasileiros, como o Padre Zezinho (Oliveira, 1982) e o padre Léo (1994)..

pressam, de algum modo, a oposição de épocas tendem a ocorrer na posição pré-verbal, principalmente na margem esquerda da frase.

Com relação à hipótese que vincula transitividade e posição da locução, verificamos que as locuções que aparecem inseridas entre o sujeito e o verbo ou entre o verbo e o complemento⁹ estão em orações com baixíssima transitividade, como as com verbo de ligação ou com modal e verbo de ligação:

(17) A aclamação *depois da consagração* também pode ser cantada. (*Cantar em espírito e verdade*)

(18) Nossas músicas deverão ser *ao mesmo tempo* carismáticas e proféticas. (*Cantar em espírito e verdade*)

Já as orações com mais traços positivos de transitividade tendem a ter as locuções em posições marginais, como no exemplo (19) em que a locução *A seguir* ocorre na margem esquerda de uma oração altamente transitiva, com os seguintes traços (dentre os traços controlados nesta pesquisa): [+] participantes, [+] cinese, [+] aspecto perfectivo, [+] modalidade da oração, [+] objeto afetado, [+] agentividade do sujeito.

(19) [...] rangeu os dentes, mudou de cor, fez a pior carranca do universo, prendeu as mão e deu um grito de raiva. **A seguir** levantou o soldado pela roupa, virou o rosto e disse [...]. (*Um coração que seja puro*)

O advérbio *sempre* em textos religiosos no português arcaico e contemporâneo

Ao estudarmos a ordenação do advérbio *sempre* no português arcaico (com base no livro *Orto do Esposo*) e no português contemporâneo escrito (livros católicos contemporâneos), constatamos que há diferenças de tendências de ordenação nessas duas sincronias (ALBANI, 2007; ALBANI; CEZARIO, inédito).

Todos os fatores estudados indicam que, no português arcaico, a ordem era mais livre e mais motivada, enquanto no português atual a ordem

⁹ Consideramos na categoria C (complemento) o objeto, o complemento circunstancial e o predicativo.

é mais fixa. Apesar de mais motivada, a tendência de colocação do advérbio *sempre* no português arcaico era pré-verbal (71% dos dados), enquanto no português atual a posição prototípica é pós-verbal (83% dos dados). Há, portanto, um forte indício de mudança na ordenação do advérbio *sempre* em textos religiosos.

O fator “tipo semântico de verbo modificado pelo advérbio *sempre*” demonstrou que, no português arcaico, a semântica do verbo (HALLIDAY, 1994) motivava a colocação do advérbio: nos verbos materiais (como *dar*, *levantar* e *limpar*) e nos relacionais intensivos (como *ser*, *estar* e *estar em*), a posição típica do advérbio é pré-verbal. Já nos verbos mentais (como *perceber*, *achar* e *pensar*), a posição típica é VadvC, ou seja, entre o verbo e o complemento. No português atual, no entanto, o tipo de verbo não é relevante, pois o uso mais frequente é VAdvC, não importando o tipo semântico do verbo, como nos exemplos a seguir:

(20) Se continuar a servi-lo, você será **sempre** seu escravo. (*Tocar o Senhor*)

(21) Onde você pisa, deixa **sempre** alguma marca... (*Amor é vida*)

Não houve relação entre uso de *sempre* e transitividade. Os resultados apontam para a fixação do advérbio *sempre* na posição pós-verbal e, havendo complemento (C), o advérbio tende a ficar entre o verbo e o complemento, como nos últimos exemplos apresentados.

Usos qualitativos

Esta seção consiste na análise dos usos dos advérbios qualitativos em textos do século XVIII e XIX, retirados do *corpus* do PHPB-RJ: especificamente cartas pessoais, cartas de comércio, cartas oficiais, cartas de leitores e redatores e anúncios de jornais. Foram investigadas as ocorrências de *bem* e *mal*, assim como dos advérbios em *-mente*, em contextos em que esses itens modificam verbos, com o objetivo de observar as tendências de ordenação que esses advérbios apresentam nesses textos.

Embora a pesquisa focalize os séculos XVIII e XIX, busca também localizar essa fase da evolução histórica do português no contexto maior da

mudança nas tendências de ordenação desses itens desde o latim até o português atual, já detectada em outros trabalhos (MORAES PINTO, 2002, 2008; MARTELOTTA; BARBOSA; LEITÃO, 2002; MARTELOTTA, 2004; MARTELOTTA; VLCEK, 2006; MARTELOTTA; PROCESSY; SANTOS, 2008; BENEDITO, 2008). Essa ampliação do foco de análise se deve também ao fato de que, como será visto mais adiante, foram pouquíssimas as ocorrências desses itens nas cartas, o que impede uma análise mais aprofundada do fenômeno em estudo, sem que se leve em conta outras pesquisas elaboradas com base em outros *corpora*, e em outras épocas. A partir desses outros trabalhos, propõe-se aqui que a posição latina dos qualitativos, essencialmente pré-verbal, vai desaparecendo gradualmente em favor de uma tendência praticamente categórica para as posições pós-verbais no português atual, apresentando uma fase de variação pelo menos do português arcaico até o século XIX.

Uma pesquisa dessa natureza implica também observar outros valores que os itens em estudo podem apresentar, já que, normalmente, esses outros valores exibem ordenações diferentes na cláusula. Os usos não qualitativos podem ser vistos tanto no caso de *bem* e *mal*, que também podem apresentar valor interpessoal¹⁰ (ex.: como *bem* sabes, eu *mal* conheço essa pessoa), quanto no caso dos advérbios em *-mente*, que também podem assumir valores pragmático-discursivos como o de modalizador (ex.: *realmente*), o de atitude proposicional (ex.: *felizmente*) e o de atitude pragmática (ex.: *francamente*). Entretanto, esta análise vai se concentrar na ordenação dos usos qualitativos dos advérbios estudados, limitando-se a apenas exemplificar os usos interpessoais.

A teoria da gramaticalização está na base das restrições de ordenação dos itens em questão tanto no que diz respeito às tendências de ordenação dos itens em questão com função de advérbios qualitativos, quanto no que concerne à polissemia que os caracteriza. As restrições de ordenação dos qualitativos estão associadas ao nível de gramaticalização da cláusula em que eles ocorrem (GIVON, 1979; HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Por outro lado, os novos usos que se desenvolvem dos advérbios qualitativos modifi-

¹⁰ Consideramos que desempenham função interpessoal elementos que ajudam a promover a organização do texto, de modo que ele veicule significado no processo da interação verbal. Desse modo, apresentam valor interpessoal os elementos focalizadores os retomadores de assunto, os marcadores de contra-expectativa, os iniciadores de fala, os conectivos e, de um modo geral, elementos que refletem estratégias interativas de comunicação.

adores de verbos passam a apresentar funções de caráter mais gramatical (TRAUGOTT; DASHER, 2005; HEINE; KUTEVA, 2007).

Visão geral da mudança

Como foi mencionado anteriormente, essa análise parte do princípio de que a posição latina dos qualitativos, essencialmente pré-verbal, vai desaparecendo gradualmente em favor de uma tendência praticamente categórica para as posições pós-verbais no português atual, apresentando uma fase de variação pelo menos do português arcaico até o século XIX. O esquema abaixo traduz, em linhas gerais, essa mudança gradual que caracteriza as tendências de ordenação dos advérbios qualitativos:

LATIM: Posição predominantemente pré-verbal (MAROUZEAU, 1949; ERNOUT; THOMAS, 1993 [1951]; MARTELOTTA, PROCESSY; SANTOS, 2008).

PORT. ARC.: Variação, com o predomínio de ocorrências pré-verbais em cláusulas mais gramaticalizadas (MARTELOTTA, 2004).

PORT. DO SÉC. XIX: Forte diminuição da colocação pré-verbal no final do século (MARTELOTTA; VLCEK, 2006).

PORT. ATUAL: Posição pós-verbal em todos os tipos de cláusulas (MARTELOTTA, 2004)

Essas tendências têm sido detectadas para o português em diversos trabalhos, como os de Moraes Pinto (2002, 2008) e Martelotta (2006) para os advérbios em *-mente* e Martelotta (2004) e Benedito (2008) para os advérbios *bem* e *mal*. De um modo geral, esses estudos partem da hipótese de que existem estruturas sintáticas mais conservadoras do que outras e entre as mais conservadoras estão as que apresentam maior grau de gramaticalização, ou seja, mais encaixamento sintático: as hipotáticas e as subordinadas (MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988; HOPPER; TRAUGOTT, 2003).¹¹

¹¹ Segundo essa visão as cláusulas tradicionalmente classificadas como adverbiais e adjetivas explicativas, por apresentarem níveis de encaixamento menor, não devem ser incorporadas às subordinadas, que apresentam altos graus de encaixamento, sobretudo quando reduzidas. Desse modo, as adverbiais e as adjetivas explicativas são caracterizadas como hipotáticas, ficando apenas as substantivas e as adjetivas restritivas entre as subordinadas.

Base teórica: gramaticalização

A teoria da gramaticalização está na base deste trabalho tanto no que diz respeito à polissemia dos elementos estudados, quanto à questão da sua ordenação. No que diz respeito às questões polissêmicas, pode-se dizer que os novos usos que se desenvolveram dos advérbios qualitativos, modificadores de verbos, passaram a apresentar funções de caráter mais gramatical (TRAUGOTT; DASHER, 2005). Desse modo, o advérbio *bem* pode desenvolver valores associados à noção de foco e os advérbios em *-mente*, usos típicos de modalizador:

- (22) ... sirva em tudo o quanto puder pois vossa merce *bem* save o quanto eu lhe sou obrigado. (Séc. XVIII)
Esta carta *provavelmente* não te-a-| chará em Paris: irá ter á Suissa, ou | á estação de agoas a que voces forem.

Esses usos não qualitativos tendem a apresentar ordenações diferentes das que caracterizam os advérbios qualitativos. O item *bem* no exemplo (22) apresenta uma colocação pré-verbal, enquanto que o seu uso qualitativo tende para as posições pós-verbais, sobretudo em cláusulas menos gramaticalizadas. Os advérbios modalizadores em *-mente*, do tipo apresentado em (23) tende às posições periféricas da cláusula: colocam-se normalmente no início e no fim da cláusula, modificando não o verbo em si, mas o conteúdo da cláusula como um todo.

No que concerne às restrições de ordenação, o nível de gramaticalização da cláusula em que ocorrem os qualitativos tem influência sobre sua colocação (GIVON, 1979; HOPPER; TRAUGOTT, 2003). De acordo com Givón (1979), a distribuição dos elementos significativos em cláusulas subordinadas é sempre mais restrita. Isso ocorre não apenas porque essas cláusulas tendem a apresentar uma estrutura mais cristalizada, mas, sobretudo, por ser menos pressuposicionais, no sentido de que sua interpretação depende de menos material inferível do que a interpretação das demais estruturas. Isso faz com que as subordinadas tendam a exibir grande conservadorismo sintático, sobretudo, no que diz respeito à ordenação vocabular. Assim, as cláusulas com baixos níveis de gramaticalização tenderão a apresentar ordenações mais antigas. O esquema abaixo apresenta os dois grandes tipos de cláusula observados nesta pesquisa:

| | | |
|--------------------|----|---------------------|
| <i>Principais/</i> | vs | <i>Hipotáticas/</i> |
| <i>Coordenadas</i> | | <i>Subordinadas</i> |
| ↓ | | ↓ |
| -gramaticalizadas | | +gramaticalizadas |
| -cristalizadas | | +cristalizadas |
| -conservadoras | | +conservadoras |

Os dois exemplos abaixo, envolvendo o advérbio qualitativo *bem* demonstram a variação de colocação dos qualitativos, que podiam aparecer em posição pré ou pós-verbal. Em (24) pode-se observar uma ocorrência pós-verbal do item em uma cláusula absoluta e em (25) um uso pré-verbal, muito comum em hipotáticas finais reduzidas de infinitivo até o século XIX:

- (24) Bravo,| meu velho: continua a applicar-te para nos | dar gostos. Escrever *bem* é uma bonita prenda. (Séc. XIX)
- (25) Eé esta Junta servido nomear para servir o dito officio, a Custodio Manoel da Sylva Guimaraes, por EleConctar dasua capacidade, Zelo, Linpeza demaos edeter as partes neceçarias para *bem* oexercer.

Expectativa

Espera-se encontrar uma quantidade representativa de qualitativos pré-verbais no século XVIII, sobretudo em cláusulas com graus maiores de gramaticalização. Quanto ao o século XIX, que é um importante período de transição para o português do Brasil (TARALLO, 1993; PAGOTTO, 1998), espera-se detectar a diminuição gradual dos usos pré-verbais no decorrer do século. Em termos mais específicos, os qualitativos pré-verbais devem ficar cada vez mais restritos ao conservadorismo das cláusulas +gramaticalizadas e, com o passar do tempo, devem desaparecer também desses tipos de cláusula. Acredita-se que o século XIX seja o período em que essa mudança se concretiza.

Para observar mais de perto o que ocorre no século XIX, os textos foram divididos de acordo com uma separação feita no *corpus* do PHPB-RJ. Os textos desse século aqui analisados foram distribuídos por três diferentes períodos de tempo:

1a fase: textos de 1801 a 1840

2a fase: textos de 1841 a 1870

3a fase: textos de 1871 a 1900.

A expectativa é que a terceira fase apresente poucas ocorrências pré-verbais.

Resultados

A partir de agora serão observados os resultados da análise dos dois séculos observados. Começemos pelo século XVIII. A tabela abaixo apresenta a distribuição dos advérbios qualitativos *bem*, *mal* e em *-mente* pelas posições observadas em cláusulas mais e menos gramaticalizadas:

Tabela 3: Tipos de ordenação de qualitativos no século XVIII

| ADV | -GRAM | +GRAMATICAL | | | | | | | | |
|--------------|-----------|----------------|----------|------------------|-----------|-----------|----------|-----------------|----------|-----------|
| | | Hipotat | | Hipotat Relat | | Subord | | Subord Relat | | Total |
| | | R ¹ | NR | R | NR | R | NR | R | NR | |
| VA | 18 35% | 4 | | | 2 | 6 | 6 | | 1 | 37 |
| VXA | | | 1 | 2 | 3 | 5 | 3 | | | 14 |
| AV | 6 16% | 1 | 5 | 2 | 14 | 3 | | | 3 | 34 |
| AXV | | 1 | | | 3 | | | | | 4 |
| Total | 24 | 6 | 6 | 4 | 22 | 14 | 9 | | 4 | 89 |

Os dados são poucos, mas demonstram algumas tendências interessantes. Pode-se notar que, do total de 89 ocorrências de qualitativos, 38 casos, ou 42,6% de ocorrências apareceram em posições pré-verbais: AV e AXV. Por outro lado, observa-se que, entre essas ocorrências pré-verbais, apenas 16% apareceram em cláusulas -gramaticalizadas, o que indica uma forte tendência dessa ordenação para esse tipo de cláusula no século XVIII.

A tabela abaixo apresenta a distribuição dos advérbios qualitativos *bem*, *mal* e em *-mente* pelas posições observadas em cláusulas mais e menos gramaticalizadas, no século XIX:

Tabela 4: Tipos de ordenação de qualitativos no século XIX

| ADV | -GRAM | +GRAMATICAL | | | | | | | | Total |
|--------------|------------|-------------|----|----------------|----|--------|----|---------------|----|-------|
| | | Hipotat | | Hipotat Rel | | Subord | | Subord Rel | | |
| | | R | NR | R | NR | R | NR | R | NR | |
| VA | 124 59% | 10 | 19 | 3 | 6 | 18 | 17 | | 12 | 209 |
| AV | 3 4,7% | 16 | 9 | 1 | 11 | 4 | 4 | 4 | 11 | 63 |
| Total | 127 | 26 | 28 | 4 | 17 | 22 | 21 | 4 | 23 | 272 |

A Tabela 4, se comparada com a que se refere ao século XVIII, apresenta dois resultados muito interessantes. Em primeiro lugar, pode-se perceber, no século XIX, uma grande diminuição de ocorrências em posições pré-verbal: de 42,6% do total no século XVIII para 23% do total de ocorrências no século XIX: 63 casos do total de 272. Em segundo lugar, desaparecem as posições AXV e VXA, ficando os qualitativos mais próximos ao verbo. Esses dois resultados apontam para um caminhar em direção às tendências de ordenação desses advérbios no português atual: a posição imediatamente posterior ao verbo (MARTELOTTA, 2004).

Para ratificar essa caminhada gradual, é interessante observar a tabela abaixo, que compara o século XVIII e as 3 fases do século XIX:

Tabela 5: Trajetória de ordenação de qualitativos no português:

| ADV | XVIII | XIX | XIX | XIX |
|------------|-------|---------|---------|---------|
| | | 1ª Fase | 2ª Fase | 3ª Fase |
| Pré-verbal | 38 | 21 | 27 | 15 |
| | 42,6% | 40,3% | 28,7% | 11,9% |
| Pós-verbal | 51 | 31 | 67 | 111 |
| | 56,6% | 59,7% | 71,3% | 88,1% |
| Total | 89 | 52 | 94 | 126 |

O que a Tabela 5 mostra de interessante é a diminuição gradual das posições pré-verbais. A primeira coluna da tabela apresenta uma diminuição de 42,6% no século XVIII para apenas 11,9% na segunda fase do século XIX.

Usos da negação

Esta seção busca apresentar evidências de que a distribuição do advérbio *não* nas orações negativas dupla e final no português do Brasil é motivada pela atuação de pressões comunicativas e cognitivas que atuam sobre o sistema linguístico. A posição estrutural do marcador negativo aponta para um processo de mudança na ordenação vocabular das construções que codificam o domínio funcional da negação.

No português do Brasil (PB) co-ocorrem três estratégias de negação oracional:

a. a negativa canônica pré-verbal *não*+SV:

(26) ... só que com a luz acesa *a gente não conseguia dormir...* (D&G/Natal, p. 273)

b. a negativa dupla não + SV + não:

(27) ... mude pra um ambiente mais limpo ... porque *sua rinite num tá muito boa não* ... (D&G/Natal, p. 364)

c. a negativa final SV + não:

(28) ... tudo eu faço ... sabe? *tem isso comigo não* ... (D&G/Natal, p. 264)

A variação atestada no PB atual entre a negativa pré-verbal (*não*+SV), a negativa dupla (*não*+SV+*não*) e a negativa pós-verbal (V+*não*) representa um processo universal comum conhecido como ‘o ciclo de Jespersen’:

O advérbio negativo original primeiramente se enfraquece, depois é considerado insuficiente e, portanto, é reforçado, geralmente através de alguma palavra adicional que, por sua vez, pode ser entendida como a própria negativa e então, no curso do tempo, pode estar sujeita ao mesmo desenvolvimento que a palavra original. (JESPERSEN, 1917, p. 4)

Estudos sobre a negação oracional têm geralmente atribuído a existência de negativas duplas e finais nas línguas românicas à teoria do contato com línguas africanas. Fundamentada no quadro teórico da vertente funcionalista norte-americana, descarto a hipótese da influência de falares crioulos e argumento que os atuais padrões estruturais do advérbio *não* no PB podem ser explicados com base no modelo das motivações competidoras, assim proposto em Haiman (1983, 1985), Du Bois (1985) e Givón (1995).

A análise desta seção compreende dados sincrônicos, extraídos do Corpus Discurso & Gramática (D&G), composto por textos orais e seus correspondentes escritos produzidos pela comunidade estudantil de diferentes cidades do Brasil (Natal/RN, Rio de Janeiro/RJ, Niterói/RJ, Juiz de Fora/MG e Rio Grande/RS), e dados diacrônicos, recolhidos em textos representativos do português escrito arcaico (do século XIII até meados do XIV): A demanda do Santo Graal, Auto do pastoril português, Obras-primas do teatro vicentino, Obras completas de Gil Vicente, Crestomatia arcaica, A mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório, Um tratado da cozinha portuguesa do século XV, Crônica de D. Pedro I e Crônica de D. Fernando.

A hipótese crioulista

O estudo das estratégias de negação no PB se insere no debate em torno da questão de se construções características do PB decorrem de uma base crioula ou se seriam o resultado de mudanças naturais a que qualquer sistema linguístico está sujeito.

A gênese de negativas duplas e finais nas línguas românicas tem sido apontada como um traço de crioulição resultante da influência da estrutura de línguas africanas (SCHWEGLER, 1991; HOLM, 1988; MARROQUIM,

1934; SILVA NETO, 1986; ELIA, 1979; CAMARA JR., 1976, entre outros). Schwegler (1991) relaciona a existência das negativas duplas e finais no PB, no francês, em alguns dialetos italianos e em outras línguas hispanoamericanas, faladas na Colômbia, em Cuba e São Domingos, ao contato com línguas africanas, o que evidenciaria a origem crioula do PB. Para esse autor as duas negativas pós-verbais do PB estão associadas a funções pragmáticas distintas: a negativa padrão, pressuposicionalmente neutra, é usada para negar uma asserção, enquanto as negativas dupla e final, pressuposicionalmente marcadas, são usadas para rejeitar uma expectativa (explícita ou implícita) no discurso precedente.

A análise de meus dados não sustenta o argumento de Schwegler e revela que as negativas padrão, dupla e pós-verbal podem ser intercambiáveis uma vez que são usadas para recusar, rejeitar ou contradizer uma expectativa ou asserção previamente mencionada ou pressuposta no texto (FURTADO DA CUNHA, 2000), como nos exemplos que se seguem. Em (29), a negativa dupla rejeita uma asserção presente no contexto imediato, exemplificando, assim, uma negação explícita. O falante está narrando o filme *Uma linda mulher*. A negativa é usada para refutar a informação dada pelo próprio falante de que o carro que seguia o personagem principal estava sendo dirigido por seu próprio motorista.

(29)... e um motorista dele... nesse tempo ele... num era... *num era um motorista dele não...* era do hotel... porque ele ficou sem motorista... (D&G/Natal, p. 244)

A negativa em (30) é usada para negar uma asserção implícita, algo que o falante assume que o seu interlocutor está inclinado a ouvir. Ou seja, a negativa desfaz uma expectativa “incorreta” (GIVÓN, 1979). Nesse trecho, a falante conta o filme *Mudança de hábito*, no qual a personagem principal, uma cantora de boate que procura abrigo em um convento, se envolve com o coral da igreja:

(30) ... a nova regente... *ela não tava sabendo reger direito...* a regente do coral... tava errando lá um monte de coisas... né... quando ia dar as notas pra pessoa... *não dividia o coral em vozes ... né... soprano... contralto... esse negócio todo...* (D&G/Natal, p. 278)

Dado nosso conhecimento do senso comum, espera-se que um regente de coral tenha conhecimentos musicais que lhe permitam desempenhar essa tarefa a contento. A negativa contradiz essa expectativa.

É possível concluir, dos exemplos citados, que as construções negativas se sobrepõem funcionalmente no que diz respeito à sua motivação discursiva.

A análise dos dados sincrônicos forneceu os resultados dispostos na tabela abaixo, que exhibe a distribuição das estratégias negativas nos diferentes *corpora Discurso & Gramática*, de acordo com a modalidade do texto:

Tabela 6: Distribuição dos tipos de negativa por modalidade de texto

| <i>Corpus D&G</i> | FALA | | | ESCRITA | | |
|-----------------------|--------|------------|--------|---------|------------|--------|
| | não+SV | não+SV+não | SV+não | não+SV | não+SV+não | SV+não |
| Natal | 1656 | 180 | 11 | 196 | 1 | 0 |
| Rio de Janeiro | 886 | 81 | 2 | 327 | 2 | 0 |
| Niterói | 161 | 14 | 0 | 52 | 0 | 0 |
| Juiz de Fora | 301 | 51 | 1 | 70 | 0 | 0 |
| Rio Grande | 267 | 0 | 0 | 77 | 0 | 0 |
| Total | 3271 | 326 | 14 | 722 | 3 | 0 |

Como se pode ver na Tabela 6, não foi registrada nenhuma ocorrência das negativas dupla e final nos dados do Rio Grande, assim como também não há negativa final no *corpus* de Niterói. Não se pode ter certeza de que essas construções não estão presentes nessas variedades regionais ou se não aparecerem nos dados porque os contextos favorecedores do seu uso não se fizeram presentes na amostra examinada. Em segundo lugar, fala e escrita diferem com relação à ocorrência dos padrões negativos: enquanto todas as três estratégias estão presentes na oralidade, nos textos escritos a negativa dupla só apresenta três ocorrências e a negativa final não ocorre. Essa distribuição reflete a trajetória de emergência das negativas dupla e final, que se manifestam primeiramente no discurso falado. O registro mais formal, nesse caso, a língua escrita, evita os novos padrões. Como era de se esperar, as formas

mais novas estão associadas a forças sociolinguísticas inovadoras, tais como falantes mais jovens, modalidade oral e estilo coloquial.

Quanto aos dados diacrônicos, a negativa dupla e a final não são registradas no período que vai do século XIII ao XV, em que só se constata a negativa canônica. É nos textos da primeira metade do século XVI, mais especificamente, nos textos de Gil Vicente, que se dão as sete ocorrências da negativa dupla, como:

(31) Velha. Enjeitas tu o fiar?

Isabel. *Que não hei-de fiar, não! (Quem tem farelos? 1515)*

É importante enfatizar que, ao menos em textos escritos, a negativa dupla não é uma construção exclusiva do PB, podendo ser atestada não só no português arcaico, nos textos de Gil Vicente, como também no PE do século XVI e no PE atual, em contextos de uso semelhantes aos do PB. A diferença básica entre o PE e o PB tem a ver com a frequência de uso da negativa dupla, que parece ser muito maior no PB do que no PE.

Os fatos discutidos aqui sugerem que a negativa dupla, característica da norma vernácula brasileira, já estaria prefigurada no português europeu, evidenciando a atuação do princípio do uniformitarismo. Diferentemente do PE, o PB vernacular teria avançado a mudança embrionária do sistema de negação presente no português que veio da Europa, hipótese plausível dada a deriva secular das línguas românicas, conforme Naro e Scherre (1993).

Pressões comunicativas e cognitivas

De origem neogramática, o princípio do uniformitarismo tornou-se um ingrediente essencial em grande parte das pesquisas linguísticas históricas (LABOV, 1994). Ele prevê que tendências hoje em curso devem ter atuado em estágios anteriores da língua e possivelmente continuarão a atuar. A noção de unidirecionalidade, tal como proposta pelo paradigma da gramaticalização, leva à hipótese de que existem fatores de ordem cognitiva, sociocultural e comunicativa que norteiam a mudança. Nesse sentido, pode-se falar em pancronia, ou leis gerais que se fundamentam em bases não exclusivamente estruturais e admitir que há transformações que ocorrem em todos os tempos e lugares (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; VOTRE, 1999).

Em síntese, sugiro os seguintes estágios no desenvolvimento das negativas pós-verbais no PB, motivados por fatores de natureza diversa, pragmáticos, cognitivos, sintáticos e fonológicos:

1. reforço opcional da negação através de acréscimo de *não* pós-verbal;
2. reanálise do *não* pós-verbal como elemento obrigatório via repetição de uso;
3. redução fonológica do *não* tônico pré-verbal para *num* átono;
4. eliminação da redundância através da omissão do *não* pré-verbal.

O paradigma de gramaticalização inclui um número de princípios para explicar um tipo especial de variação e mudança linguística. Tem por objetivo dar conta da gênese e do desenvolvimento de padrões gramaticais em termos de manipulação pragmática e cognitiva, por meio da qual conceitos e estruturas, como um resultado de implicaturas conversacionais, recebem interpretações mais gramaticais em contextos específicos. A gramaticalização é aqui entendida como um processo de transição através do qual uma estrutura avança da pragmática para a sintaxe. Nesse sentido, o processo de gramaticalização envolve a reanálise de um padrão do domínio do uso da língua para o domínio da estrutura linguística, isto é, a reanálise de um padrão discursivo em um padrão sintático.

É interessante observar que as estratégias de negação no PB refletem algumas das características mais salientes da gramaticalização: a) sobreposição, que se refere à coexistência de várias camadas do mesmo fenômeno gramatical; b) enfraquecimento fonológico e semântico de uma forma como gatilho para a emergência de uma nova forma funcionalmente equivalente; c) processos morfossintáticos que levam à iconicidade entre forma e função e, finalmente, d) reanálise, através da qual um marcador originalmente opcional passa a ser usado como um marcador regular.

Sob a perspectiva funcionalista, a gramática de uma língua natural se ajusta a pressões internas e externas ao sistema, que interagem e se confrontam constantemente. Levando em consideração os propósitos, as necessidades e os esforços do falante e do ouvinte na situação de interação comunicativa, admite-se que há diferentes motivações que competem por um determinado domínio funcional (FURTADO DA CUNHA, 2001). De um lado, há uma tendência em maximizar a informatividade: tendo o ouvinte como meta, o falante tenta ser informativo e claro para atingir seus propósitos comunicativos. Do outro lado, há uma tendência em maximizar a economia: o falante tende a

reduzir o sinal falado no discurso rápido, com consequente desgaste fonológico e desbotamento semântico. Em última análise, são essas necessidades e restrições do falante e do ouvinte que configuram a forma da língua.

As tendências simultâneas de maximização da informatividade e da economia refletem a interação de duas motivações que atuam no domínio funcional da negação: uma no sentido da recuperação da iconicidade e a outra em sentido contrário, em direção à economia, tendo como efeito a perda de iconicidade. Desse modo, pode-se interpretar a suposta arbitrariedade da negativa pós-verbal como a resolução de uma competição entre motivações icônicas e econômicas. Por um lado, dada a redução do ditongo do *não* pré-verbal para *num*, a necessidade de manter a clareza comunicativa leva ao surgimento da negativa dupla, em um movimento em direção à iconicidade (maximização da informatividade); por outro, a pressão por economia, dada a rapidez na produção da fala, motiva o desenvolvimento da negativa pós-verbal, em um movimento contra a iconicidade (maximização da economia). A perda de transparência da mensagem é compensada pelo ganho em velocidade de processamento da informação. Assim, a economia discursiva supera a transparência semântica como motivação para a emergência da negativa pós-verbal e, nesse conflito com a iconicidade, a economia vence. Com relação à presença do marcador negativo, então, a negativa dupla é icônica enquanto a negativa final é econômica.

Embora à primeira vista a negativa final pareça arbitrária, ela é diacronicamente motivada, se admitirmos que a direcionalidade da mudança na negação vai da negativa pré-verbal à negativa dupla e daí à negativa pós-verbal. Temos, desse modo, uma sucessão de mudanças, das quais uma é responsável pela restauração da iconicidade entre forma e função (negativa dupla) enquanto a outra causa uma perda da iconicidade (negativa final).

Do que foi exposto, conclui-se que o modelo das motivações competidoras possibilita justificar a ocorrência das três construções negativas no PB como resultado do conflito entre iconicidade e economia. Não é necessário, portanto, recorrer à influência de falares crioulos para explicar a existência desses padrões negativos pós-verbais nessa língua. Junte-se às evidências arroladas acima o fato de que, como corretamente argumentam Naro e Scherre (1993, 2000), parece improvável que tenha existido uma língua *pidgin* ou crioula de base lexical portuguesa e gramática africana associada predominantemente com a etnia afro-brasileira que não tenha deixado nenhum registro.

Considerações finais

Os resultados e análises aqui apresentados apontam aspectos de continuidade, de variabilidade e de mudança nos padrões funcionais dos usos adverbiais no português. A pesquisa tem revelado que as distintas circunstâncias ou subclasses desse conjunto prototípico tendem a assumir traços semântico-sintáticos específicos, reveladores do hibridismo categorial dos adverbiais. Por outro lado, as distinções de sentido e de ordenação, conforme nossa exposição, são passíveis de interpretação, são capazes de serem investigadas e tratadas à luz do suporte funcionalista, tanto em termos de seus aspectos estruturais quanto em termos de sua motivação pragmático-discursiva.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário Eduardo; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Adverbials in Brazilian Portuguese – semantics and syntax in functional perspective. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 7-39, 2013 [2011].

ABSTRACT: *Analysis of functional patterns involved in the use of locative, temporal/aspectual, qualitative and negative adverbials in Brazilian Portuguese, based on their prototypical nature. Survey of extra and intralinguistic discourse-pragmatic aspects that motivate ordering, polysemy and grammaticalization of adverbials in the trajectory of Brazilian Portuguese. Identification of signs of continuity, variability and change, which characterize those uses.*

KEYWORDS: *Adverbials. Ordering. Semantics. Brazilian Portuguese.*

Referências

- ALBANI, F. **Ordenação do advérbio sempre no português arcaico e no contemporâneo**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.
- ALBANI, F.; CEZARIO, M. M. **Mudança na ordenação do advérbio “sempre” na história do português escrito**. Rio de Janeiro: UFRJ, inédito.
- ANDRADE, Q. P. **Ordenação das locuções adverbiais de tempo em editoriais**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.
- BATORÉO, H. **Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição**. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BENEDITO, S. Polissemia e ordenação do item mal no português escrito: uma análise diacrônica. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

BRINTON, L.; TRAUGOTT, E. **Lexicalization and language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

CAMARA JR., J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CASTILHO, A. Os mostrativos no português falado. In: CASTILHO, A. (Org.) **Gramática do português falado**: as abordagens. v. III. São Paulo: Ed. da Unicamp, 1993. p. 119-147.

CEZARIO, M. M.; ANDRADE, Q. P.; FREITAS, E. P. Ordenação de adverbiais temporais e aspectuais. In: HENRIQUES, C.; SIMÕES, D. (Org.) **Língua portuguesa**: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino. Rio de Janeiro: Europa, 2005. p. 212-218.

CEZARIO, M. M.; ILOGTI, E. C.; COSTA, J. O. Ordenação de adverbiais temporais ou aspectuais. *Transformar, Revista do CenPE/Fundação São José, Itaperuna, Templo Gráfica*, n. 3, p. 189-203, 2005.

CEZARIO, M. M.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; WILSON, V. Ordenação de advérbios em textos religiosos. **Matraga**, Revista de Pós-Graduação em Letras, Rio de Janeiro, v. 16, p. 164-177, 2004.

CUNHA, A. G.; CAMBRAIA, C.; MEGALE, H. (Org.) **A carta de Pero Vaz de Caminha**. São Paulo: Humanitas, 1999.

DAHL, O. Inflationary effects in language and elsewhere. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Org.) **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjaming Company, 2001. p. 471-480.

ELIA, S. **A unidade linguística no Brasil**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

ERNOUT, A.; THOMAS, F. **Syntaxe latine**. 2. ed. Paris: Éditions Klincksieck, 1993 [1951].

FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org.) **Gramaticalização no português do Brasil**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 167-190.

_____. A negação no português: uma perspectiva pancrônica. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.) **Procedimentos discursivos na fala de Natal** – uma abordagem funcionalista. Natal: EDUFRRN, 2000. p. 11-48.

- FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. (Org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2003.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; VOTRE, S. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 15, p. 85-111, 1999.
- GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- _____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- _____. **On understanding grammar**. New York/San Francisco/London: Academic Press, 1979.
- HAIMAN, J. Iconic and economic motivation. **Language**, v. 59, p. 781-819, 1983.
- HAIMAN, J. (Ed.). **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985.
- HALLIDAY, M. K. **An introduction to Functional Grammar**. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. **The genesis of grammar: a reconstruction**. New York: Oxford University Press, 2007.
- HOLM, J. Creole influence on popular Brazilian Portuguese. In: GILBERT, G. (Ed.). **Pidgin and creole languages**. Honolulu: University of Honolulu Press, 1988.
- HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, v. 56, n. 2, 1980, p. 251-299.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- ILARI, R. **A expressão de tempo em português**. São Paulo: Contexto, 2001.
- ILARI, R. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. (Org.) **Gramática do português falado: a ordem**. v. 1. São Paulo: Ed. da Unicamp/Fapesp, 1990. p. 63-141.
- JUNGBLUTH, K. Binary and ternary deictic systems in speech and writing. **Philologie am Netz**, v. 15, Berlin, p. 1-24, 2001.
- LABOV, W. **Principles of linguistic change – internal factors**. Cambridge: Blackwell, 1994.
- LÉO, Pe.scj. **Tocar o Senhor**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

MAROUZEAU, J. **L'ordre des mots dans la phrase latine**. Tome III: les articulations de l'énoncé. Paris: Société d'Édition Les Belles Letres, 1949.

MARROQUIM, M. **A língua do nordeste**. Curitiba: HD Livros, 1996 [1934].

MARTELOTTA, M. E. **Os circunstanciadores temporais e sua ordenação**: uma visão funcional. 1994. Tese (Doutorado em Linguística) - UFRJ, Rio de Janeiro, 1994.

_____. **Ordenação dos advérbios bem e mal no português escrito**: uma abordagem histórica. Rio de Janeiro: Relatório final apresentado ao CNPq, 2004.

_____. Ordenação dos advérbios qualitativos em *-mente* no português escrito no Brasil nos séculos XVIII e XIX. **Gragoatá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF**, v. 21 – Usos linguísticos, Niterói, p. 11-26, 2006.

MARTELOTTA, M. E.; BARBOSA, A.; LEITÃO, M. Ordenação de advérbios intensificadores e qualitativos em *-mente* em cartas de jornais do séc. XIX: bases para uma análise diacrônica. In: DUARTE, M. E.; CALLOU, D. (Org.) **Para a história do português brasileiro** – Notícias de *corpora* e outros estudos – v. IV. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras de UFRJ/FAPERJ, 2002. p. 167-176.

MARTELOTTA, M. E.; PROCESSY, W.; SANTOS, M. Ordenação de advérbios no latim clássico e no latim medieval. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói: UFF, inédito.

MARTELOTTA, M. E.; VLCEK, N. Advérbios qualitativos em *-mente* em cartas de jornais do século XIX. **Linguística**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ, Rio de Janeiro, UFRJ, v 2, no. 1, p. 5-22, 2006.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and “subordination”. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. **Clause combining in grammar and discourse**. Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 275-329.

MORAES PINTO, D. Gramaticalização e ordenação nos advérbios qualitativos e modalizadores em *-mente*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

_____. **Os Advérbios Qualitativos e Modalizadores em -mente e sua ordenação**: uma abordagem Diacrônica. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. Concordância variável em português: a situação no Brasil e em Portugal. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN – Anais II. Fortaleza: Abralín, 2000, p. 40-71.

_____. Sobre as origens do português popular do Brasil. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, n. 9, p. 437-454, 1993.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

OLIVEIRA, J. F. **Um coração que seja puro**. 10. ed. São Paulo: Paulus, 1982.

OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M.; ALBANI, F. Articulação adverbial no discurso religioso. **Linguagem em (Dis)curso, Tubarão**, v. 5, n. 2, Tubarão, p. 295-322, 2005.

PAGOTTO, E. Norma e condescendência: ciência e pureza. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, v. 2, Canoas, p. 49-68, 1998.

PAIVA, M. C. Proformas adverbiais e encadeamento dêitico. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Português brasileiro** – contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 132-143.

Pe. Léo. **Tocar o Senhor**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

RONCARATI, C. A negação no português falado. In: MACEDO, A.; RONCARATI, C.; MOLLICA, C. (Org.) **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 97-112.

SCHWEGLER, A. Predicate negation in contemporary Brazilian Portuguese – a change in progress. **Orbis**, v. 34, Campina Grande, p. 187-214, 1991.

SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.) **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1991/1993. p. 69-106.

THOMPSON, S.; HOPPER, P. Transitivity, clause structure and argument structure: Evidence from conversation. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Org.) **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Company, 2001. p. 27-60.

TAYLOR, J. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. Oxford: Clarendon Press, 1995.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

UMA PROPOSTA PARA ESTUDO DA HISTÓRIA SOCIAL DA LÍNGUA COMO OBJETO TRANSISTÊMICO

Hélcio Batista PEREIRA¹
Marilza de OLIVEIRA²
Priscilla Barbosa RIBEIRO³

RESUMO: O presente trabalho pretende contribuir para o estudo na área de História Social da Língua. Partindo da *sociolinguística paramétrica* (TARALLO; KATO, 2007) conciliada à teoria sociológica de Pierre Bourdieu (1994, 2003), propomos uma abordagem transistêmica da língua. Nessa perspectiva, concebemos que esta é gerada em dois níveis complementares: no nível biológico e inato, a faculdade da linguagem, após amadurecimento, dota o indivíduo de *competência linguística* (CHOMSKY, 1986); no nível de natureza social, o *habitus*, depois de internalizado, concede-lhe um certo *capital linguístico*. A partir desse percurso teórico, apresentamos alguns resultados encontrados recentemente a partir dessa abordagem: a reconstrução da realização do sujeito pela elite paulistana do início do século XX; a interpretação das diferenças dos usos linguísticos de Pereira Barreto e Eduardo Prado, dois intelectuais paulistas do período republicano, com especial foco para a função do sujeito e, finalmente, da interpretação sociohistórica da ordem dos constituintes nos documentos produzidos no âmbito da Escola Normal da Capital ao final do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Chomsky. Bourdieu. Labov. Competência Linguística. *Habitus* Linguístico.

Introdução

Dotar os estudos linguísticos de uma discussão sociohistórica, escopo do presente trabalho, impõe a diluição de fronteiras entre as áreas de co-

¹ Docente do Departamento de Letras - Instituto de Ciências Sociais e Comunicação – UNIP; São Paulo-SP, Brasil. helcius@usp.br

² Docente da Universidade de São Paulo - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas; São Paulo- SP, Brasil. marilza@usp.br

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; São Paulo-SP, Brasil. priscillaribeiro@usp.br

nhecimento. Com efeito, a língua, como objeto transistêmico, está alicerçada numa plataforma histórica e social e, por isso, não pode ficar circunscrita a um único matiz interpretativo. Ou seja, é preciso transitar entre as diferentes disciplinas, adensar o diálogo, para compor, com base nessa paleta de conhecimentos, um determinado quadro linguístico.

Inscrita na área da História Social da Língua, a proposta de análise que pretendemos desenvolver requer uma concepção teórica que supere as oposições entre a noção de estrutura internalizada nos indivíduos e o enquadramento da língua como produto social. Observamos ser necessário um modelo teórico que espouse a ideia de que a língua é um processo mental/cerebral, herdado biologicamente de nossos ascendentes, mas que só ganha significação e sentido no seu uso social.

Uma primeira linha matricial desse aparato que concilia as visões internas e externas da língua é tributária, no Brasil, a Tarallo e Kato (2007),⁴ que propuseram uma trama fina entre os dois modelos, criando a *sociolinguística paramétrica* ou o *variacionismo paramétrico*.

De fato, o entrelaçamento dos parâmetros gerativistas às variáveis sociolinguísticas otimizou o alcance descritivo dos fenômenos linguísticos. Entretanto, como propõe Gombrich (1995) para a pintura, uma descrição só faz sentido se explorada sua relação com outros objetos. A partir dessa relação é que se pode dar conta do objeto em sua totalidade, alcançando-se assim a adequação explicativa. Um caminho para se atingi-la é, a nosso ver, por meio da conciliação da sociolinguística paramétrica à proposta sociológica de Pierre Bourdieu.

O sociólogo propôs um modelo que, assim como o de Chomsky, tem característica gerativa, permitindo ao indivíduo a produção infinita de discursos, em um processo regulado pelo *habitus* linguístico.⁵ Adotando a metáfora da economia, Bourdieu sugere a existência de um mercado linguístico em que produtos linguísticos entram em concorrência. Este mercado caracteriza-se pela distribuição desigual do capital (linguístico) entre os agentes, de modo a produzir e alimentar o *poder simbólico* de usos linguísticos que, por sua vez, numa via de mão dupla, reinstala a distribuição desigual do capital.⁶

⁴ A primeira publicação desse texto data de 1989.

⁵ O conceito bourdiesiano de *habitus* difere da noção comum de *hábito*.

⁶ O assunto será retomado em seções posteriores.

A partir daí, iremos propor um arcabouço teórico com o qual procuraremos explicar as expressões linguísticas como produtos que são gerados no *módulo gerativo estendido*, constituído pela *competência linguística* descrita por Chomsky e pelo *capital linguístico* proposto por Bourdieu, e ofertados em um dado mercado linguístico, caracterizado pela variação e pela heterogeneidade, tal qual encontramos na concepção de língua de Labov (2008).

A concepção de língua internalizada

Voltando-se para os mecanismos internos envolvidos no pensamento, Chomsky adota uma perspectiva mentalista e propõe um programa científico cujo objeto é a língua-I, concebida como a língua interna, individual e intensional. Segundo essa visão, o foco deveria recair nos estados da faculdade da linguagem, “entendidos como constituindo alguma série de características e capacidades cognitivas, uma componente particular da mente/cérebro humanos” (CHOMSKY; LASNIK, 1999, p. 52).

Uma primeira questão enfrentada por esse programa diz respeito à delimitação do conhecimento linguístico que deve ser adquirido pelo falante, visto como um tipo ideal. O conhecimento que cada indivíduo adquire é a língua-I, que o torna capaz de gerar todas as suas expressões linguísticas, ou seja, dota-o da capacidade de especificar a forma e os significados dos itens lexicais, bem como o tratamento adequado das expressões mais complexas da língua.

Coerentemente com a visão internalista, Chomsky sugere que este conhecimento é inato: “certain aspects of our knowledge and understanding are innate, part of our biological endowment, genetically determined, on a par with the elements of our common nature that cause us to grow arms and legs rather than wings” (CHOMSKY, 1988, p. 4). Nesse sentido, a faculdade da linguagem tem uma perspectiva biológica e é entendida como um *órgão da linguagem* que se desenvolve assim como outros órgãos ou sistemas corporais. Esse potencial permite a aquisição da língua-I, de modo que o falante desenvolve sua competência linguística, ou seja, o saber e o conhecimento sobre uma dada língua.⁷

⁷ Esse conhecimento refere-se ao uso da língua, não consistindo necessariamente em conhecimento metalinguístico.

Para justificar a aquisição da linguagem, supõe-se que o falante desenvolva sua competência a partir da exposição a dados linguísticos. Evocando o *Problema de Platão*, que discutia a aquisição de conhecimentos sem o apoio de um ensino formal, Chomsky procura explicar como a criança de 2-3 anos desenvolve uma gramática a partir de experiências que não comportam todos os usos possíveis de sua língua sem ter recebido instruções.⁸ Apesar da limitação desse *input*, a criança salta de um estado inicial, invariante em toda a espécie humana, a que Chomsky rotulou de *Gramática Universal* (GU), para um estado final, que corresponde a uma língua específica e ao conhecimento que tem sobre ela. Quando esse estágio final é atingido, a competência da criança dá-se por madura, o que significa que sua Língua-I foi adquirida. A partir desse momento, podemos considerar que a teoria que expressa seu conhecimento é a sua *gramática*.

Para explicar por que a criança adquire uma língua X e não Y, Chomsky lança mão do conceito de *parâmetro*, que justifica a diferença entre as línguas. Em contraposição ao *princípio*,⁹ invariante trans-linguisticamente e válido para todas as línguas, a noção de parâmetro prevê a variação.

A proposta de Princípios & Parâmetros (P&P) mantém uma concepção da faculdade da linguagem como sendo um sistema computacional complexo, pronto para uso, mas que precisa ser configurado para funcionar perfeitamente (CHOMSKY, 1998, p. 25).

Nessa perspectiva, a gramática do estado inicial da faculdade da linguagem, a GU, é constituída por princípios e por parâmetros, estes, ainda sem valor definido. O processo de maturação da competência linguística se dará quando a criança, a partir dos dados fornecidos pela experiência, define os valores positivos [+] ou [1] ou negativos [-] ou [0] dos parâmetros de sua língua (CHOMSKY, 1988, p. 63).

Uma proposta para estudo da língua em uso

A proposta de um falante ideal na teoria chomskyana tem como contraparte, na teoria laboviana, o contexto social, visto que “crianças mantidas

⁸ Ressalte-se que, mesmo que recebesse instruções, estas seriam insuficientes para que a criança produzisse as estruturas linguísticas que já é capaz de realizar nessa idade.

⁹ Mais adiante discutiremos algumas divergências no uso dos conceitos *princípios* e *parâmetros*. Por ora, ficaremos com seu significado mais geral.

em isolamento não usam a língua; ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros” (LABOV, 2008, p. 215). Nesse sentido, o programa científico de Labov foca o que Chomsky (1986) chama de língua-E, externa, extensional, que se manifesta no uso.

Na visão laboviana, a Linguística é o estudo da estrutura e da evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala. Ao sociolinguista cabe identificar uma dada regra linguística presente no dialeto de uma comunidade; mapear os fatores e contextos determinantes para que ela ocorra; entender como essa regra se combina com outras existentes no sistema linguístico onde opera; estudar como ocorre a mudança linguística, ou seja, a alteração nos sistemas de regras (LABOV, 2008, p. 242).

Assim, Labov defende uma prática científica baseada em dados reais recolhidos da fala, afastando-se da metodologia mentalista (usada pelos gerativistas), focada nos julgamentos de falante ideal e em sentenças produzidas por um dado idioleto, muitas vezes o do próprio pesquisador. A intuição de pesquisadores envolvidos profundamente com as questões teóricas pode interferir em seus julgamentos, o que implica em uma elevada probabilidade de distanciamento entre os resultados encontrados por essa metodologia e os encontrados na língua utilizada na vida real e cotidiana (LABOV, 2008, p. 236).

A abordagem laboviana propõe estabelecer correlações entre as variáveis linguísticas e as variáveis não linguísticas do contexto social. Desse modo, busca-se a distribuição dos traços linguísticos, associando-os a perfis socioeconômicos, étnicos, de gêneros e etários, além de considerar as diferenciações estilísticas do contexto imediato de interação linguística.

Considerando que todas as línguas são marcadas pela heterogeneidade, “resultado natural de fatores linguísticos fundamentais” (LABOV, 2008, p. 238), toma como foco a variabilidade nas línguas, que pode ser explicada por fatores internos ou externos a elas. A falta de estabilidade está na raiz dos processos de mudança, embora nem toda variação estrutural acarrete mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 125).

Por depender de variação, a mudança aparece, em um primeiro momento, de forma silenciosa, surgindo apenas como um traço linguístico no interior de um subgrupo social específico. O aumento de sua ocorrência no interior desse grupo pode se expandir e atingir outros grupos sociais. O traço

linguístico pode ficar associado às características expressivas do grupo original e carregar valores de prestígio negativo ou positivo.¹⁰

Sua generalização no interior do sistema linguístico não é feita sem que haja implicações para outros fenômenos e para outras formas linguísticas da estrutura em que foi inserido. Essas formas podem se mover na mesma direção do traço inovador ou até na direção oposta. À medida que a mudança vai atingindo um maior grau de complexidade, escopo e extensão, o traço consolida o seu valor social, sendo muitas vezes refreado e sofrendo um processo de correção na fala formal. O traço pode se tornar uma marca social, vindo a contribuir para a formação de estereótipos. Sua sobrevivência dependerá da sorte do grupo social a que está associado:

Se o grupo se mover para a corrente dominante da sociedade, e receber respeito e proeminência, então a regra nova pode não ser corrigida, mas sim, incorporada ao dialeto dominante às custas da forma mais antiga. Se o grupo for excluído da corrente dominante da sociedade, ou se seu prestígio diminuir, a forma linguística ou regra será estigmatizada, corrigida e até mesmo extinta. (LABOV, 2008, p. 366)

Salientamos três implicações desse modelo: (i) *transição*: mapeamento dos estágios da mudança; (ii) *encaixamento*, identificação dos efeitos sistêmicos da mudança; e (iii) *avaliação*, busca das correlações entre as atitudes e aspirações dos falantes e o seu comportamento linguístico, tais como os estigmas e prestígios atribuídos à forma inovadora.

Pelo que mostramos até aqui, os programas de Chomsky e Labov guardam diferenças significativas. Entretanto, a pesquisa linguística no Brasil encontrou pontos de conciliação entre essas duas propostas, propondo um arcabouço teórico-metodológico bastante produtivo, como veremos a seguir.

A sociolinguística paramétrica

A concepção chomskyana de parâmetro foi a trave que possibilitou o diálogo com a sociolinguística laboviana realizada pelos linguistas brasileiros (TARALLO; KATO, 2007). De fato, a variação linguística dialetal presente na proposta de Labov passou a ser relacionada com o processo de parametrização da língua proposto por Chomsky. Como a base de uma mudança linguística encontra boa parte de sua explicação na variação, ao passar a considerá-la em seu modelo, o gerativismo pôde abrir uma janela para a

¹⁰ Se esse prestígio for negativo, pode inclusive haver descontinuidade no processo de mudança.

diacronia, acompanhando a sociolinguística. A busca de respostas para uma mesma pergunta foi a convergência necessária para a constituição de um aparato teórico-metodológico mais adequado para o sucesso de um novo programa de pesquisa.

O diálogo entre as duas teorias, expresso na proposta da *harmonia transistêmica*, apontava para a

[...] compatibilidade entre as propriedades paramétricas do modelo gerativo e as probabilidades do modelo variacionista, seja para provar seu espelhamento e reflexo, seja para realinhar um modelo em função do outro. Acreditamos, assim, num direcionamento mútuo entre a variação intra- e inter-linguística, enfim: na harmonia trans-sistêmica. (TARALLO; KATO, 2007, p. 16)

Essa compatibilidade encontra respaldo no fato de que o próprio Labov, explorando as possibilidades de análise de dados reais em sua proposta de linguística de probabilidades, não abriu mão de sistematizar seus resultados à maneira de uma linguística das propriedades. Além disso, os trabalhos de cunho variacionista chegam a resultados semelhantes ou compatíveis aos encontrados por gerativistas. A metodologia sociolinguista poderia fornecer aos gerativistas elementos para realinhar seu modelo linguístico; a pesquisa gerativista, por sua vez, poderia mostrar aos sociolinguistas novos fenômenos para o estudo da variação e da mudança linguística.

Sustentados por essas possibilidades, diversos trabalhos de pesquisa linguística se inseriram na chamada *sociolinguística paramétrica* ou *variação paramétrica*, que muito colaborou para o desenvolvimento da pesquisa linguística nos últimos 30 anos. Dentre esses trabalhos podemos citar Tarallo (1985), Berlinck (1989, 2000), Torres Morais (1993), Duarte (1995, 1996a; 1996b; 2003a), Cyrino, Duarte e Kato (2000) – só para ficar nos que estudaram a realização do sujeito e a ordem de constituintes sentenciais no português brasileiro – dentre muitos outros, levando a cabo uma opção metodológica que conjuga a análise probabilística dos fatos reais da língua (considerando variáveis linguísticas e sociais) e procedimentos de natureza mentalista.

Essa junção, que permitiu um grande avanço nos estudos linguísticos feitos no Brasil, segundo nosso ponto de vista, pode ser fortalecida. O esquema proposto pelo variacionismo paramétrico mostra o impacto das variáveis sociais sobre a linguagem, entretanto não explicita como se dá a passagem da dimensão individual para a social. Parte-se de um módulo da linguagem

e passa-se, em seguida, para a análise de variáveis sociais, corporificando o falante ideal, um dos caminhos possíveis para se justificar a mudança linguística, sem que haja entre esses dois – o individual e o social – um elo intermediário.

Uma saída para esse impasse está na diferença entre adequação descritiva e explicativa de uma teoria. A primeira pode ser alcançada pela descrição dos fenômenos linguísticos e sua diversidade e das gramáticas onde são possíveis, como propõe o programa da sociolinguística. A teoria só se torna explicativa se puder dar conta de como uma criança, após avaliar as gramáticas disponíveis, opta por uma delas (CHOMSKY, 1970, p. 30).

Por analogia, uma teoria linguística que pretenda agregar o impacto do uso social ao módulo da linguagem herdado geneticamente terá natureza descritiva se se limitar a apontar as variáveis sociais relevantes para um dado fenômeno linguístico e a descrever os seus impactos sobre sua configuração.¹¹ Por outro lado, terá caráter explicativo se, além disso, preocupar-se com a questão de como o dado social emerge no indivíduo para, a partir daí, determinar sua linguagem. Para isso, é necessário propor a existência de um mecanismo através do qual o indivíduo apreende as regras sociais e avalia as normas linguísticas disponíveis, escolhendo uma delas para colocar em uso.

O processo de apreensão das regras e normas sociais que têm impacto na linguagem do indivíduo é viabilizado pela expressão linguística. Somente após assistir a um determinado uso e constatar que sobre ele não recai qualquer estigma, ou que sua utilização implica em prestígio social, é que o usuário da língua poderá optar por utilizá-lo em sua fala ou em sua escrita. Aparentemente, essa opção teórica se configuraria em um retorno aos pressupostos das teorias behavioristas, que sustentam o aprendizado da língua por repetição e imitação, contra o que a teoria chomskyana tanto se debateu, apontando seus equívocos. Entretanto, a inclusão da dimensão social da linguagem em nosso modelo de teoria linguística não aposta no behaviorismo. Ao contrário, para ser coerente com a proposta de Chomsky, supõe que os indivíduos contam com um módulo (construído socialmente e que deve ser interiorizado) que apresente propriedades também gerativas, devendo ser ca-

¹¹ Não queremos com isso minimizar o trabalho de pesquisa baseada em um programa científico cujo foco está no trabalho descritivo. Apontamos aqui, entretanto, que se faz necessário manter os critérios da adequação descritiva e da adequação explicativa se quisermos obter um modelo teórico coerente no tratamento que dá ao individual e ao social.

paz de gerar infinitamente as expressões linguísticas que avaliam ser significativas socialmente.

Na busca de solucionar esta questão, chegamos até a proposta de Pierre Bourdieu. O sociólogo, que muito se apoiou nas pesquisas linguísticas de William Labov, e que tantas críticas dirigiu ao gerativismo de Noam Chomsky, tem uma proposta teórica das práticas linguísticas que, acreditamos, pode nos ajudar a solucionar as lacunas do variacionismo paramétrico. Antes de vermos como isso é possível, devemos nos deter mais atentamente em seu modelo teórico.

***Habitus* linguístico e competência legítima**

Coerentemente com sua ambição de superar o embate entre o objetivismo e o subjetivismo, Bourdieu propôs sua teoria a partir da crítica ao estruturalismo saussuriano que, segundo sua interpretação, trata a língua de maneira naturalizada e autônoma. Opondo-se a essa concepção, Bourdieu enfatiza que “a linguagem é uma *praxis*: ela é feita para ser falada, isto é, utilizada nas estratégias que recebem todas as funções práticas possíveis e não simplesmente as funções de comunicação” (BOURDIEU, 1994, p. 158).

O sociólogo aposta na ideia de que a expressão linguística é o resultado da somatória de *habitus* linguístico e mercado linguístico (BOURDIEU, 2003, p. 127). O *habitus* linguístico é o sistema de disposições, produto das condições sociais, adquirido através da própria prática desde os primeiros contatos sociais ainda no ambiente familiar. Esse sistema contém a matriz de apreciação, de valores que censuram ou prestigiam os discursos e é responsável pela geração infinita de discursos e pela “produção de discurso ajustado a uma ‘situação’ ou antes ajustado a um mercado ou a um campo” (BOURDIEU, 2003, p. 128).

O mercado linguístico é criado “sempre que alguém produz um discurso em intenção de receptores capazes de o avaliar, de o apreciar e de lhe dar um preço” (BOURDIEU, 2003, p. 129). Poderia se pensar que nesse mercado os produtores se igualam na sua capacidade de ofertar produtos linguísticos, obtendo o lucro dos juízos feitos em sistema de concorrência perfeita. Entretanto, essa visão liberal do mercado é tão falsa para o campo dos bens econômicos como para o mercado linguístico:

Do mesmo modo que no mercado econômico há monopólios, relações de força objetivas que fazem com que todos os produtores e todos os produtos não sejam iguais à partida, assim também no mercado linguístico há relações de força. Portanto, o mercado linguístico tem leis de formação de preços que são tais que nem todos os produtores de produtos linguísticos, palavras, são iguais. (BOURDIEU, 2003, p. 132)

Assim, “a língua não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder. Não procuramos ser somente compreendidos, mas obedecidos, acreditados, respeitados, reconhecidos” (BOURDIEU, 1994, p. 161). E nesse sentido, aquele que obtém êxito de se impor, ou seja, aquele que consegue colocar o seu produto linguístico no mercado e por ele receber o maior lucro simbólico possível, possui mais do que domínio da estrutura linguística de sua língua, possui o que o autor chama de *capital linguístico* ou *competência legítima*.¹²

O capital linguístico é “o poder sobre os mecanismos de formação de preços linguísticos, o poder de fazer funcionar em proveito próprio as leis de formação dos preços e de recolher a mais-valia específica” (BOURDIEU, 2003, p. 130). Ou seja, o capital linguístico expressa o *quantum* de poder que um dado agente deve possuir para impor um discurso ou uma expressão linguística, para fazer-se ouvido, para ordenar, para se valorizar socialmente. Os que não possuem esse capital linguístico suficiente para impor preços no mercado linguístico são obrigados a silenciar suas ideias ou formas linguísticas, a aceitar sua condição de dominados social e linguisticamente.

Com o conceito de capital linguístico, a noção de competência linguística amplia sua tessitura. A postulação de que o homem é dotado de um aparelho linguístico que lhe permite a competência para gerar infinitas sentenças gramaticais é perfeitamente válida, entretanto, não é suficiente para explicar seu uso social que deve incorporar a essa competência a habilidade de produzir discursos passíveis de serem ouvidos, impostos, obedecidos e aceitos socialmente.¹³

¹² O adjetivo *legítimo* aqui se refere ao fato de que há entre os usuários aqueles que dominam e os que são dominados, um reconhecimento de que esta competência, em detrimento de todas as outras, deve ser considerada como a única válida, correta e de valor social.

¹³ Competência legítima, no esquema de Bourdieu, extrapola o conceito de competência comunicativa, pois pressupõe um princípio mercadológico que, no uso linguístico, é traduzido como a capacidade de produzir discursos/expressões linguísticas e colocá-las no mercado.

Essa leitura não nega a existência de uma competência linguística, mas vincula o seu valor à validação pelo mercado linguístico. Nesse sentido, a competência chomskyana é pré-condição para o capital linguístico, mas só se capitaliza quando entra em relação com um certo mercado (BOURDIEU, 1994, p. 164), em que entra em jogo o problema da avaliação, que atribui juízos de valor a formas linguísticas.

Se a competência linguística é a capacidade de gerar discursos repletos de gramaticalidade, capital linguístico é a habilidade de antecipar os lucros resultantes da troca (ou da circulação) linguística. Só o tem aquele que consegue realizar cálculo não consciente e não mecânico acerca do valor que suas expressões linguísticas ganhariam, antes de colocá-las em circulação, prevendo censuras, sanções e buscando as formas e os conteúdos de maior aceitação social. Tudo isso é subsumido pelo *habitus* linguístico:

[...] na verdade, o princípio das estratégias é o *habitus* linguístico – disposição permanente em relação à linguagem e às situações de interação, objetivamente ajustadas a um dado nível de aceitabilidade. O *habitus* integra o conjunto das disposições que constituem a competência ampliada [o capital linguístico] que está adaptada às suas chances particulares de lucro, tendo em vista sua competência específica e sua autoridade. (BOURDIEU, 1994, p. 170)

Uma determinada competência ganha legitimidade quando se torna dominante, passando a ser a referência de análise avaliativa de diferentes competências. Esse processo é aceito naturalmente, sem que o falante perceba que a aceitação da dominação da competência legítima é resultado de processo histórico-social.¹⁴

A nosso ver, a proposta teórica de Bourdieu apresenta a capacidade explicativa das interações do indivíduo e o social na *praxis* linguística. Parece-nos que temos aqui rica matéria teórica capaz de energizar o diálogo da chamada *sociolinguística paramétrica*.

¹⁴ Entendemos que essa espécie de contrato de adesão à competência legítima deva ser relativizada, pois não há equivalência perfeita entre capital econômico e capital linguístico. Não resta dúvida de que quem tem capital econômico quer ter o capital simbólico (e a língua é uma instância desse), uma vez que ambos são mecanismos de poder. No entanto, entendemos que a adoção da competência legitimada é uma possibilidade, mas não é a única ou pelo menos não em sua plenitude. Rasgos da competência de um grupo socioeconômico em ascensão, por exemplo, podem ou não adquirir poder simbólico.

Convergências teóricas

No modelo que propomos, a língua é um sistema complexo que tem uma dimensão biológica, herdada geneticamente, mas não se separa do social, ganhando valor e sentido no seu uso. Disso decorre a necessidade de dissolver as oposições como mental *versus* uso, individual *versus* social, processo *versus* produto. Cada um dos termos colocados em oposição é uma face importante que deve ser analisada, mantendo relações de trocas mútuas com sua contraparte. O modelo deve ser transistêmico, assim como foi proposto por Tarallo e Kato (2007).

Tomando o modelo gerativista de Chomsky como uma primeira face da linguagem, assumimos que, no processo de aquisição, a GU iguala todos os seres humanos. A faculdade da linguagem, módulo da mente/cérebro humano, parte deste estágio inicial para atingir o seu amadurecimento. No estágio inicial estão presentes os Princípios, invariantes trans-linguísticas, e um conjunto de Parâmetros, que devem ser ligados ou marcados pela criança, a partir dos poucos fragmentos de linguagem com que tem contato ainda na primeira infância. O final dessa etapa de parametrização corresponde ao conhecimento de uma língua, o que habilita a criança a produzir estruturas gramaticais regidas pelos princípios e pelos parâmetros já ativados. Desse modo, a criança tem a capacidade de gerar infinitas estruturas gramaticais a partir dos finitos recursos disponíveis para o uso da linguagem.

Mas o desenvolvimento cognitivo da criança no domínio linguístico não depende somente desse processo interno de amadurecimento da linguagem. A criança vai também entrar em contato com o *habitus* linguístico de sua família, de seu grupo social, e do *status* social que assumirá na comunidade. Construído historicamente, também o *habitus* deverá se tornar uma estrutura interna ao indivíduo, o qual carregará as regras e os comportamentos sociais. Nele está inscrito o que poderá ser dito e o que deverá ser silenciado, em virtude da existência de um esquema de sanções e de prestígios, definido pelo código social a que pertence.

Se do processo de amadurecimento da faculdade da linguagem resulta a competência linguística desse indivíduo, a internalização do *habitus* linguístico dará a ele o seu capital linguístico. Competência e capital linguístico não são etapas alcançadas de forma isolada, sem que haja inter-relação entre elas. Sem adquirir uma certa competência linguística, um certo capital lin-

guístico nunca será alcançado; por outro lado, sem ser validada pelo capital linguístico, a competência de nada valerá do ponto de vista da produção linguística, podendo nunca ser colocada em uso. Dessa forma, se uma determinada expressão linguística for silenciada pelo *habitus*, a criança talvez nunca tenha chance de ativar positivamente um determinado parâmetro.

Partindo do individual para o social, é possível identificar indivíduos que se agrupam em termos de similaridade quanto à configuração de sua faculdade da linguagem já amadurecida (após ter sido parametrizada) e em seus *habitus* linguísticos. Como resultado, temos as diferentes variedades linguísticas evidenciando a heterogeneidade e a variação, estudadas no modelo laboviano. As distinções que determinam essa heterogeneidade se dão tanto no âmbito da competência linguística, como no âmbito do *habitus* linguístico.

A faculdade da linguagem e o *habitus* linguístico constituem mecanismos potencialmente geradores de estruturas linguísticas (e de discursos). De modo que o que propomos é um conceito gerativista estendido por prever interações mútuas entre as dimensões do indivíduo e do social,¹⁵ daí o nome *modelo gerativo transistêmico*.

Os produtos desse *módulo gerativo estendido* da linguagem serão apresentados no mercado linguístico, onde os indivíduos poderão submeter seus discursos às apreciações ou julgamento sociais. Estas apreciações, no entanto, são realizadas em um contexto em que certos usuários da língua possuem mais capital linguístico que outros, e conseguem por isso impor seus produtos, preços e aferir maiores lucros simbólicos. Seu modo de falar e seu discurso são reconhecidos como legítimos e passam a ser tomados como modelo a partir do qual um dado falar deve ser julgado. Quanto mais o indivíduo se distanciar desse modelo, mais será estigmatizado ou isolado.

O modelo gerativo transistêmico prevê mudanças linguísticas, que podem ocorrer em função de alterações no processo de amadurecimento da faculdade da linguagem, e pela marcação paramétrica diferente da que gerou o *input*. Além disso, alterações no *habitus* linguístico ou na avaliação linguística por este realizada podem levar ao (des)uso de estruturas. Deste modo, uma mudança linguística pode ter origens em alterações no âmbito do funcionamento do mercado linguístico. Por exemplo, a chegada de falantes estrangeiros poderá determinar alterações no mercado, acrescido com novos agentes e

¹⁵ Tomamos aqui emprestado o adjetivo sugerido por Tarallo e Kato (2007).

com a oferta dos produtos linguísticos. Todas essas esferas podem isoladamente ou em conjunto determinar um processo de mudança linguística.

Aplicando o modelo

A realização do sujeito pela elite paulistana

O gerativismo transistêmico foi proposto por Pereira (2010) que o aplicou ao estudo da realização do sujeito pela elite paulistana no início do século XX, comparando o percurso do fenômeno ao realizado pelo dialeto caipira, procurando dar-lhe uma dimensão sociohistórica, tendo em vista que estudos linguísticos apontam a intensificação do uso do sujeito pleno no Português Brasileiro na virada do século XIX para o XX.¹⁶

A cidade de São Paulo atravessava um processo intenso de urbanização e de grande crescimento econômico desde o último quartel do século XIX. Em função disso, passou a ser moradia de inúmeras famílias de fazendeiros advindas do interior, enriquecidas principalmente em função dos negócios direta ou indiretamente relacionados à economia agroexportadora (principalmente de café). Também neste período, a cidade recebeu vultoso contingente de imigrantes, muitas vezes após um período inicial no trabalho como mão de obra das lavouras cafeeiras. De 1908 a 1936, aportaram em Santos mais de 1,2 milhões de imigrantes (KLEIN, 1989), principalmente de origem italiana, portuguesa e espanhola. Esse fluxo foi incentivado por essa elite, numa política de branqueamento da população brasileira.

Dois perguntas nortearam o trabalho:

- 1) Fixada na capital, a elite paulistana teria se afastado do dialeto caipira? A importância desta pergunta está no fato de que muitos de seus membros tinham origem rural ou mantinham ligação com o interior em função dos negócios ligados às atividades agrícolas.
- 2) O contato com imigrantes de línguas de sujeito nulo teria impactado o uso linguístico dessa elite no que se refere à realização do sujeito?

O trabalho tomou como amostra cartas de duas gerações da família Mesquita, proprietária do Jornal *O Estado de São Paulo*, a partir de 1897. Da primeira geração, que veio do interior do estado para a capital, foram anali-

¹⁶ Dentre esse estudos, podemos citar: Tarallo (1985); Duarte (1995); Duarte (1996); Negrão e Muller (1996); Cyrino, Duarte e Kato (2000); Negrão e Viotti (2000); Duarte (2003a); Duarte (2003b); Barbosa, Duarte e Kato (2005); Duarte (2007); e Berlinck, Duarte e Oliveira (2009).

sadas cerca de 9 cartas de Júlio Mesquita remetidas ao político Washington Luís. Da segunda geração, foram analisadas 23 cartas de Júlio Mesquita Filho para sua esposa, Marina Mesquita, e outras 23 remetidas por esta ao seu marido, entre as décadas de 1920 e 1930. O contraponto caipira, na ausência de registros fidedignos, foi composto a partir de contos de Valdomiro Silveira, publicados na imprensa paulista em 1906, em cujos diálogos procuravam mimetizar a fala dos caipiras, com os quais o autor teve contato nos anos em que residiu no interior do Estado de São Paulo.

Os resultados obtidos nos textos produzidos pela elite paulistana mostraram o predomínio da forma nula, entretanto, de uma geração para outra, houve aumento da realização pronominal do sujeito, passando de 20% para 30%. Já os dados do dialeto caipira evidenciaram uma situação em que o sujeito expresse era a forma predileta para realização do sujeito sentencial, correspondendo a 61% das ocorrências mapeadas.

A análise também revelou a atuação dos mesmos fatores linguísticos nos diferentes *corpora*, apesar das diferenças quantitativas. Assim, o aumento do sujeito nulo é diferenciado conforme a pessoa do discurso e o gênero: nos textos produzidos pela elite, de caráter epistolar, o incremento da forma expressa mostrou-se em processo mais avançado na 2ª pessoa do discurso e na 3ª, havendo resistência do sujeito vazio na 1ª pessoa; no material do dialeto caipira, os expressos são mais utilizados na 1ª e na 2ª pessoa, resistindo na 3ª. Os contextos marcados com referentes [+humano] favorecem os sujeitos expressos; enquanto o traço [-humano] do referente está relacionado ao sujeito vazio.

Quanto à estrutura sintática, não há diferença entre o uso da elite e o caipira. Elementos que preenchem as posições disponíveis em CP (Spec de CP e C⁰) intensificam o uso da forma expressa, enquanto a ausência desses elementos favorece o sujeito vazio. A presença de elementos entre o sujeito e o verbo (adjunção em IP), por sua vez, também é um dos principais contextos de resistência da forma nula. Sempre que o acesso do pronome ao seu antecedente é dificultado, a probabilidade de ocorrer um sujeito vazio diminui. No que diz respeito ao tempo verbal, o pretérito perfeito é contexto de retenção do sujeito vazio.

Do ponto de vista de condicionamentos linguísticos, não se revelou diferença entre as duas variedades. Porém, o aumento do sujeito pronominal de uma geração para outra na elite ecoa o processo que já estava em curso no

caipira. Considerando o elevado número de imigrantes de línguas de sujeito nulo na cidade, pode-se inferir que o dialeto da elite não se alterou no contato com essas línguas. Essa resistência foi justificada pelo *habitus* da elite e por sua atuação no mercado linguístico (PEREIRA, 2010).

Como no paradigma indiciário, a busca de pistas em textos produzidos na época por memorialistas e escritores da própria elite, além de estudos históricos do período revelou que a elite paulistana tinha diante da figura do caipira uma posição ambígua: de um lado, a elite tinha raízes e vínculos com o rural e, de outro, manteve diferenças estamentais históricas em relação às camadas populares. Além disso, essa mesma elite, diante do imigrante, agia de forma repulsiva, evitando conceder a este um *status* social equivalente ao que possuía, ainda que se tratasse de estrangeiro rico ou enriquecido. Esse quadro permitiu que, seletivamente, a elite escolhesse uma forma linguística – o sujeito pronominal – que também era utilizada pelo dialeto caipira, recusando outras formas desse mesmo dialeto, que por isso mesmo, permaneceram estigmatizadas. Ao acolher o sujeito pronominal, a elite elevou seu valor e legitimou essa gramática. Deste modo, procurou extrair da transação desse produto um maior lucro simbólico.

Formas pronominais no domínio público

O estudo do uso do sujeito pronominal no domínio público toma como amostra a discussão encadeada por dois intelectuais sobre diferentes temáticas na imprensa paulista de 1901: de um lado Luís Pereira Barreto (60 anos), que escrevia no *O Estado de São Paulo*, e de outro Eduardo da Silva Prado (40 anos), que se posicionava por meio de seu jornal *O Comércio de São Paulo*. O primeiro, de formação médica, representava a classe intelectual emergente que granjeava espaço na ordem republicana e o segundo, um bacharel monarquista, assentado em uma tradicional e portentosa família paulistana que até então monopolizava o poder sociopolítico e cultural.

Os pronomes em função de sujeito de uma maneira geral são, ao mesmo tempo, produtores e produtos dos valores das relações sociais. Entretanto, a 3ª pessoa tem certa opacidade em relação a esses valores e, por esse motivo, ela se presta a uma análise mais formalista, tanto é que os trabalhos sobre o tema têm se fixado em traços semânticos e na acessibilidade do referente. As pessoas do discurso, por sua vez, são transparentes a esses valores e, assim, requerem uma análise interdisciplinar.

A realização da 3ª pessoa tem frequência praticamente idêntica entre os debatedores. O traço animacidade os distingue: Eduardo Prado faz uso mais recorrente do pronome com traço [-humano], contabilizando 60,7% (17/28); Pereira Barreto mostra-se mais conservador nesse ambiente, com 51,8% (14/27). Já o contexto de maior acessibilidade do referente, o sujeito da subordinada retoma o sujeito da principal, (BARBOSA; DUARTE; KATO, 2000), é pronominalizado apenas por Pereira Barreto, acompanhando a tendência vernacular:

- (1) Pouco vale uma picareta_i, se não tiver ella_i a ocasião de ser applicada ao serviço de uma obra sutil. (LPB, 25/04/1901)

Se há diferença na 3ª pessoa, o rasgo entre os dois debatedores é ainda maior nas formas do discurso, pois elas se dobram a diferentes funções, ainda que em um mesmo diálogo. Apesar de ambos se servirem do título de doutor seguido do sobrenome (Eduardo Prado) ou de nome e sobrenome (Pereira Barreto) para se referir ao oponente, o bacharel faz uso da forma *Sua Excelência* ostensivamente (48 ocorrências), marcando o distanciamento não apenas pelo uso do pronome de tratamento, mas pelo possessivo de 3ª pessoa, não obstante o médico frequentasse a casa de D. Veridiana, mãe de Eduardo Prado. Já Pereira Barreto se esforça para fazer o movimento contrário, utilizando-se de formas nominais cujo núcleo os iguala como *ilustre amigo*, *ilustre patricio*, além da forma pronominal *vós* (2 ocorrências):

- (2) O dr. Barretto quer que nos retiremos, mas não satisfaremos a esse seu desejo. Talvez S.exc. se contentasse com uma simples mudança de assumpto? (EP, 22/5/1901)
- (3) Vós preferis as sendas biblicas e só enxergaes no passado (PB 24/05/1901)

A função discursiva de aproximar ou afastar o interlocutor, observada nas formas pronominais de 2ª pessoa, não pode, no entanto, ser evocada para explicar o uso dos pronomes de 1ª pessoa. Com efeito, é Pereira Barreto quem produz o pronome singularizado (32 ocorrências) ao passo que Eduardo Prado adota a forma do plural, 20 ocorrências de *nós*, em prejuízo do *eu* (02 ocorrências).

O fator flexão verbal se revelou pertinente na realização do pronome *eu* nos textos de Pereira Barreto, pois 90% dos dados apresentavam neutralização de formas verbais de 1ª e 3ª pessoas (*eu/ele falava*). Mas a flexão não explica a adoção do pronome em sua forma singular, sendo necessário observar sua função comparativamente com a do pronome *nós*. Como nas produções de Pereira Barreto o *nós* tem natureza nitidamente indeterminada, sobrepondo-se à construção 3ª pessoa+*se* (OLIVEIRA et al., 2009), faz sentido opor a leitura determinada à indeterminada às formas *eu* e *nós*, respectivamente. Assim, na escrita deste debatedor, o emprego de *eu* se contrapunha ao de *vós*, marcando tão somente a oposição entre as pessoas do discurso.

Nos textos do bacharel, o pronome *nós* tem baixíssima atuação como indeterminação do sujeito, com uma única ocorrência (OLIVEIRA et al., 2009), função marcada quase exclusivamente pela 3ª pessoa+*se*. Vem daí que, contrariamente aos textos do médico, o pronome *nós* tem caráter determinado, restando observar o valor inclusivo (*tu e eu*).

Ainda que o pronome *nós* possa ser usado para aproximar os interlocutores, instanciando o valor inclusivo, não é essa a função nos debates, visto que Eduardo Prado estabelece fronteiras rígidas entre ele e o seu interlocutor, por meio do pronome S. Exa. Os exemplos abaixo evidenciam, dessa forma, um outro valor:

- (4) Mais tarde, em 1900, sendo nós ainda representantes em Londres da Companhia Paulista, transmittimos a esta uma proposta firme de um sindicato. (EP 10/06/1901)
- (5) Mas, demonstrando nós que o dr. Barretto não conhece os factos, que systematização é esta? (EP 22/05/1901)

Eduardo Prado era o representante em Londres da Companhia Paulista de sua família e era ele quem desconstruía o discurso do médico apontando falhas, desconhecimentos, logo, o pronome *nós* remete a si próprio, ou seja, ganha função majestática.

Seu capital linguístico não se restringe ao emprego do *nós* majestático. Ele também faz uso do *eu* na correspondência epistolar que mantinha com o Barão do Rio Branco e com Rui Barbosa, na qual eram acionados justamente os pronomes *eu/vós* marcando as pessoas do discurso, tratamento cerimonioso.

so e respeitoso entre amigos no final do século XIX, como registra o bacharel Affonso de Freitas, em suas memórias redigidas na década de 1910.

A escolha pelas formas pronominais *eu/vós* nas cartas pessoais dá pistas indiciárias da atuação do fator domínio público *vs* privado, criando uma situação de diglossia, conhecida apenas por aquele que sempre esteve no centro do poder. O emprego de *nós* majestático vinha conformar, do ponto de vista linguístico, o poder de uma aristocracia cafeeira. Não à toa, no livro de memórias de Maria Paes de Barros, pertencente a outra família portentosa do período, não aparece nenhuma ocorrência do pronome *eu* ou do verbo flexionado nessa pessoa. Embora se trate de memórias da vida privada, o texto foi produzido para um público, saindo da esfera do singular, do indivíduo. O *nós* majestático configurava o *habitus* linguístico de um estrato social ao qual Pereira Barreto não era admitido, ainda que transitasse por essa comunidade elitista e forçasse a mão nos vocativos relacionais.

Com posições sociopartidárias claramente definidas e antagônicas, os dois intelectuais deixam rastros linguísticos de seus *habitus*. O bacharel, filho da aristocracia cafeeira, é guardião da função majestática do pronome *nós*, como um símbolo da adesão ou do pertencimento a uma ordem monárquica, em que as elites se colocavam como grupos de pessoas. O médico, representante da elite emergente, formada por cientistas, militares e positivistas, trazia para a República a meritocracia, em que o indivíduo¹⁷ ganhava centralidade, trazendo o pronome singularizado *eu* para a vida pública, lugar que começava a partilhar com os antigos *donos do poder*.

A ordem de constituintes sentenciais

Um dos aspectos gramaticais particulares à estruturação da língua portuguesa no Brasil da virada do século XIX para o XX é a posição do sujeito sentencial. Anteriormente, era usual a realização desse constituinte após o verbo, estrutura cuja frequência foi bastante reduzida, tornando-se a ordem no PB preferencialmente caracterizada por sujeito pré-verbal (BERLINCK, 1989; TORRES MORAIS, 1993).

Nesse contexto de fixação linguística, seria interessante observar qual a posição da escola quanto a fenômenos linguísticos em processo de mudan-

¹⁷ Sobre a distinção entre *pessoas* e *indivíduos*, cf. DaMatta (1997).

ça, como é o caso da posição do sujeito em relação ao verbo.¹⁸ O ponto de partida para essa discussão é a Escola Normal da Capital São Paulo (ENC), formadora de professores, cuja produção constituída de atas (19) e cartas oficiais (124) compõe a amostra deste estudo.¹⁹

Foi realizado o levantamento de ocorrências de sujeito pré e pós-verbal e a análise quantitativa e qualitativa dos dados, excluindo-se os contextos de orações reduzidas, infinitas e sujeitos oracionais. A partir desse procedimento, verificou-se no *corpus* um alto índice de sujeito pós-verbal, de 48,04%, aproximando-o do passado da língua portuguesa, que se caracterizava por uma menor restrição à posposição do sujeito (BERLINCK, 1989). A análise do condicionamento linguístico das realizações mostrou, entre os fatores que orientariam a estruturação da ordem, a relevância da transitividade verbal – verbos com menor número de argumentos tenderiam a favorecer a posposição do sujeito – e da proeminência discursiva do sujeito sentencial – sujeitos menos proeminentes tenderiam a ocorrer em posição pós-verbal:

- (6) Sendo, porem, certo que como servente prestou Ambrosio Antonio dos Santos serviços d'esde o dia 1º de Agosto (C, 7/12/1894)
- (7) Em seguida fez o cidadão Director a exposição do motivo da convocação extraordinaria da Congregação – declarando o seguinte: [...] (A, 16/10/1895)

A alta frequência de sujeito posposto, inclusive com verbos transitivos – de ordem VSO –, no *corpus* da Escola sugere sua correlação com um maior preparo escolar e cultural, visto que esse uso provavelmente já se afastava do vernáculo.²⁰ Essa hipótese foi confirmada a partir de correspondências dos brasileiros Machado de Assis e Euclides da Cunha, e dos portugueses Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz, escritas entre as décadas de 1880 e 1890. Como contraponto a esse material, foi composta uma amostra de cartas de Álvares de Azevedo representando a primeira metade do século.

¹⁸ Para um estudo mais detalhado sobre a ordem de constituintes na Escola Normal da Capital, cf. Ribeiro, 2010.

¹⁹ Foram excluídos da análise todos os contextos formulaicos, tanto para sujeito pré-verbal como pós-verbal.

²⁰ Sobre a ordem de constituintes em textos informais (cartas) e em representações de fala (peças de teatro), textos mais próximos ao vernáculo, vide Berlinck (1989) e Torres Morais (1993).

Esse material mostrou a proximidade, do ponto de vista quantitativo, do uso da ordem de constituintes pelos escritores brasileiros e portugueses do final do XIX, de 15% e 16,5% de posposição do sujeito, respectivamente. Esses índices são inferiores aos 35% encontrados em Álvares de Azevedo, diferença percentual que indicia a mudança constatada por outros estudos. Esses números estão longe de se alinhar aos resultados da ENC, revelando o distanciamento linguístico desta tanto em relação a escritores brasileiros como portugueses.

Afastados esses modelos, um possível interlocutor para a ENC seriam os intelectuais paulistas, afinal, a década de 1870, “marco para a história das idéias no Brasil” (SCHWARCZ, 1993, p.14), assinala a consolidação de uma intelectualidade de linhas diferentes, cujos membros poderiam ser tomados como referencial linguístico. Uma amostra de produções desses intelectuais, constituída a partir do debate promovido entre o bacharel Eduardo da Silva Prado e o médico Luís Pereira Barreto, em 1901, apresentou 32,7% e 35,5% de posposição do sujeito, superando, deste modo, os índices encontrados nos escritores a eles contemporâneos, mas nivelando-se ao uso de Álvares de Azevedo, e consolidando, na escrita intelectual, o conservadorismo linguístico como *habitus*. Esse *habitus* é reproduzido pela ENC de forma ainda mais intensiva, pois o índice de 48% de VS é superior não só ao encontrado para os intelectuais, como ultrapassa os 42% encontrados por Berlinck (1989) para amostra de 1750. A ENC parece buscar um modelo anterior a esse período.

Uma chave de interpretação para o conservadorismo da ENC está nos produtores dos textos da própria instituição. Pertencentes ao alto escalão hierárquico da Escola (diretor e professores), até o final do século XIX eram formados pela Academia de Direito de São Paulo (ADSP), criada para formar quadros administrativos. Ligada à oligarquia nacional, a instituição era conservadora e seus formandos eram enredados pelo espírito e costumes do grupo nela dominante (ADORNO, 1988; CANDIDO, 2004, p. 251-252), fazendo-se repercutir em outros ambientes, marcando valores, práticas e, inclusive, a linguagem, que tem lugar especial na formação bacharelesca. Presos às legislações quinhentistas e seiscentistas, seu objeto de estudo, os bacharéis lidavam constantemente com a linguagem do português clássico, que apresentava maior frequência de posposição do sujeito. O *habitus* linguístico dos

bacharéis presentes na ENC seria a levedura desta ordem de constituintes em uma época de grande propagação da ordem sujeito-verbo.

Deste modo, a linguagem utilizada no âmbito administrativo da ENC por seu diretor e professores, no que tange à ordem de constituintes, ao invés de trazer o frescor dos novos tempos culturais marcava-se por características mais antigas, em resposta a uma formação de base conservadora.

Conclusões

O modelo gerativo estendido aqui desenvolvido foi aplicado a três fenômenos em diferentes *corpora* do mesmo período, procurando identificar o capital linguístico em circulação num determinado mercado entre o final do século XIX e início do XX.

O estudo do preenchimento do sujeito analisado em cartas pessoais da elite paulistana e em contos de representação de fala do caipira revelou um alinhamento entre essas duas variedades, justificada pelo fato de que a elite tinha relações de origem e comerciais com a zona rural. Apesar de ter promovido a imigração europeia como política de branqueamento, essa elite não retrocedeu no processo de preenchimento do sujeito no contato com línguas de sujeito nulo. Esse fenômeno deixa à vista a legitimação de uma gramática que adquire mais-valia no mercado linguístico ainda que o ponto de partida tenha sido uma variedade que estava mais em consonância com o mundo rural, do qual a elite queria se distanciar.

O estudo das funções do pronome sujeito em debate veiculado pela imprensa mostrou que cada forma do discurso assume um valor que nem sempre é compartilhado com o interlocutor. Pereira Barreto opunha *eu-nós* pelo traço [+determinado], já Eduardo Prado, em textos de domínio público, preferia opor *nós-se* [+determinado]. Entretanto, no domínio privado, ele recupera o *eu*, dando margem a uma situação de diglossia, marcada pela distinção público-privado, capital linguístico de uma aristocracia ligada à monarquia ao qual Pereira Barreto não tem acesso.

O alto percentual de posposição do sujeito ao verbo encontrado em documentos produzidos na ENC se contrapôs fortemente ao vernáculo e também se mostrou incompatível com os resultados de escritores brasileiros e portugueses e os da intelectualidade paulista. O índice de sujeito pós-verbal nesses documentos é tributário à atuação de bacharéis na ENC, que gravaram

o conservadorismo da ADSP inclusive na escrita, criando assim um capital linguístico associado ao passado.

A aplicação do modelo teórico proposto foi viabilizada por pistas que indicavam as circunstâncias sócio-históricas e culturais capazes de identificar a marcação de valores e o capital linguístico correspondente a determinados usos da língua. Deste modo, pode-se ter uma análise enriquecida por vários pontos de vista, que permita ao observador uma mais completa apreensão e interpretação de seu objeto.

PEREIRA, H. B.; OLIVEIRA, M.; RIBEIRO, P. B. A proposal to study of the social history of language as a trans-systemic object. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 40-65, 2013 [2011].

ABSTRACT: *The aim of this work is to contribute to the studies of Social History of Language. Our starting point was the parametric sociolinguistic (TARALLO; KATO, 2007) which was conciliated with sociological theory proposed by Pierre Bourdieu (1994, 2003), in a trans-systemic approach. We argue that language is generated on two complementary levels: the biological and innate level. After matured, language faculty endows the individual with linguistic competence (CHOMSKY, 1986); in the social level, the habitus, after internalized, provides the individual with linguistic capital, as proposed by Bourdieu. From this theoretical approach, we present some recent researches that apply this paradigm to their analysis: the reconstruction of subject realization by Paulista elite from the early twentieth century; the interpretation of differences in linguistic usage of Eduardo Prado and Pereira Barreto - two intellectuals of the First Republic - with special focus on the function of the subject; and finally the socio-historical interpretation of the order of constituents in the documents produced under the auspices of the Escola Normal da Capital at the end of the nineteenth century.*

KEYWORDS: Chomsky. Bourdieu. Labov. Linguistic competence. Linguistic *habitus*.

Referências

ADORNO, S. **Aprendizes do poder:** o bacharelismo liberal na política brasileira.

1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

BERLINCK, R.A. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. (Org.). **Fotografias sociolinguísticas.**

Campinas: Pontes, Ed. Unicamp, 1989. p. 95-112.

BERLINCK, R. de A; DUARTE, M. E. L.; OLIVEIRA, M. de. Predicação. In: KATO, M.; NASCIMENTO, M. do. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil.**

Campinas: Editora da Unicamp, 2009. p.101-188.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003.

_____. Economia das Trocas Linguísticas. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. Tradução de Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1994. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, Volume 39)

CANDIDO, A. Nas arcadas. In: _____. **Recortes**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004, p. 251-255.

CHOMSKY, N. **Linguagem e Mente**. Tradução de Lúcia Lobato. Brasília: Editora UnB, 1998.

_____. **Language and Problems of Knowledge: the Managua Lectures**. Massachusetts: The MIT Press, 1988.

_____. **Knowledge of Language: its nature, origin and use**. New York: PRAEGER, 1986.

_____. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1970.

CHOMSKY, N; LASNIK, H. A teoria dos Princípios e Parâmetros. In: CHOMSKY, Noam. **O Programa Minimalista**. Tradução de Eduardo Paiva Raposo. Lisboa: Caminho, 1999.

CYRINO, S.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M.; NEGRÃO, E. V. (Ed.). **Brazilian Portuguese and the null subject parameter**. Frankfurt: Vervuert; Iberoamericana, 2000, p. 35-73.

DUARTE, M. E. L. Sujeitos de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão. **Revista Linguística**, UFRJ, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 85-117, 2007.

_____. Evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Org.). **Mudança linguística em tempo real**, Rio de Janeiro: Contra Capa / FAPERJ, 2003a. p.115-128.

_____. Sujeitos indeterminados em PE e PB. **Boletim da ABRALIN**, n. 26, Anais do II Congresso Internacional da ABRALIN. Ceará: Imprensa Universitária/UFC, 2003b, p. 405-409.

_____. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: KATO, M.; ROBERTS, I. (Org.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p.107-128.

_____. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro.** Tese (Doutorado Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 1995.

FREITAS, A. **Tradições e reminiscências paulistanas.** Belo Horizonte/ Itatiaia: Edusp, 1985.

GOMBRICH, E. H. **Arte e Ilusão** – um estudo da psicologia da representação pictórica. Tradução de Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KLEIN, H.S. A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no fim do século XIX e no século XX. **Rev. Brasileira de Estudos Pop.**, São Paulo, v. 6 n. 2, p. 17-37, jul./dez, 1989.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NEGRÃO, E. V.; MÜLLER, A. L. As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de formas. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, n. 12, p. 125-152, 1996.

OLIVEIRA, M. de et al. **Um monarquista e um republicano na arena linguística.** Comunicação coordenada. Congresso Internacional de Linguística Histórica – ROSAE. UFBA/ UNEB/ UEFS, Salvador, 2009.

PAES DE BARROS, M. **No tempo de dantes.** 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

PEREIRA, H. B. **A realização do sujeito pela elite paulistana do início do século XX:** uma análise em perspectiva Gerativista Trans-sistêmica. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - FFLCH/USP, São Paulo, 2010.

RIBEIRO, P. B. **A ordem de constituintes sentenciais no português paulista.** Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - FFLCH/USP, São Paulo, 2010.

SCHWARCZ, L. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1820-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TARALLO, F.; KATO, M. Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-linguística. **Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, Rio de Janeiro: UFRJ, n. 2, p. 13-42, 2007.

TORRES MORAIS, M. A. Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary

Uma proposta para estudo da história social da língua como objeto transistêmico

(Org.). **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas: Ed. Unicamp, 1993.
p. 263-306.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

A PRONÚNCIA DE (-R) EM CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS PAULISTANO¹

Livia OUSHIRO²
Ronald Beline MENDES³

RESUMO: Baseado nas premissas teórico-metodológicas da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2006 [1966]), este trabalho apresenta uma análise multivariada da pronúncia de (-r) em coda silábica como tepe ou retroflexo num *corpus* contemporâneo e robusto do português paulistano, composto de 102 entrevistas sociolinguísticas. A distribuição geral dos dados indica que a atual taxa de retroflexo é de aproximadamente 33% na fala de paulistanos nascidos e criados na cidade. Linguisticamente, os resultados apontam para o favorecimento da variante retroflexa em contextos em que o (-r) é precedido por vogal [-alta], seguido de consoante [coronal], em verbos, em sílabas tônicas e em final de palavra; socialmente, o retroflexo é favorecido entre moradores de regiões mais periféricas, com menor mobilidade geográfica, menos escolarizados, do sexo masculino e pertencentes a famílias menos enraizadas na cidade de São Paulo. O construto “tempo aparente” (LABOV, 2001a) sugere possível mudança em progresso em favor do retroflexo, mas há indícios de movimentos divergentes dentro da comunidade. O interesse aqui se volta principalmente à discussão dos resultados dos grupos de fatores sociais, a fim de avaliar os graus de estigma/prestígio das variantes, as identidades sociais que se associam a seu emprego e o seu papel em processos de variação e mudança linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Variacionista. Português Paulistano. (-r) em coda silábica. Identidade.

¹ Este artigo é resultado de pesquisa financiada pela FAPESP (Proc. 2011/09122-6).

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DL-USP), São Paulo – SP, Brasil. livia.oushiro@usp.br

³ Professor Doutor do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DL-USP), São Paulo – SP, Brasil. rbeline@usp.br

Introdução

A pronúncia variável de (-r)⁴ em coda silábica, em palavras como “porta” e “mulher”, é um dos índices mais salientes de diferenciação dialetal no português brasileiro (CALLOU; MORAES; LEITE, 1996; MENDES, 2010) e tem sido objeto de diversos estudos sociolinguísticos nos últimos anos, em diversas comunidades (ver p.ex. BRANDÃO, 2007; BRESCANCINI; MONARETTO, 2008; CALLOU; MORAES; LEITE, 1996, 1998; LEITE, 2010; OLIVEIRA, 1999; PIMENTEL, 2003). No entanto, até recentemente, não havia estudos que tratassem extensivamente da distribuição e dos condicionamentos das variantes de (-r) na cidade de São Paulo, sobretudo em relação a grupos de fatores sociais.

Ao lado de outros centros urbanos já estudados – como o Rio de Janeiro (ver p.ex. PAIVA; DUARTE, 2003), Nova Iorque (LABOV, 2006 [1966]) e Toronto (HOFFMAN; WALKER, 2010) –, São Paulo configura-se como um cenário privilegiado para o estudo da variação e da mudança linguística: trata-se de uma metrópole marcada por um histórico de migrações e imigrações, por diversidade cultural e por fortes contrastes sociais. Especificamente sobre a variável (-r), a cidade de São Paulo, possivelmente mais do que qualquer outra localidade do país, representa aquela em que todas as variantes estão em contato. De acordo com um recente levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2011), 46% da população adulta economicamente ativa (entre 30 e 60 anos) residente na região metropolitana não nasceu no estado de São Paulo (Fig. 1). Pode-se supor que o índice de habitantes não nativos da cidade seja ainda maior, já que esse levantamento se baseou na origem por estados, de modo que os 54% de paulistas incluem tanto aqueles nascidos na capital quanto no interior.

⁴ Seguindo convenção dos estudos sociolinguísticos (LABOV, 1969), adotam-se parênteses (-r) para fazer referência à variável, em contraste com a notação fonética [r] entre colchetes e fonológica /r/ entre barras.

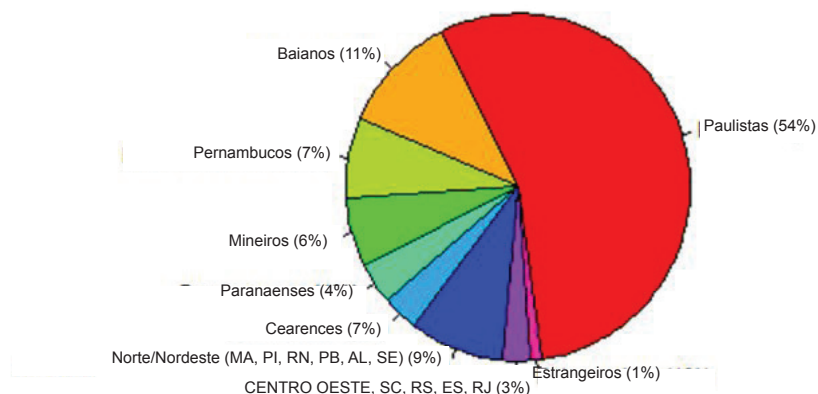


Figura 1: População adulta (30-60 anos) na Região Metropolitana de São Paulo.
Fonte: IPEA 2011.

Nesse cenário em que aproximadamente metade da população economicamente ativa não nasceu na cidade, interessa averiguar até que ponto a heterogeneidade sociodemográfica traz consequências para a variação no falar de seus habitantes, sobretudo os nativos. Tradicionalmente, aponta-se o tepe como variante “paulistana” do (-r) em coda silábica, em contraste com a realização aproximante retroflexa dos paulistas do interior [ɹ], a fricativa velar de cariocas [x ʁ], ou a fricativa glotal de belo-horizontinos [h ɦ] (CRISTÓFARO SILVA, 2007). No entanto, análises preliminares de (-r) em São Paulo mostram que o retroflexo não é tão infrequente no falar de paulistanos (MENDES, 2010; MENDES; OUSHIRO, 2011), o que permite questionar a sua exclusiva associação com um “falar caipira” para os habitantes dessa cidade.

As análises acima apontaram para o favorecimento da variante retroflexa por falantes do sexo masculino e menos escolarizados, resultados que se conformam a uma percepção recorrente de que o retroflexo é, em princípio, uma forma desprestigiada na comunidade. Contudo, tais análises também apresentaram resultados díspares quanto à distribuição de (-r) e certos condicionamentos. Em uma amostra com 24 falantes paulistanos “prototípicos” – entenda-se, falantes que residem em bairros mais centrais e que se identificam com noções de “paulistanidade” e “cosmopolitismo” –, estratificados de acordo com seu sexo/gênero, três faixas etárias e dois níveis de escolaridade, Mendes (2010) observou uma taxa média de emprego de 12% de retroflexo e um índice de mudança em tempo aparente em favor do tepe. Mendes e

Oushiro (2011), através da análise de uma amostra com 48 informantes, estratificados de modo semelhante, constataram, diferentemente, uma taxa de 31% de retroflexo e um indicativo de variação estável na comunidade.

Neste artigo, o objetivo é reportar resultados de análises quantitativas de (-r) em um *corpus* mais representativo do português paulistano, composto de 102 entrevistas sociolinguísticas. O interesse se volta principalmente à análise de correlações da variável com grupos de fatores sociais, com o intuito de investigar os graus de estigma/prestígio das variantes tepe e retroflexa e as identidades urbanas que se associam a seu emprego. Na próxima seção, apresentam-se o *corpus* e os métodos empregados na sua manipulação; em seguida, apresentam-se os resultados de análises multivariadas, realizadas com o programa GoldVarb X (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001); por fim, esses resultados são discutidos da perspectiva de noções como “estigma” e “prestígio”, “estabilidade” e “instabilidade” no português paulistano atual.

Corpus e metodologia

A análise que aqui se apresenta foi feita com os dados obtidos numa amostra robusta do português paulistano, composta de 102 entrevistas sociolinguísticas (cerca de 1,5 milhão de palavras) coletadas em 2009–2011 por membros do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística da USP (GESOL-USP). Todos os falantes dessa amostra nasceram em São Paulo ou se mudaram para a cidade antes dos 10 anos de idade, tendo ali vivido a maior parte de suas vidas; eles estão estratificados de acordo com quatro variáveis sociais: (i) Sexo/Gênero (masculino, feminino); (ii) Faixa Etária (20 a 34 anos, 35 a 59 anos, 60 anos ou mais); (iii) Nível de Escolaridade (até Ensino Médio, Curso Superior); e (iv) Região de Residência (bairro mais central, bairro mais periférico).

Os grupos de fatores Sexo/Gênero e Faixa Etária são amplamente analisados em estudos sociolinguísticos e costumam se revelar correlacionados a variáveis cujas variantes se diferenciam em avaliações de estigma/prestígio: diversos trabalhos constataram que formas de prestígio na comunidade tendem a ser empregadas por mulheres (CHAMBERS, 1995; LABOV, 2001a; CHESHIRE, 2004), e que formas estigmatizadas são evitadas por falantes da faixa etária intermediária, mais suscetíveis a pressões do mercado linguístico

(BOURDIEU, 1991). A Faixa Etária, ademais, pode ser um indicador de movimentos no sistema linguístico de acordo com o construto mudança linguística em tempo aparente (LABOV, 2001a). A inclusão dessas duas variáveis nesta análise visa a permitir verificar se os mesmos padrões se reproduzem em São Paulo e se há indícios de mudança em curso no emprego variável da pronúncia de (-r).

O Nível de Escolaridade, por sua vez, também se associa diretamente a noções de estigma e prestígio. A hipótese geral é que falantes mais escolarizados tendam a evitar as formas não padrão na comunidade ou, de outra perspectiva, que as formas por eles empregadas sejam consideradas mais “corretas”. De modo mais amplo, a divisão de falantes entre “cultos” e “incultos”, na tradição de estudos sociolinguísticos brasileiros, normalmente é considerada como meio de classificação socioeconômica dos falantes (RODRIGUES, 2009, p. 151). Na cidade de São Paulo, assim como em outros grandes centros urbanos brasileiros, essa realidade parece estar se alterando através da ampliação do acesso ao ensino fundamental, médio e universitário;⁵ no entanto, o aumento dos níveis médios de escolarização nem sempre é acompanhado diretamente de ascensão social, de modo que a equação entre nível de escolaridade e classe socioeconômica deve ser mitigada.

Por fim, em uma grande metrópole como São Paulo, aventa-se a hipótese de que os habitantes de diferentes partes da cidade apresentem diferentes comportamentos sociolinguísticos. No roteiro da entrevista, as seguintes perguntas tinham o objetivo de identificar possíveis índices locais de identidade(s) paulistana(s): “Dentro da cidade de São Paulo, você consegue identificar se uma pessoa é de alguma região ou bairro específico? (Se sim) Você poderia dar alguns exemplos?” A elas, algumas respostas foram semelhantes a (1):⁶

⁵ Refere-se a políticas públicas como a Progressão Continuada, no estado de São Paulo, ou o ProUni, no âmbito federal. De fato, parece ser cada vez mais difícil encontrar informantes, sobretudo mais jovens, que não tenham ao menos iniciado o Ensino Médio.

⁶ Nas citações do *corpus*, “D1” refere-se ao documentador e “S1” ao informante. Este é identificado por pseudônimo e por seu perfil sociolinguístico através dos seguintes códigos: Sexo/gênero (M, F); Faixa etária (1, 2, 3); Nível de escolaridade (M, S); e Região de residência na cidade (C, P). No exemplo (1), o falante Luis A. (M1SP) é do sexo masculino, de primeira faixa etária, com nível superior de escolaridade e residente de um bairro mais periférico. As reticências indicam pausas curtas, “/” indica truncamento e “(xxx)” indica trechos ininteligíveis.

(1) D1: *e aqui dentro da cidade assim... você consegue identificar se uma pessoa é de algum bairro específico ou zona norte zona leste...?*

S1: *ah não... quem disser que consegue é mentira... na boa... esse papo de... tudo bem antigamente a galera da Mooca né que você tinha uma galera com o sotaque... mais italiano mas isso é mais velho que meus pais né cara né tipo... hoje é impossível né cara a cidade é completamente... miscigenada não tem mais nada né (es)tá ligado... e também não existe uma cultura... distrital eu acho sabe a cidade é grande mas não... eu acho que não é... não funciona assim... (Luis A., M1SP)*

Nesse excerto de entrevista, apesar de sua ressalva ao bairro da Mooca de “antigamente”, o falante Luis A. afirma não ser possível identificar, nos dias de hoje, de que parte da cidade de São Paulo uma pessoa é. Por outro lado, quando os falantes apontaram exemplos (ainda que inseguramente) de como identificar “tipos de paulistanos” de acordo com um parâmetro geográfico, foi frequente a menção a certos bairros, acompanhada muitas vezes de considerações a respeito de classes sociais ou nível de escolaridade:

(2) S1: *[...] então tem gente por exemplo que mora sei lá Jardim América (xxx) com aquelas joias com aquelas coisa toda então pode ser/ aqueles cabelos super arrumado então pode ser que você seja... eu normalmente... acho que me visto de uma maneira simples eu acho que não percebem que sou de outro bairro... modo de falar as expressões eu tenho impressão que não identificam não (Leila B., F3SC)*

(3) D1: *[...] você saberia por exemplo identificar uma pe/ você consegue perceber por exemplo se uma pessoa é da zona norte ou zona sul ou zona leste [...]*

S1: *então mais pela classe social que (vo)cê percebe... e claro pô se for na Mooca (vo)cê vai ver que ele canta mais que ninguém... se ele for no Brás também... Jardins Morumbi Moema... o pessoal fala igual mas por exemplo as classes mais baixas falam diferente... do que as classes mais elitizadas que tiveram condições de estudo e tudo mais*

- D1: *esse falar diferente (vo)cê saberia mais ou menos caracterizá-lo?*
 S1: *se você for por exemplo no extremo da zona leste lá na periferia*
 D1: *uhm*
 S1: *favela do Elmo... vai ver que os caras falam assim “aí João tem essa não (es)tá ligado? o bagulho é nosso (a)cabo(u)” eles falam dessa maneira... muitas gírias e tudo mais... é diferente de uma pessoa com uma condição social melhor... (Paulo P., M1SC)*
- (4) D1: *quando você conhece alguma pessoa aqui em São Paulo você consegue re- reconhecer se ela é... se é desse bairro se é dessa zona?*
 S1: *às vezes sim... às vezes depende né... às vezes a gente vê assim alguma pessoa andando na rua... aí dá pra falar... não assim de bairro/ assim especificar bairro... mas a gente consegue falar se uma pessoa é mais bem vestida... aí já mora deve morar... Vila Madalena Moema nãñã... se ela é mais ou menos né... ah deve morar... Itaquera [risos] não é um preconceito mas é que... é o que é entendeu que nem lá em Perus... onde eu moro ainda dá um pessoalzinho mais bonitinho... (mas) tem lugar lá embaixo que é feio a coisa (Tais P., F1MP)*
- (5) D1: *é engraçado que mesmo dentro da zona leste tem essa né?*
 S1: *tem as diferenças*
 D1: *(vo)cê acha que tem uma diferença Tatuapé Mooca...?*
 S1: *muita... porque já são bairros mais/ considerados nobres aqui da zona leste*
 D1: *aham*
 S1: *então quando você já vai indo mais pra periferia você já vai vendo que as pessoas já vão mudando*
 D1: *uhum*
 S1: *já vai ficando uma pessoa mais simples... né?... e muitas vezes as pessoas simples não têm aquela mesma/... uma conversa mais culta ou então não têm noção de que tem que falar/ (es)tá num transporte público tem que falar baixo numa/ num tom mais/ não é gritando aquela zoeira (Giovana A., F1SP)*

Leila B. (2) menciona o Jardim América (subdivisão dos Jardins) como um bairro de pessoas mais ricas (*com aquelas joias [...] aqueles cabelos*

super arrumado). Paulo P. (3), de modo semelhante a Luis A., chega a destacar os bairros da Mooca e do Brás por seu falar mais “cantado”, ao mesmo tempo em que enfatiza o contraste entre “Jardins, Morumbi, Moema”, por um lado, e bairros de classes mais baixas, por outro, “no extremo da zona leste, na periferia”. Tais P. (4) menciona o modo de se vestir da Vila Madalena e Moema em oposição a Itaquera e Perus. Giovana A. (5) descreve diferenças de classe social dentro de uma mesma zona da cidade, entre Tatuapé/Mooca e locais mais periféricos. Esses contrastes apontam mais para uma divisão entre bairros de classes médias/altas (Jardins, Morumbi, Moema, Vila Madalena, Tatuapé, Mooca) e de classes baixas (Itaquera, Perus), organizados de modo geral em áreas mais centrais e mais periféricas, do que para a divisão político-administrativa da cidade entre as zonas Norte, Sul, Leste, Oeste e Central.

No *corpus* do GESOL-USP, os critérios para a classificação de bairros como “mais centrais” ou “mais periféricos” se baseiam na história de ocupação dos bairros e no grau de desenvolvimento urbano em termos de verticalização, serviços e IDH. De modo geral, bairros mais periféricos são historicamente mais recentes, bem como seu processo de verticalização (nos últimos 20 anos), e possuem uma infraestrutura urbana relativamente menos desenvolvida (acesso a transporte público, hospitais, escolas, centros culturais e comerciais etc.). Por outro lado, bairros mais centrais são mais antigos, são fortemente verticalizados (o que implica alta densidade demográfica) e possuem melhor infraestrutura urbana. Como consequência das características acima descritas, bairros mais centrais têm, em geral, um custo de vida bastante superior àquele de bairros mais periféricos, algo que se verifica em preços médios de habitação e de serviços; desse modo, assim como o Nível de Escolaridade, a Região de Residência também é um índice indireto de *status* socioeconômico do falante.

A combinação dos fatores dessas quatro variáveis sociais – Sexo/Gênero, Faixa Etária, Nível de Escolaridade e Região de Residência – resulta em 24 perfis sociolinguísticos, para cada um dos quais o *corpus* conta com 4–5 informantes. As ocorrências de (-r) nesta amostra (N = 61.954) foram codificadas inicialmente de acordo com as categorias na Tabela 1, que também apresenta suas respectivas proporções.

Tabela 1: Distribuição geral das ocorrências de (-r) na amostra (N = 61.954)

| Codificação | % |
|------------------------|------|
| Tepe | 28,0 |
| Retroflexo | 13,9 |
| Apagamento | 54,8 |
| Aspirada | 0,4 |
| Palavras estrangeiras | 0,2 |
| Dados metalinguísticos | 2,7 |

Ocorrências de palavras estrangeiras (p.ex. *Big Brother*, *outdoor*, *over*, *Museu d'Orsay*), em sua maioria inglesas, foram codificadas separadamente e posteriormente descartadas, uma vez que é difícil determinar se o eventual emprego de retroflexo se deve a uma breve alternância de códigos. De modo semelhante, foram retiradas do arquivo de dados ocorrências metalinguísticas, em que o falante exemplifica diferentes modos de falar (p.ex. “carioca fala po[x]ta”).⁷

O apagamento de (-r) representa a maior parte dos dados (54,8%) e se refere principalmente a ocorrências do morfema de infinitivo (p.ex. *falar*, *comer*).⁸ Por sua vez, a aspiração de (-r) (fricativa glotal ou velar, surda ou sonora), embora presente na fala de paulistanos nativos, é pouquíssimo expressiva (0,4%) e pode ser considerada bastante marginal. Nesta análise, cujo interesse reside nas identidades sociais que se associam ao emprego das variantes, decidiu-se descartar tanto as ocorrências de apagamento quanto as de aspiração de (-r): por um lado, o seu cancelamento em verbos no infinitivo também é bastante frequente em outras comunidades (ver p.ex. CALLOU; MORAES; LEITE, 1996, 1998; OLIVEIRA, 1999; BRESCANCINI; MONARETTO, 2008) e não parece caracterizar um grupo específico da cida-

⁷ No roteiro de entrevista sociolinguística, após a leitura de uma lista de palavras, o documentador pergunta ao informante como um carioca e uma pessoa do interior fariam algumas delas. É interessante notar que muitas das palavras escolhidas pelos informantes são aquelas com (-r) em coda, o que é evidência adicional de sua saliência como marcador de identidades.

⁸ Em uma subamostra de 100 dados de apagamento, selecionados aleatoriamente, 79 são verbos no infinitivo, 16 são conjunções (*porque* e *por*), 3 são do verbo no subjuntivo *tiver* e 2 são do adjetivo *qualquer*.

de de São Paulo;⁹ por outro lado, a baixíssima frequência de aspiração de (-r) não permitiria a realização de análises multivariadas de covariação (GUY; ZILLES, 2007, p. 60).

Desse modo, a presente análise se debruça sobre os dados de tepe e de retroflexo em coda silábica, tanto em contexto medial (p.ex. *porta*) quanto final (p.ex. *mulher*),¹⁰ excluindo-se palavras estrangeiras e casos de emprego metalinguístico. Considerando-se apenas essas variantes, a proporção geral dos dados é a que se apresenta na Tabela 2.

Tabela 2: Distribuição geral de tepes e retroflexos na amostra (N = 25.950)

| Codificação | % |
|----------------|------|
| Tepe (T) | 66,8 |
| Retroflexo (R) | 33,2 |

A análise sistemática de todas as ocorrências dessas duas variantes (N = 25.950), no entanto, não apenas seria dispendiosa, mas também desnecessária. Seguindo método convencional em estudos sociolinguísticos de variáveis fonéticas (WOLFRAM, 1993), extraíram-se aleatoriamente 50 ocorrências de tepe/retroflexo das entrevistas com cada um dos 102 informantes, com o auxílio da função `srsdf` do pacote NCStats do programa R (HORNÍK, 2011; OUSHIRO, 2012), totalizando 5.100 dados. A Tabela 3 mostra que tal procedimento mantém a proporção geral entre tepes e retroflexos na comunidade (Cf. 33,2% de retroflexos na amostra geral e 32,9% na amostra reduzida), bem como nas subamostras individuais, de cada informante.

⁹ A análise de realização vs. apagamento de (-r) em São Paulo pode vir a ser objeto de outro estudo variacionista. Enquanto o apagamento de (-r) em verbos no infinitivo parece ser uma pronúncia não marcada na comunidade, o seu apagamento em substantivos (p.ex. *açuca(r)*, *mulhe(r)*) parece ser socialmente estigmatizado. Ao mesmo tempo, a realização do morfema (-r) em verbos no infinitivo, embora infrequente, possivelmente também é portadora de significados sociais.

¹⁰ Os casos de (-r) em final de palavra seguidos de vogal (p.ex. *por exemplo*, *por isso*, *contar uma estória* etc.) foram excluídos, já que não mais se caracterizam como em contexto de coda silábica, mas sim de /r/ pré-vocálico (CALLOU, 1987).

Tabela 3: Proporção de dados (R/R+T) na amostra reduzida e na amostra geral

| Informante | Amostra geral | | | | Amostra reduzida | | | |
|--------------|---------------|--------------|-------------|---------------|------------------|--------------|-------------|--------------|
| | T | R | %R | Total | T | R | %R | Total |
| Adolfo F. | 125 | 58 | 31,7 | 183 | 34 | 16 | 34,0 | 50 |
| Adriana P. | 186 | 5 | 2,6 | 191 | 48 | 2 | 4,0 | 50 |
| Ana M. | 169 | 31 | 15,5 | 200 | 44 | 6 | 12,0 | 50 |
| Angelica L. | 312 | 38 | 10,9 | 350 | 41 | 9 | 18,0 | 50 |
| Camila A. | 174 | 25 | 12,6 | 199 | 45 | 5 | 10,0 | 50 |
| Cassia M. | 37 | 142 | 79,3 | 179 | 10 | 40 | 80,0 | 50 |
| Celina A. | 64 | 100 | 61,0 | 164 | 20 | 30 | 60,0 | 50 |
| Cesar P. | 76 | 67 | 46,9 | 143 | 30 | 20 | 40,0 | 50 |
| Çiça N. | 60 | 49 | 45,0 | 109 | 29 | 21 | 42,0 | 50 |
| Claudia H. | 50 | 1 | 2,0 | 51 | 49 | 1 | 2,0 | 50 |
| Total | 17.333 | 8.617 | 33,2 | 25.950 | 3.428 | 1.672 | 32,9 | 5.100 |

$\chi^2 = 1.440, p > 0,25.$

Análises

A análise multivariada investigou a influência dos seguintes grupos de fatores na pronúncia de (-r) na fala paulistana:

- **Contexto Fônico Precedente:** codificado de acordo com as 7 vogais orais, posteriormente amalgamadas por altura ([+alta] vs. [-alta])¹¹
- **Contexto Fônico Seguinte:** codificado de acordo com a consoante seguinte ou pausa, posteriormente amalgamadas por ponto de C (CLEMENTS; HUME, 1995) ou pausas ([coronal], [dorsal], [labial] ou pausa)
- **Tonicidade da sílaba com (-r):** tônica; átona
- **Posição da sílaba com (-r):** medial; final
- **Classe morfológica da palavra:** substantivo/adjetivo; verbo/advérbio; conjunção/preposição
- **Sexo/gênero:** masculino; feminino
- **Faixa etária:** 20 a 34 anos; 35 a 59 anos; 60 anos ou mais
- **Nível de Escolaridade:** até Ensino Médio; Curso Superior
- **Região de Residência:** bairro mais central; bairro mais periférico

¹¹ A primeira análise desse grupo manteve os fatores separados. Nessa rodada, Contexto Fônico Seguinte é selecionado como significativo, com os fatores organizados na seguinte hierarquia e respectivos pesos relativos: /a/ (0,64), /ɔ/ (0,64), /ɛ/ (0,59), /e/ (0,52), /i/ (0,47), /o/ (0,43) e /u/ (0,28). Verifica-se que os três fatores mais favorecedores de retroflexão são vogal [-alta], em contraposição aos quatro fatores menos favorecedores com o traço [+alto], o que justifica tal amalgamação. Realizou-se também uma análise alternativa, com amalgamação de acordo com o traço [± anterior], na qual o grupo de fatores não foi selecionado.

- **Geração da família na cidade:** primeira (filho de não paulistanos); segunda ou ulterior
- **Origem dos pais:** Norte/Nordeste; interior de SP/MG; São Paulo-capital; mista 1 (pais de origens diferentes, um deles paulistano); mista 2 (pais de origens diferentes, nenhum deles paulistano); estrangeira
- **Mobilidade:** sempre morou no mesmo bairro; mudou-se, mas sempre morou na mesma zona; morou em zonas diferentes ou já viveu em outra cidade
- **Estilo de fala:** conversação na entrevista; leitura de lista de palavras; leitura de notícia de jornal; leitura de “depoimento”

Além dos quatro grupos de fatores estratificadores do *corpus*, as variáveis Geração da Família na Cidade, Origem dos Pais e Mobilidade são características sociais dos falantes que também apresentam variação na amostra. Estilo, por sua vez, é aqui definido no sentido de Labov (2001b, 2006 [1966]) como “grau de monitoramento à fala”, em que se espera que o informante fale mais cuidadosamente de acordo com a seguinte hierarquia: (i) leitura de lista de palavras (mais monitorado);¹² (ii) leitura de notícia de jornal;¹³ (iii) leitura de “depoimento”;¹⁴ e (iv) conversação na entrevista (menos monitorado).

¹² A lista é apresentada aos falantes em uma única página, com as palavras dispostas em ordem alfabética em duas colunas. Para melhor visualização, aqui se apresentam as palavras com (-r) em coda silábica em negrito; está sublinhada uma palavra com (-r) final seguido de vogal, que pode ser considerada uma ocorrência apenas se a realização do informante foi seguida de pausa: *alma*, **amargo**, *animação*, **argola**, *atitude*, **barqueiro**, *biscoito*, *cacique*, **carteiro**, *cerca*, *chácara*, **circo**, *cisne*, **curto**, *defender*, *discoteca*, *elefante*, *enchente*, **entender**, *entretenimento*, *erguer*, *fazenda*, *felicidade*, **firme**, *fornalha*, **furgão**, *fusquinha*, *geleira*, **gérmen** de trigo, **gordo**, *gula*, **Hércules**, *hilário*, **irmã**, *justiça*, *lento*, **mortadela**, *Marba*, *mosca*, *necessidade*, *noite*, **orca**, **Ordem** e *progresso*, **orgânico**, **órgão**, *ostracismo*, *penteadado*, **pertencimento**, **perto**, **porto**, *presente*, *rapidez*, *riqueza*, **sabor** de menta, **soberba**, *trabalho*, **turco**, **urgente**, *utilidade*, *vulto*, *zebra*.

¹³ Notícia adaptada do jornal *Folha de São Paulo online*, de 08/02/2010, sobre protesto de moradores devido a alagamento de bairro na cidade de São Paulo (disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u691127.shtml>>): “*Moradores cobram solução para área alagada em SP e aguardam encontro com prefeito. Moradores da região do Jardim Pantanal protestaram nesta segunda-feira em frente à Prefeitura de São Paulo contra a inundação em bairros da zona leste, que completa dois meses hoje. Uma comissão de manifestantes foi recebida pela Secretaria de Relações Institucionais e apresentou reivindicações, mas o prefeito Gilberto Kassab (DEM) não participou do encontro. Representantes dos manifestantes esperam que o governador José Serra (PSDB) também participe da reunião de sexta. De acordo com os integrantes da comissão, não havia integrantes do governo estadual no encontro realizado hoje na prefeitura. Além de cobrar a limpeza imediata das águas nos bairros, os moradores cobram uma solução para a falta de moradia. A maioria dos desalojados continua em escolas municipais e, com o início do ano letivo, temem não ter para onde ir.*”

¹⁴ A leitura de “depoimento” refere-se a um texto escrito com características da oralidade: “*Tá chovendo muito! Choveu tanto, tanto na semana passada que ficou uma piscina na minha casa. Ó, pra você ver: Molharam todos os armários, a cama, os colchões, tudo... Foi um sacrifício... O que a gente fez? Nós*”

É importante apontar que não há ortogonalidade (GUY; ZILLES, 2007, p. 171) entre certos grupos de fatores:

- **Geração da família na cidade e Origem dos Pais:** falantes que representam a primeira geração paulistana na família sempre têm pais não paulistanos; falantes a partir da segunda geração sempre têm um ou ambos os pais paulistanos.
- **Estilo e Classe morfológica da palavra:** Na leitura da lista de palavras, não há conjunções, preposições e advérbios.
- **Contexto fônico seguinte e Posição da sílaba com (-r):** ocorrências seguidas de pausas sempre se encontram em fim de palavra.

Esses pares de grupos de fatores não foram, portanto, incluídos nas mesmas rodadas do GoldVarb X. Em todas as análises, o valor de aplicação estabelecido foi o retroflexo, de modo que os pesos relativos referem-se a essa variante.

Na análise quantitativa, todos os grupos de fatores descritos acima são selecionados como significativos para a variação na pronúncia de (-r) em coda silábica. A Tabela 4 apresenta os resultados para os grupos de fatores linguísticos, que foram analisados em duas rodadas multivariadas: uma delas incluiu Contexto Fônico Seguinte, e não Posição da Sílaba com (-r); na outra, fez-se o contrário. Ambas incluem todos os demais grupos de fatores, sociais e linguísticos, que não interagem entre si.

*tivemos que **erguer** os móveis pra **limpar** tudo: a geladeira, o **forno**... minha **irmã** até veio me **ajudar**, sabe? E meus filhos compraram umas cadeiras novas, mas é aquela coisa, assim... quando **chover** de novo, vai **molhar** tudo outra vez. Você fica sem ter o que fazer. E tem um rio lá **perto** que sempre alaga... **quer dizer**, é água dentro e fora de casa! Daí, o que acontece? Fica aquele trânsito, os carros todos parados, a gente demora um tempão pra chegar em casa... Não aguento mais enchente nessa cidade... Agora que eu vou fazer? Os políticos falam, falam, mas eles tinham que fazer alguma coisa **urgente**. Você tá entendendo o que eu tô dizendo?"*

**Tabela 4: Grupos de fatores linguísticos
(N retroflexo = 1.672; N total = 5.100)**

| | P.R. | % | N retroflexo | N total |
|--|------------------|------|--------------|---------|
| Contexto Fônico Precedente^a | | | | |
| vogal [-alta] | 0,62 | 45,3 | 866 | 1.912 |
| vogal [+alta] | 0,43 | 25,3 | 806 | 3.188 |
| | <i>Range: 19</i> | | | |
| Contexto Fônico Seguinte^a | | | | |
| [coronal] | 0,55 | 38,2 | 1053 | 2.755 |
| [labial] | 0,47 | 29,2 | 267 | 914 |
| Pausa | 0,43 | 34,0 | 128 | 376 |
| [dorsal] | 0,42 | 21,2 | 224 | 1.055 |
| | <i>Range: 13</i> | | | |
| Classe morfológica^a | | | | |
| Verbo e advérbio | 0,55 | 36,0 | 350 | 973 |
| Substantivo e adjetivo | 0,51 | 35,2 | 1227 | 3.483 |
| Conjunção e preposição | 0,39 | 14,8 | 95 | 644 |
| | <i>Range: 16</i> | | | |
| Tonicidade da sílaba com (-r)^a | | | | |
| Tônica | 0,55 | 41,1 | 968 | 2.354 |
| Átona | 0,46 | 25,6 | 704 | 2.746 |
| | <i>Range: 9</i> | | | |
| Posição da sílaba com (-r)^b | | | | |
| Final | 0,55 | 42,0 | 400 | 953 |
| Medial | 0,49 | 30,7 | 1272 | 4.147 |
| | <i>Range: 6</i> | | | |

^aInput: 0,293, $p < 0,001$. ^bInput: 0,298, $p < 0,01$. Divergência entre pesos relativos e porcentagens nos valores sombreados indica interação.

Quanto ao contexto fônico, a pronúncia retroflexa é favorecida quando o (-r) é precedido por vogal [-alta] (P.R. 0,62) e seguido de consoante [coronal] (P.R. 0,55). Considerando-se que o retroflexo é uma realização [-alta] (relativamente ao tepe) e [coronal], parece haver uma tendência à assimilação com a vogal que precede (-r) e com a consoante que o segue.

A variante também é favorecida em verbos/advérbios (P.R. 0,55), sílabas tônicas (P.R. 0,55) e quando está na posição final da palavra (P.R. 0,55). Percebe-se, no entanto, que tais fatores revelam pesos relativos próximos ao ponto neutro, e que seus respectivos grupos de fatores têm *ranges* (diferença entre maior e menor pesos) relativamente pequenos, de modo que se pode

afirmar que, linguisticamente, o fator mais fortemente correlacionado à pronúncia retroflexa em coda silábica no dialeto paulistano é uma vogal com traço [-alto] no contexto precedente. Socialmente, contudo, parece haver fatores que favorecem algo mais fortemente a pronúncia retroflexa.

As Tabelas 5 e 6 apresentam os resultados para os grupos de fatores sociais, na respectiva ordem em que são selecionados pelo GoldVarb X; a primeira se refere àqueles incluídos em uma mesma rodada, e a segunda apresenta os resultados dos dois grupos de fatores não ortogonais, que foram analisados em duas rodadas diferentes, cada qual com todos os demais grupos de fatores que não interagem entre si.

Tabela 5: Grupos de fatores sociais (1)
(N retroflexo = 1.672; N total = 5.100)

| | P.R. | % | N retroflexo | N total |
|-------------------------------------|------------------|------|--------------|---------|
| Região de Residência | | | | |
| Bairro mais periférico | 0,62 | 42,8 | 1.178 | 2.750 |
| Bairro mais central | 0,36 | 21,0 | 494 | 2.350 |
| | <i>Range: 26</i> | | | |
| Mobilidade | | | | |
| mesmo bairro | 0,60 | 43,6 | 501 | 1.150 |
| mesma zona | 0,49 | 35,5 | 603 | 1.700 |
| diferentes zonas | 0,46 | 25,2 | 568 | 2.250 |
| | <i>Range: 14</i> | | | |
| Nível de Escolaridade | | | | |
| até Ensino Médio | 0,59 | 41,5 | 997 | 2.400 |
| Curso Superior | 0,43 | 25,0 | 675 | 2.700 |
| | <i>Range: 16</i> | | | |
| Sexo/Gênero | | | | |
| masculino | 0,56 | 38,6 | 1.024 | 2.650 |
| feminino | 0,44 | 26,4 | 648 | 2.450 |
| | <i>Range: 12</i> | | | |
| Faixa etária | | | | |
| 20–34 anos | 0,55 | 38,1 | 628 | 1.650 |
| 35–59 anos | 0,51 | 33,1 | 580 | 1.750 |
| 60+ anos | 0,44 | 27,3 | 464 | 1.700 |
| | <i>Range: 11</i> | | | |
| Geração da Família na Cidade | | | | |
| primeira geração de paulistano | 0,53 | 36,0 | 1.061 | 2.950 |
| segunda geração ou ulterior | 0,46 | 28,4 | 611 | 2.150 |
| | <i>Range: 7</i> | | | |

Input: 0,293, p < 0,001.

Em todas as rodadas, a Região de Residência é o primeiro grupo de fatores a ser selecionado, com 26 pontos de *range*, e se apresenta como o mais importante para a variação na pronúncia de (-r) no falar paulistano: moradores de bairros mais periféricos favorecem o emprego da variante retroflexa (P.R. 0,62), enquanto que moradores de bairros mais centrais tendem a evitar tal pronúncia (P.R. 0,36). O retroflexo também é favorecido por falantes cuja mobilidade geográfica é menor (P.R. 0,60) e, inversamente, desfavorecido por falantes com maior mobilidade (0,46). Aqui é possível inferir que quanto maior a mobilidade geográfica, mais fluidas são as redes sociais dos falantes (MILROY, 2004), que entram em contato com maior variedade de grupos sociais; é interessante notar que são justamente esses falantes que tendem a evitar o emprego de retroflexo. Quanto à Escolaridade, de acordo com a hipótese inicial, os resultados mostram que o retroflexo é favorecido por falantes com menor nível de escolarização (P.R. 0,59). Em conjunto, os resultados para Região de Residência, Mobilidade e Nível de Escolaridade sinalizam a importância de classe social para a estratificação sociolinguística de (-r) na cidade de São Paulo, visto que todos esses fatores podem ser considerados índices indiretos de *status* socioeconômico.

Os resultados para o grupo de fatores Sexo/Gênero, por sua vez, coadunam-se com aqueles já extensivamente constatados, em diversos estudos sociolinguísticos: a forma não padrão na comunidade tende a ser evitada por falantes do sexo feminino (P.R. 0,44) e a ser favorecida por falantes do sexo masculino (P.R. 0,56). Embora tal constatação seja recorrente (ver p.ex. CHAMBERS, 1995; LABOV, 2001a, CHESHIRE, 2004), a interpretação desse fenômeno não é sem controvérsia; enquanto alguns autores argumentam que mulheres tendem a empregar a forma de prestígio como modo de superar sua posição desprivilegiada na sociedade (p.ex. FASOLD, 1990, apud CHESHIRE, 2004), outros defendem que não são as mulheres que favorecem as formas de prestígio, mas sim que são as formas por elas empregadas que tendem a ser vistas como “mais corretas” (MILROY et al., 1994, apud CHESHIRE, 2004).

Por outro lado, os resultados para Faixa Etária apontam para a possibilidade de mudança linguística em curso em favor do retroflexo, uma vez que se verificam tendências gradualmente maiores de seu emprego quanto mais jovens são os falantes: aqueles de primeira faixa etária tendem a favorecê-lo (P.R. 0,55); os de segunda faixa ficam praticamente no ponto neutro (P.R. 0,51); ao passo que os mais velhos tendem a desfavorecê-lo (P.R. 0,44). Neste ponto,

convém lembrar os resultados de análises preliminares de (-r), que observaram, respectivamente, indicativos de mudança em progresso em favor do *tepe* (MENDES, 2010) e de um caso de variação estável na comunidade (MENDES; OUSHIRO, 2011). Os resultados da presente análise não confirmam nem um nem outro. É necessário, portanto, olhar para eles de modo mais detido e buscar explicações para a divergência, ponto ao qual se retorna mais adiante.

Da Tabela 5, resta interpretar as tendências verificadas para Geração da Família, que investiga se o grau de enraizamento na cidade se correlaciona ao emprego de (-r). Nesse grupo de fatores, verifica-se que falantes cujas famílias estão enraizadas há mais tempo na cidade de fato tendem a desfavorecer o retroflexo (P.R. 0,46) e, portanto, a favorecer a pronúncia do *tepe*. Os resultados do grupo de fatores Origem dos Pais, da Tabela 6, complementam essa análise: os falantes que menos favorecem o retroflexo são aqueles que têm um ou ambos os pais paulistanos (P.R. 0,45 e 0,47) ou estrangeiros (P.R. 0,35). Por outro lado, diferentemente do que se poderia esperar, não são os filhos de migrantes do interior de SP/MG que mais favorecem o “r caipira”, embora também o favoreçam (P.R. 0,55); as maiores tendências de emprego se verificam entre aqueles cujos pais são do Norte/Nordeste (P.R. 0,69).

Tabela 6: Grupos de fatores sociais (2)
(N retroflexo = 1.672; N total = 5.100)

| | P.R. | % | N retroflexo | N total |
|---|------|------|--------------|---------|
| Origem dos pais^a | | | | |
| Norte/Nordeste | 0,69 | 60,0 | 270 | 450 |
| interior de SP/MG | 0,55 | 34,4 | 465 | 1350 |
| mista 2 (nenhum pai paulistano) | 0,48 | 33,5 | 251 | 750 |
| São Paulo-capital (ambos os pais paulistanos) | 0,47 | 30,6 | 367 | 1.200 |
| mista 1 (mãe ou pai paulistano) | 0,45 | 26,0 | 234 | 900 |
| estrangeira | 0,35 | 18,9 | 85 | 450 |
| <i>Range: 34</i> | | | | |
| Estilo de fala^b | | | | |
| Leitura de notícia de jornal | 0,55 | 42,2 | 76 | 180 |
| Conversação | 0,54 | 34,9 | 1.428 | 4.094 |
| Leitura de “depoimento” | 0,40 | 27,5 | 63 | 229 |
| Leitura de lista de palavras | 0,25 | 17,6 | 105 | 597 |
| <i>Range: 30</i> | | | | |

^aInput: 0,291, $p < 0,002$; ^bInput: 0,292, $p < 0,001$.

Filhos paulistanos de migrantes nortistas e nordestinos não retêm a aspiração de (-r) – retome-se a baixíssima frequência da variante aspirada entre falantes paulistanos (0,4%; ver Tabela 1). Tal proporção contrasta fortemente com a intensa presença de migrantes dessas regiões que vivem atualmente em São Paulo (ver Fig. 1). Ao mesmo tempo, os filhos de migrantes do Norte e do Nordeste não necessariamente adotam a variante tradicionalmente considerada mais “paulistana”; em vez disso, tendem a empregar, tanto em termos de frequência (60%) quanto em termos de tendência (P.R. 0,69), a variante retroflexa, de modo ainda mais expressivo do que filhos de migrantes do interior de SP/MG. É possível especular duas interpretações sobre esses resultados, uma de natureza linguística e outra de natureza social. Linguisticamente, a variante retroflexa se aproxima mais da variante aspirada por ser um segmento [-anterior], relativamente ao tepe; socialmente, é possível que o emprego da variante retroflexa seja favorecido pela rede social estabelecida por migrantes e seus filhos paulistanos diante de sua relativa situação socioeconômica na cidade. De acordo com o levantamento do IPEA (2011), migrantes do Norte/Nordeste atingem em média menores níveis de escolaridade, têm menos acesso à Internet e possuem as menores rendas mensais de todos os grupos pesquisados, fatos que caracterizam pertencimento a classes sociais mais baixas. Conforme mostra a Tabela 5, habitantes de bairros mais periféricos, com menor mobilidade geográfica e menor nível de escolarização são aqueles que mais tendem a empregar o retroflexo; ainda que os filhos paulistanos de migrantes do Norte/Nordeste venham a ascender socialmente, as características menos privilegiadas dos pais devem contribuir para o estabelecimento da rede social desses falantes.

Quanto ao Estilo de fala, diferentemente da hipótese que se aventou no início das análises, a conversação na entrevista e a leitura do “depoimento” não são os fatores que mais favorecem a pronúncia retroflexa, mas sim a leitura da notícia de jornal. “Conversação na entrevista” abarca a grande maioria dos dados (4.094 ou 80% do total); o peso relativo desse fator (P.R. 0,54), próximo do ponto neutro, é indicativo de que pode haver estilos de fala díspares misturados nessa categoria, e que talvez seja necessário subdividi-la em trechos menores (p.ex., separar trechos narrativos, presumivelmente menos monitorados, de trechos mais “dissertativos” ou de fala mais distanciada. Cf. LABOV, 2001b). Por sua vez, a leitura do “depoimento” pode ter demandado maior grau de atenção, por parte do falante, do que se intencionou

originalmente, uma vez que se apresenta na forma de um texto escrito com características da oralidade (“tá”, “ó, pra você ver”, “mas é aquela coisa, assim” etc.; ver nota 15). Dessa maneira, a leitura da notícia de jornal, dentro de um gênero mais conhecido, revelou-se mais fluente do que a leitura do “depoimento”. De todo modo, nota-se que a leitura da lista de palavras, em que se esperava o grau máximo de atenção à fala, desfavorece fortemente o emprego do retroflexo (P.R. 0,25).

O Quadro 1 resume os resultados das análises quantitativas, apresentando os grupos de fatores de acordo com a sua importância para a variação de (-r) em coda silábica em São Paulo (determinada pela ordem em que são selecionados pelo GoldVarb X), bem como os fatores que favorecem o emprego de retroflexo.

| Grupo de Fatores | Range | Fatores favorecedores de retroflexo |
|-------------------------------|--------------|--|
| Região de Residência | 26 | Bairros mais periféricos |
| Contexto Fônico Precedente | 19 | Vogal [-alta] |
| Origem dos Pais | 34 | Norte/Nordeste; interior de SP/MG |
| Mobilidade | 14 | Sempre moraram no mesmo bairro |
| Estilo de fala | 30 | Leitura de notícia de jornal |
| Nível de Escolaridade | 16 | Menos escolarizados |
| Contexto Fônico Seguinte | 13 | [coronal] |
| Sexo/Gênero | 12 | Homens |
| Classe Morfológica | 16 | Verbos/Advérbios |
| Tonicidade da sílaba com (-r) | 9 | Tônica |
| Faixa Etária | 11 | Mais jovens |
| Geração da Família na Cidade | 7 | Primeira (filhos de não paulistanos) |
| Posição da Sílaba com (-r) | 9 | Final |

Quadro 1: Resumo

Mudança ou variação estável? Estigma ou prestígio?

Conforme se menciona anteriormente, análises feitas a partir de diferentes amostras do português paulistano geraram resultados divergentes quanto às taxas de emprego de retroflexo e quanto à estabilidade ou não da variação de (-r) em coda silábica. Esses resultados estão resumidos no Quadro 2.

| | Mendes (2010) | Mendes e Oushiro (2011) | Esta análise |
|---------------------------------------|---|---|--|
| Tamanho e estratificação das amostras | 24 falantes “prototípicos” Sexo/Gênero Faixa Etária Nível de Escolaridade | 48 falantes Sexo/Gênero Faixa Etária Nível de Escolaridade | 102 falantes Sexo/Gênero Faixa Etária Nível de Escolaridade Região de Residência |
| Taxa de retroflexo | 12% | 31% | 33% |
| Análise em tempo aparente | Mudança em favor do tepe | Variação estável | Mudança em favor do retroflexo |

Quadro 2: Trabalhos e resultados divergentes sobre a pronúncia de (-r) em São Paulo

Tais divergências são indícios de que o processo de variação entre tepe e retroflexo na cidade de São Paulo deve ser mais complexo do que as análises até aqui desenvolvidas levam a crer. Os motivos para as diferentes conclusões certamente residem nas amostras utilizadas que, apesar de semelhantes, guardam certas propriedades: a amostra de Mendes (2010) restringiu-se a falantes mais prototípicos, residentes de bairros mais tradicionais em São Paulo e que se identificam com a cidade; Mendes e Oushiro (2011), ao aumentar a amostra de informantes, não levaram em consideração tal critério; a presente análise, por sua vez, incluiu na estratificação dos falantes a variável Região de Residência, que se revelou como o grupo de fatores cuja correlação com a pronúncia variável de (-r) é a mais forte.

As taxas semelhantes (cerca de 30% de emprego de retroflexo) nas duas amostras maiores permite concluir que essa deve ser a proporção atual da variante no português paulistano de modo geral. Para avaliar em que medida esse caso de variação é estável, realizaram-se cruzamentos entre o grupo de fatores Faixa Etária e os demais grupos de fatores estratificadores da amostra (Sexo/Gênero, Nível de Escolaridade e Região de Residência), a fim de verificar se há movimentos divergentes dentro da comunidade. A Tabela 7 apresenta os pesos relativos dos fatores após o cruzamento.

Tabela 7: Pesos relativos referentes ao emprego de retroflexo em cruzamentos de Faixa Etária e grupos de fatores estratificadores da amostra

| Faixa etária | Sexo/Gênero ^a | | Escolaridade ^b | | Região de Residência ^c | |
|-------------------|--------------------------|------|---------------------------|-----------|-----------------------------------|--------------|
| | Masc. | Fem. | Ens. Médio | Ens. Sup. | Mais periférica | Mais central |
| 20–34 anos | 0,61 | 0,48 | 0,63 | 0,48 | 0,71 | 0,34 |
| 35–59 anos | 0,55 | 0,47 | 0,57 | 0,46 | 0,60 | 0,43 |
| 60+ anos | 0,52 | 0,35 | 0,56 | 0,33 | 0,54 | 0,33 |

^aInput: 0,292; $p < 0,001$. ^bInput: 0,292; $p < 0,001$. ^cInput: 0,293; $p < 0,001$.

No cruzamento entre Faixa Etária e Sexo/Gênero, percebe-se que os homens favorecem a pronúncia retroflexa em todas as faixas etárias, e que tal favorecimento é diretamente proporcional à idade (homens mais novos favorecem mais a pronúncia retroflexa em relação aos homens mais velhos, que apresentam peso relativo próximo do ponto neutro); por outro lado, mulheres sempre desfavorecem tal pronúncia, mas aquelas de terceira faixa etária a desfavorecem ainda mais; trata-se, portanto, de dois grupos de fatores verdadeiramente independentes entre si, que seguem tendências paralelas na comunidade. Algo semelhante ocorre no cruzamento entre Faixa Etária e Nível de Escolaridade: os falantes menos escolarizados favorecem o emprego de retroflexo em todas as faixas etárias, mas é entre os mais jovens que essa variante é mais favorecida; já os mais escolarizados desfavorecem a pronúncia retroflexa, mas é entre os mais velhos que ela é mais desfavorecida.

Entretanto, no cruzamento entre Faixa Etária e Região de Residência, nota-se que os moradores das duas regiões não seguem as mesmas tendências. Se, por um lado, em todas as faixas etárias, o retroflexo é favorecido nos bairros mais periféricos e desfavorecido nos bairros mais centrais, por outro, tais tendências não se distribuem paralelamente. Nos bairros mais periféricos, verifica-se o mesmo tipo de gradação etária já observada na comunidade como um todo, mas nos bairros mais centrais nota-se algo distinto.

Na periferia, o favorecimento da pronúncia retroflexa é gradativamente maior, dos mais velhos para os mais novos. Isso fica bastante claro na Figura 2, na curva tracejada. Diferentemente, contudo, na São Paulo mais central, não se observa a mesma dinâmica: a curva para Centro é paralela àquela para Periferia apenas entre os falantes de terceira e segunda faixas etárias. Quanto

aos mais jovens, nos bairros mais centrais eles se assemelham aos mais velhos, ou seja, desfavorecem o retroflexo relativamente tanto quanto eles.

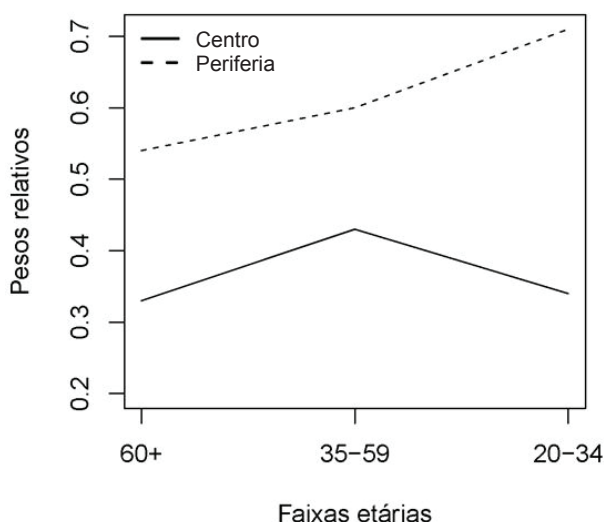


Figura 2: Pesos relativos referentes ao emprego de retroflexo no cruzamento de Faixa Etária e Região de Residência.

Em outras palavras, a Figura 2 parece indicar que os falantes de primeira faixa etária dos bairros mais centrais destacam-se na comunidade, na medida em que revelam uma dinâmica oposta, relativamente ao movimento geral (em tempo aparente) na direção do retroflexo.

Esses resultados podem explicar a divergência entre aqueles observados por Mendes (2010) e Mendes e Oushiro (2011). Ao utilizar uma pequena amostra de falantes “prototípicos”, residentes de bairros mais centrais, a análise de Mendes (2010) ressalta a forte tendência em direção ao tepe entre falantes de primeira faixa etária. Já a análise de Mendes e Oushiro (2011), com uma amostra não estratificada por Região de Residência, apresenta resultados mais semelhantes à curva verificada para as tendências de pronúncia de (-r) por parte dos residentes de bairros mais centrais da Fig. 2.

Para melhor avaliar o grau de estigma ou prestígio das variantes, volte-se à leitura da lista de palavras, na qual se assume que os falantes tenham um grau máximo de atenção à fala: uma análise mais detalhada somente desses

dados (N = 597) revela, de modo ainda mais contundente, as tendências divergentes entre os paulistanos de primeira faixa etária (ver Tabela 8 e Fig. 3).

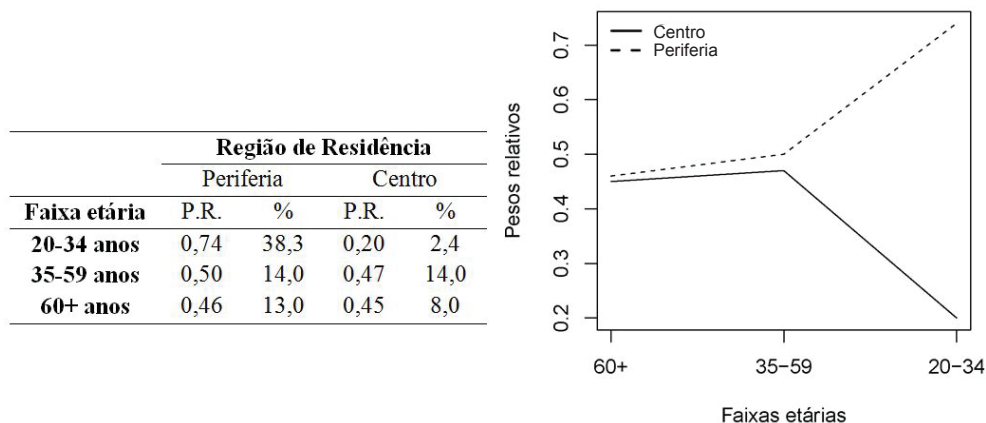


Tabela 8 e Figura 3: Tendências e frequências de emprego de retroflexo na leitura de lista de palavras, com falantes divididos por Faixa Etária e Região de Residência (N = 597; Input: 0,120; $p < 0,03$).

A Figura 3 apresenta graficamente os dados da Tabela 8: as tendências praticamente idênticas de falantes de terceira e de segunda faixas etárias, residentes tanto de bairros mais centrais quanto mais periféricos, todas próximas ao ponto neutro, contrastam fortemente com as tendências opostas dos falantes de primeira faixa etária. Comparem-se também as frequências de emprego de retroflexo na amostra geral e na leitura da lista de palavras: da Tabela 5, sabe-se que a taxa média de retroflexo entre os residentes de bairros mais centrais é de 21,0%, enquanto que entre aqueles de bairros mais periféricos é de 42,8%. Na leitura da lista de palavras (Tabela 8), os residentes mais jovens de bairros mais centrais apresentam uma taxa drasticamente mais baixa da pronúncia retroflexa – 2,4% –, enquanto os jovens de bairros mais periféricos mantêm uma taxa relativamente alta da variante – 38,3% –, acima ainda da média geral da comunidade (33%).

O que essas análises podem dizer sobre o grau de prestígio/estigma das variantes em São Paulo? Por um lado, o fato de que o retroflexo é favorecido por residentes de bairros mais periféricos, menos escolarizados, com menor mobilidade e do sexo masculino aponta, em princípio, para o seu es-

tigma na comunidade ou, ainda, para um “prestígio encoberto” (TRUDGILL, 1974; CHAMBERS, 1995). Esse conceito, de fato, costuma ser empregado em estudos sociolinguísticos para explicar a produtividade ou a persistência de formas não padrão. Não se questiona, aqui, a sua validade. No entanto, ainda há poucos estudos que se dedicam a uma análise mais aprofundada do modo como os falantes percebem e avaliam diferentes formas em alternância em uma comunidade (MENDES; OUSHIRO, 2012) e se, de fato, as categorias empregadas pelo pesquisador coincidem com aquelas dos falantes na língua em uso.

A existência de movimentos divergentes dentro da comunidade, em si, pode ser um indicativo de que as identidades que se estabelecem com as pronúncias variantes vão além de binômios como “estigmatizado/não estigmatizado”, “padrão/não padrão”, “prestígio ‘aberto’/prestígio encoberto”. Ademais, a produtividade do retroflexo entre falantes nativos da cidade permite questionar a sua associação exclusivamente a um falar “caipira” ou de pessoas provenientes do interior do estado, e permite associá-lo a certas identidades sociais urbanas. De fato, certos informantes chegam a associá-lo diretamente com habitantes de periferia, consoante com os resultados da análise de correlação com o grupo de fatores Região de Residência:

- (6) D1: *e o que você acha de da frase assim “a porta [tepe] está **aberta**?” [tepe]*
S1: *nossa! (vo)cê tinha que ver meu sobrinho falando ele tem cinco anos... nossa ele é paulistano nato nato mesmo... é tipicamente de paulistano né?... [...]*
D1: *você acha que pra todos os bairros de São Paulo eles falam assim?...*
S1: *não*
D1: *não?*
S1: *não...*
D1: *que diferenças assim (vo)cê acha que existem?*
S1: *no érre principalmente... “certo”... [retroflexo] “certo” [retroflexo] entendeu?*
D1: *uhm (vo)cê acha que bairros eles falam assim?...*
S1: *periferia*

- D1: *periferia?*
 S1: *periferia* (Felipe L., M1MC)
 (7) S1: *porque o pessoal muito afastado... da periferia eles... o érre deles parece com o do interior... muitos falam o “porque” [retroflexo] ... eu observo em programa de televisão por exemplo que que (vo)cê vê pessoal de bairros afastados* (Iara S., F3SC)

Por outro lado, a variante tepe pode se associar não apenas a características como maior nível de escolaridade e melhor classe social, mas também com estereótipos correlatos de alienação social e frivolidade. Observem-se, nesse sentido, as descrições da informante Thaissa B., residente de um bairro mais periférico:

- (8) S1: *eu tinha uma uma amiga que morava aqui na rua... e ela (es)tá morando... um pouco mais pra frente não muito distante daqui mas os contatos delas são todas assim meninas bem de classe média assim daquele tipo que... as pessoas chamam de “patricinha”... então ela fala assim mesmo sabe do tipo... “meu es(tá) ruim isso (es)tá ligado tipo” é assim que ela fala e antes aqui ela não falava assim né é uma coisa assim... que parece que o meio formou ela totalmente... é diferente mesmo* (Thaissa B., F1SP)

Em (8), Thaissa B. define “patricinhas” como “meninas de classe média” e enxerga pejorativamente a mudança no modo de falar de uma amiga do bairro que passou a conviver com pessoas de classe social mais alta. Adiante, a mesma falante associa a categoria “paty” ao tepe, em contraposição ao retroflexo como uma forma de identidade “local”:

- (9) D1: *o que você acha desse modo de falar [...] “a porta [tepe] (es)tá aberta” [tepe]?*
 S1: *ah coisa de paty*
 D1: [risos]
 S1: *“a porta [tepe] (es)tá aberta” [tepe] é coisa de paty... “a porta [retroflexo] (es)tá aberta” [retroflexo] é mais... o érre é diferente*
 D1: [risos]
 S1: [falando com voz mais grave:] *“que aqui o esquema é outro... certo?” [retroflexo] [risos]* (Thaissa B., F1SP)

Thaissa B. faz uso das expressões “esquema” e “certo”, esta última com pronúncia retroflexa, para fazer alusão a duas identidades sociais: uma “da periferia”, possivelmente associada aos “manos” – prototipicamente, jovens de periferia que se filiam ao movimento hip hop (ver p.ex. BENTES; RIOS, 2006) – em contraposição às “patys”. Nesse trecho, as identidades associadas às variantes retroflexa e tepe são novamente paralelas aos resultados das análises dos grupos de fatores: há uma relação entre falantes do sexo masculino residentes de bairros mais periféricos e o retroflexo, e falantes do sexo feminino de bairros mais centrais e o tepe. Contudo, pode-se inferir que o valor “negativo”, neste caso, é atribuído ao tepe, visto que ele se associa ao “outro”.

Não se pretende dar a entender, aqui, que todos os jovens residentes de periferia se identificam como “manos” e “minas”, tampouco que todos os jovens de bairros mais centrais se identificam como “patricinhas” e “mauricinhos”. Trata-se de estereótipos sociais que se associam a certos valores e que podem, indiretamente, atuar na seleção (inconsciente) que grupos de falantes fazem de variantes particularmente sujeitas a avaliação social. O forte contraste entre as tendências de pronúncia de (-r) por parte dos falantes de primeira faixa etária, a depender de seu local de residência (e, possivelmente, a depender de sua classe social) parece indicar que tanto o retroflexo quanto o tepe associam-se a valores positivos e negativos, que podem ser adotados ou rejeitados a partir de certo ponto de vista social. As observações aqui delineadas abrem caminho para novos estudos que se preocupem com análises mais detalhadas sobre as relações entre identidades sociais e usos linguísticos, bem como sobre os mecanismos de adesão ou resistência a certas normas linguísticas por parte de diferentes grupos sociais.

Considerações finais

Este artigo apresenta uma análise quantitativa da pronúncia variável de (-r) como tepe ou retroflexo na cidade de São Paulo a partir de um *corpus* sincrônico, robusto e representativo da comunidade. Os resultados mostram que a variante retroflexa é relativamente produtiva entre paulistanos, uma vez que ocorre em cerca de um terço (32,9%) dos casos nos contextos em que alterna com o tepe no português paulistano. Linguisticamente, a variante retroflexa é favorecida quando precedida de vogal [-alta], seguida de consoante [coronal], em verbos, em sílabas tônicas e em final de palavra. Socialmente,

a pronúncia retroflexa é favorecida por residentes de regiões mais periféricas, com menor mobilidade geográfica, menos escolarizados, do sexo masculino e pertencentes a famílias menos enraizadas na cidade.

No quadro geral, verificou-se um movimento, em tempo aparente, em direção do retroflexo. Parece prematuro afirmar que há de fato uma mudança em curso, uma vez que o seu encaixamento social não é paralelamente distribuído na comunidade e pelo fato de que nem todos os grupos de falantes mais jovens apresentam tendências opostas aos mais velhos. Com efeito, a estabilidade ou instabilidade de determinado fenômeno variável é melhor avaliada através de uma análise que conjugue observações no tempo aparente, como a que se reporta aqui, e observações no tempo real, com *corpora* de diferentes períodos de tempo (PAIVA; DUARTE, 2003). No escopo sincrônico deste trabalho, a observação de movimentos contrários dentro da comunidade, por parte de diferentes grupos sociais, permite uma visão mais detalhada do encaixamento social das variantes de (-r) e pode trazer luz à discussão sobre o papel do valor social das variantes em processos de variação e mudança.

OUSHIRO, Livia; MENDES, Ronald Beline. Variable (-r) in Paulistano Portuguese. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 66-95, 2013 [2011].

ABSTRACT: *Based on Variationist Sociolinguistics theory and methods (LABOV, 2006 [1966]), this paper presents a multivariate analysis of variable (-r) as a tap or a retroflex in a contemporary, robust corpus of Paulistano Portuguese (102 sociolinguistic interviews). The data distribution reveals that the current rate of the retroflex variant is around 33% in the speech of Paulistanos born and raised in the city. Among the linguistic factors, results show that the retroflex is favored when preceded by [-high] vowels, followed by [coronal] consonants, in verbs, stressed syllables, and in word final position; among the social factors, the retroflex is favored by men who live in suburban areas, with less geographical mobility, lower levels of education, and whose families have migrated to the city more recently. Apparent time analyses (LABOV, 2001a) suggest a possible change in progress in favor of the retroflex variant, but there is evidence of opposite movements within the community. We focus on the discussion of social factors, in order to assess how prestigious/stigmatized each variant is, the social identities associated with them, and their role on processes of language variation and change.*

KEYWORDS: *Variationist Sociolinguistics. Paulistano Portuguese. Post-vocalic (-r). Identity.*

Referências

- BOURDIEU, P. **Language and Symbolic Power**. Cambridge: Polity Press, 1991.
- BENTES, A. C.; RIOS, V. “Razão e Rima”: Reflexões em torno da organização tópica de um rap paulista. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 48, v. 1, p. 115-124, 2006.
- BRANDÃO, S. F. Nas trilhas do –R retroflexo. **Signum: Estudos Linguísticos**, Londrina, n. 10, v. 2, p. 265-283, 2007.
- BRESCANCINI, C.; MONARETTO, V. N. O. Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. **Signum: Estudos Linguísticos**, Londrina, n. 11, v. 2, p. 51-66, 2008.
- CALLOU, D. M. I. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: PROED-UFRJ, 1987.
- CALLOU, D. M. I.; MORAES, J.; LEITE, Y. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. (Org.) **Gramática do português falado**. v. 6. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 465-493.
- _____. Apagamento do R final no Dialeto Carioca: um estudo em tempo aparente e tempo real. **DELTA**, São Paulo, v. 14, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 dez. 2010.
- CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic Theory**. Linguistic variation and its social significance. Oxford: Blackwell, 1995.
- CHESHIRE, J. Sex and Gender in Variationist Research. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Org.) **The Handbook of Language Variation and Change**. Malden, MA: Blackwell, 2004. p. 423-443.
- CLEMENTS, G.N.; HUME, E. V. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed.) **The Handbook of Phonological Theory**. Blackwell, 1995. p. 245-306.
- CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e Fonologia do Português**. Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios. 9. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.
- HORNIK, K. **R FAQ**. 2011. Disponível em <<http://cran.r-project.org/doc/FAQ/R-FAQ.html>>. Acesso em: 24 jul. 2011.

HOFFMAN, M. F.; WALKER, J. Ethnolects in the city: Ethnic orientation and linguistic variation in Toronto. **Language Variation and Change**, Cambridge, n. 22, p. 37-67, 2010.

IPEA. **Comunicados do IPEA**. n. 115 – Perfil dos migrantes em São Paulo, 2011. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/111006_comunicadoipea115.pdf>. Acesso em: 16 nov 2011.

LABOV, W. Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula. **Language** Rochester, NY, n. 45, v. 4, p. 715-762, 1969.

_____. **Principles of Linguistic Change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001a.

_____. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.) **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001b. p. 85-108.

_____. **The Social Stratification of English in New York City**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006 [1966].

LEITE, C. M. B. **O /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro**. 201 f. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Unicamp, Campinas, 2010.

MENDES, R. B. **Sounding Paulistano: Variation and Correlation in São Paulo**. Trabalho apresentado no NWAV39, 2010.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. **Production and Perception of Retroflex –r in São Paulo Portuguese**. Trabalho apresentado no VaLP2011 - Chester, Inglaterra, 2011.

_____. Percepções sociolinguísticas sobre as variantes tepe e retroflexa na cidade de São Paulo. In: HORA, D.; NEGRÃO, E. V. (Org.) **Estudos da Linguagem: Casamento entre temas e perspectivas**. João Pessoa: Ideia, 2012. p. 262-281.

MILROY, L. Social Networks. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Org.) **The Handbook of Language Variation and Change**. Malden, MA: Blackwell, 2004. p. 549-572.

OLIVEIRA, J. M. **O apagamento do /R/ implosivo na norma culta de Salvador**. 80 f. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 1999.

OUSHIRO, L. Analyzing (-r) with R. In: MELLO, H.; PETTORINO, M.; RASO, T. (Org.) **Proceedings of the VIIth GSCP International Conference**. Speech and Corpora. Firenze: Firenze University Press, 2012. Disponível em <<http://store.torrossa.it/pages/ipplatform/itemDetails.faces>>. Acesso em: 03 mai. 2013.

PAIVA, M. C. de; DUARTE, M. E. L. (Org.) **Mudança Linguística em Tempo Real**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003.

PIMENTEL, R. M. **A variação linguística do fonema /r/ na posição pós-vocálica**. 105 f. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2003.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. **GoldVarb 2001**. A multivariate analysis application for Windows, 2001. Disponível em: <<http://privatewww.essex.ac.uk/~patrickp/lg654/GoldVarb2001forPCmanual.htm>>. Acesso em: 06 abr. 2012.

RODRIGUES, A. C. S. Fotografia sociolinguística do português do Brasil: o português popular em São Paulo. In: CASTILHO, Ataliba T. (Ed.) **História do Português Paulista**. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/ UNICAMP, 2009. p. 151-158.

TRUDGILL, P. **The Social Differentiation of English in Norwich**. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

WOLFRAM, W. Identifying and interpreting variables. In: PRESTON, D.R. (Ed.). **American Dialect Research**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993. p. 193-221.

DESTECENDO UMA CARTA PELA ESTILÍSTICA DA EXPRESSÃO

Nelyse A. Melro SALZEDAS¹
Rivaldo Alfredo PACCOLA²

Resumo: Pretendemos atravessar o texto de Eça de Queirós, *Carta ao Sr. Mollinet*, teorizando a estilística da expressão de Marcel Cressot, denominada “a textura”. Discutiremos o que se busca na leitura de um texto hoje: a forma, o sentido ou a forma que produz sentido? Ainda que por meio da estilística se proceda a um levantamento e descrição das categorias linguísticas nesse texto de Eça, o levantamento morfológico em nível de enunciado esvaziasse, se feito isoladamente. É do eixo sintático-semântico e melódico que Eça infla de vida seus personagens. A caracterização de Pacheco e do povo português apoia-se no nexos, produtor de uma metassignificação antagônica à significação primeira. A ironia eciana resulta da significação reversa – do *ne pas dire*. O nexos é a grande coesão significante entre o discurso lógico e o metalógico – a gerar novas significações; recursos verbais se multiplicam, se criam, a fim de metamorfosear o signo linguístico em pictórico ou icônico. A ironia rege toda a tessitura construtiva que decorre de novos referentes, resultantes de relações demiúrgicas entre si, pelo processo metalógico, já que este possibilita estabelecer e alterar o sentido, ao relacionar signos e referentes, significantes e significados, enunciado e contextos. As análises do texto selecionado de Eça enriquecem-no pelas descobertas reveladas pela Estilística da Expressão.

Palavras-Chave: Estilística da Expressão. Metassignificação. Textura.

Começamos este texto acompanhado do pensamento de Chartier (1994, p. 418): “Como atravessar um texto, penetrar em sua intimidade sem arrebatá-lo, quando se sai dele, no momento de deixá-lo?”

Pretendemos fazer desse fragmento um companheiro para atravessar o texto de Eça de Queirós, *Carta ao Sr. Mollinet* (1952), teorizando a estilística

¹ Livre-Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FAAC, UNESP-Bauru. nelysesalzedas@yahoo.com.br

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da FFC, UNESP-Marília. rivapaccola@terra.com.br

da expressão de Marcel Cressot (1969), a qual nós chamaremos de “a textura”.

Desse modo, discutiremos o que se busca na leitura de um texto hoje: a forma, o sentido ou a forma que produz sentido?

Para tanto, faremos uma abordagem tomando como referência os clássicos da estilística da expressão. Nesse sentido, comporta um esclarecimento do que seja *clássico*:

[...] me parece de grande importância, [...] a noção de “clássico”. O clássico não se confunde com o tradicional e também não se opõe, necessariamente, ao moderno e muito menos ao atual. O clássico é aquilo que se firmou como fundamental, como essencial. Pode, pois, constituir-se num critério útil para a seleção dos conteúdos do trabalho pedagógico. (SAVIANI, 2011, p. 13)

Abordamos aqui uma das possibilidades assentadas na Estilística da Expressão devidas aos clássicos: Alonso (1965); Bally (1951); Cressot (1969); Da Cal (1953); Devoto (1962); García Morejón (1961); Guiraud (1967); Hatzfeld (1955); Marozeau (1954; 1962); Riffaterre (1973); Rodrigues Lapa (1945); Spitzer (1954; 1955).

Textura

Ainda que através da Estilística da Expressão se proceda a um levantamento e descrição das categorias linguísticas no texto de Eça (1952), o levantamento morfológico em nível de enunciado esvazia-se, se feito isoladamente, de vez que o autor o manipula em nível contextual. Pois é do eixo sintático-semântico e melódico que Eça exaure forças para inflar de vida seus personagens.

A modelagem de Pacheco e do povo português apoia-se no nexos, produtor de uma metassignificação antagônica à significação primeira. A ironia eciana resulta da significação reversa – do *ne pas dire*. Logo, o nexos é a grande coesão significante entre o discurso lógico e o metalógico – a gerar novas significações; recursos verbais se multiplicam, se criam, a fim de metamorfosear o signo linguístico em pictórico ou icônico. O artista alcança, desta feita, a plenitude expressional. O discurso é a própria consecução do seu texto. A ironia rege toda tessitura construtiva que decorre de novos referentes, resultantes de relações demiúrgicas entre si, pelo processo metalógico, uma vez que este possibilita estabelecer e alterar o sentido, ao relacionar signos e referentes significantes e significados, enunciado e contextos.

Esta última correferência pode apresentar uma relação significativa antitética, pois o enunciado icônico, calcado em uma estrutura antifrástica, não impede as interferências possíveis do contexto transfrástico. O “contexto cultural” tem condições de produzir uma contradição entre o enunciado pictural ou icônico (ou ainda, o “contexto textual” contradizer o enunciado pictural ou icônico).

No plano da expressão, é notável como Eça manipula o significante – em nível de enunciado – e como, em conjunção com a enunciação, cria um sentido decorrente do contexto transfrástico.

Examinemos, em princípio, o artesanato rítmico. A escala musical, vinda de criações combinatórias elocutivas, é um recurso habilmente engendrado por Eça. Os sintagmas nominais adquirem nessa carta de Fradique matizes variadíssimos tão fortes que alteram a significação e o ritmo frasal. Também os advérbios de modo avolumam a massa sonora, sugerindo o visual e o auditivo, iconizando o signo. Porém, é da semântica que o escritor português retira a maior expressão criadora, conseqüente de combinações inusitadas, com palavras insólitas, decorrente ainda, do sentenciosismo, do ritmo frasal.

A palavra é massa sonora cuja emissão e recepção dizem à consciência uma representação sensível. Logo, o volume pode ter alto teor estésico, porquanto, ao representar a ideia, tanto o elemento fônico quanto o gráfico podem expressar conceitos que ultrapassam o sintético convencional.

Vejamos como, no texto a *Carta ao Sr. Mollinet*, o autor se utiliza do volume vocabular. Temos um número bastante alto (vinte e oito) de advérbios de modo formados pelo sufixo “mente”, colocados em posições diversas, deslocando a entonação e dando às modulações rítmicas conteúdos diversos, funcionando como verdadeiro morfema. Independente de seu conteúdo de valor impressivo ou expressivo, há de se considerar, em se falando de palavras, sua ressonância criadora das mais matizadas atmosferas. Citamos:

0.1 “... cuja morte está sendo tão vasta e *amargamente* carpida...”

Aqui, o sintagma adverbial de construção binária aditiva antecede ao qualificativo, criando uma melodia ascendente-descendente, melodizando-se pelo deslizar vocálico (/a/).

0.2 “Eu *casualmente* conheci Pacheco.”

Já nessa citação, o modalizante adverbial precede ao sintagma verbal criando um truncamento ao ritmo.

03. seg. 1 “... era entre nós superior e ilustre *unicamente*
seg. 2 porque tinha um imenso talento.”

Disposto no vértice triangular harmoniza os dois segmentos melódicos (seg. 1 e seg. 2) e valoriza o sentido adverbial de exclusão.

O quarto exemplo tem na partícula “tão” um intensificante:

04. “... este talento, que duas gerações tão *soberbamente* aclamaram...”
Casos de prolepse para efeito rítmico semântico:
05. “*Constantemente* ele atravessou a vida por sobre eminências sociais...”
06. “... *Finalmente* uma tarde, na discussão da resposta ao discurso da Coroa, Pacheco teve um movimento...”
07. “O Sacerdote *imediatamente* estacou com deferência; os taquígrafos apuravam *vorazmente* a orelha: e toda a Câmara cessou o seu desafogado sussurro, para que, num silêncio *condignamente* majestoso, se pudesse pela vez primeira...”
08. “... e *imediatamente* se percebeu que maciça...”
09. “Nas cadeiras do Governo, Pacheco *rarissimamente* surdia do seu silêncio repleto e fecundo.”
10. “Assim *dolorosissimamente* o experimentou o pedagoga,...”
11. “Outros havia, a quem aquele imenso talento *amargamente* irritava,...”
12. “Portugal todo, moral e *socialmente*, está repleto de Pacheco.”
13. “*Silenciosamente, magistralmente*, sorrindo apenas,...”
14. “Naquele gesto quantas coisas subtis, *fundamente* pensadas!”
15. “Ia ser *justamente* criado marquês de Pacheco.”

Na citação 05, como cabeça de frase, o advérbio está em prolepse ao verbo e a prosódia frásica se enriquece com nova gama tonal. Ainda na citação treze, um binarismo justaposto, além de produzir o volume sonoro – significante de novos referentes – é suporte da massa fônica que, pela lentidão do movimento, gera espaço e tempo discursivo.

16. “... Pacheco não fez durante os longos meses de gerência ‘*absolutamente nada*’, como insinuaram três ou quatro espíritos amargos e *estreitamente* positivos.”

Além de funcionar como ênfase do sentido do membro descendente, hiperboliza, tal a oralidade, o plano do conteúdo (“absolutamente nada”, “estreitamente positivos”).

17. “Porque sentia que, *finalmente* os interesses supremos...”

O tactema funciona como corte suspensão da sequência normativa atraindo sobre si a importância contextual, estabelecendo movimentos rítmicos diferenciados.

18. seg. 1 “O seu partido reclamou *avidamente*
seg. 2 que Pacheco fosse chefe.”

Além de modalizante de elemento coesivo entre os dois segmentos melódicos, harmoniza a melodia e atua como suporte rítmico dos dois membros.

19. “..., reviravam o branco do olho ao céu, para murmurar *piamente*: ‘Que talento!’”

O papel desse advérbio é de criar sons surdos, desagradáveis aos ouvidos, a fim de contrastar com o gestual e iconizar a contradição – produzindo o grotesco caricatural.

20. “Pacheco e Portugal, de resto, necessitavam *insubstituívelmente* um do outro, e *ajustadíssimamente* se completavam.”

A construção paralela cria o ritmo paralelo e o sentido é hiperbolizado pela junção conteúdo-expressão.

21. “Perdera o cabelo *radicalmente*.”

O advérbio forma um segmento melódico isolado e absorve para si todo o movimento, ritmo, significado, tornando-se o elemento capital da frase.

22. “Rebentou: – quero dizer, S. Exa. morreu, quase *repentinamente*,...”

O uso é enfático pela harmonização expressão-conteúdo, além do advérbio funcionar como deslizando harmônico e melódico da frase rítmica.

A grande quantidade de advérbios de modo presentes no texto de Eça (1952), em posições sintáticas diversas, cria um novo ritmo e sentidos frasais.

Igualmente o uso de algumas palavras recria o ritmo; relevemos a função dos demonstrativos, uma vez que o seu uso, além de avolumar a palavra base e marcar fortemente o compasso, é mórfico pela iconicidade e pela táctica.

Exemplificamos:

1. “... e *esta* admiração cada dia crescente do curso,...” (confronte com outra possibilidade de construção: “... e *a* admiração...”)
2. “*Este* imenso talento não podia deixar de socorrer os conselhos da Coroa.” (confronte com outra possibilidade de construção: “*O* imenso talento...”)
3. “... quem é *este* meu compatriota Pacheco,...” (confronte com outra possibilidade de construção: “... quem é meu compatriota...”)
4. “... que acréscimo deixou na civilização portuguesa *esse* Pacheco,...” (confronte com outra possibilidade de construção: “... que acréscimo deixou na civilização portuguesa Pacheco...”)
5. “Todavia, meu caro Sr. Mollinet, *este* talento, que duas gerações tão soberbamente aclamaram,...” (confronte com outra possibilidade de construção: “Todavia, meu caro Sr. Mollinet, **o** talento...”)

6. “E *esta* reserva, *este* sorrir, *este* lampear dos óculos, bastavam ao País...” (confronte com outra possibilidade de construção: “E *a* reserva, *o* sorrir, *o* lampear...”)
7. “*Este* talento nasceu em Coimbra,...” (confronte com outra possibilidade de construção: “*O seu* talento...”)
8. “Vendo que inabalável apoio *esse* imenso talento dava às instituições que servia...” (confronte com outra possibilidade de construção: “Vendo que inabalável apoio *seu* imenso...”)
9. “Outros havia, a quem *aquele* imenso talento amargamente irritava...” (confronte com outra possibilidade de construção: “Outros havia, a quem *o* imenso...”)

As construções paralelas anafóricas (MAROUZEAU, 1962) se juntam, igualmente, a outros tipos de edificação rítmica, advérbios, demonstrativos, bem como a quiasmática, fazendo tipos de circularidade, pertinente aos Sermões, Poesias, e bastante empregada no Sermão da Sexagésima, principalmente por Vieira (CRESSOT, 1969).

Vejam os:

- a) *construção em circularidade*
 “*que* obras”
 “*que* fundações”
 “*que* livros”
 “*que* ideias”
 “*que* acréscimo”
- b) *construção em circularidade*
 “*nem* uma obra”
 “*nem* uma fundação”
 “*nem* um livro”
 “*nem* uma ideia”
- c) *construção quiasmática*
 “*no fundo*, no rico e povoado *fundo*”
- d) *construção em circularidade*
 “E *esta* reserva”

- “*este* sorrir”
“*este* lampejar”
e) *construção quiasmática*
“foi *tudo*”
“Teve *tudo*”
f) *construção quiasmática*
“*Sem Portugal* – Pacheco não teria sido o que foi entre os homens;”
“Mas *sem Pacheco* – Portugal não seria o que é entre as nações.”

A pontuação é gráfica e sonora. Como grafia é segmental e visual; como fonia é suprasegmental, tonal e sêmica; tanto cria novos ritmos, como novos semas.

A pontuação tem um papel duplo: estésico e lógico. Neste texto o escritor faz dela um recurso mais estilizante, manipulador das pausas, de altura, da modificação do registro.

O levantamento das ocorrências da pontuação em Eça pode fornecer um elemento operatório-funcional da linguagem, uma vez que o autor obstina-se em fazer dela não só um instrumento desestruturador sintático, mas um captador de movimentos prosódicos da comunicação falada. Se, até então, o artesanato pontual ligava-se à lógica para separar os diversos agrupamentos em relação, agora, o autor de “Os Maias” instrumenta a pontuação visando à cadência musical, terminando por separar massas fônicas e acentuar entonações. A fim de criar novas melodias e matizá-las de outros tons, desmontou construções e sintagmas normativos, dinamizando os polos da energia rítmica-frasal. Tal manipulação transforma a pontuação eciana em estética literária. Daí, efeitos inesperados, expectativas e arquiteturas.

Caracterização

Segundo Abbagnano (1970, p. 189):

Caracterizar é distinguir e definir o objecto; é ao mesmo tempo pôr em evidência aqueles factores que o diferenciam aos olhos de quem fala; por isso a caracterização participa da objetividade dos elementos extrínsecos ao sujeito, e da subjetividade do conhecimento e da atribuição. A caracterização envolve, portanto, uma relação entre a pessoa que caracteriza e o mundo caracterizado e, em consequência, a projecção sobre este de um modo de ser individual, capaz de valoração afectiva alteradora.

Em nível morfossintático, o processo circulará: o número; o artigo; o adjetivo (sua função, posição e classificação contextual); o pronome; o verbo (em relação ao seu complemento); e o advérbio. Aos recursos de efeito do plural acrescentamos os estilísticos. É comum em Eça (1952), o sigma indefinidor e diluidor de contorno. Partículas, substantivos, adjetivos e advérbios são substitutos do aumentativo e do superlativante. Até mesmo a palavra *um*, em singular, suporta a significação esvaziadora. Também, nos dois primeiros parágrafos da “Carta”, uma construção textual revela-nos outro tipo, se confrontarmos a segunda arquitetura paragrafada com a primeira.

Vejam os *números*:

“... saber *que obras*, ou *que fundações*, ou *que livros*, ou *que ideias* ou *que acréscimo*”

(1º)

e

“não deu ao seu país *nem uma obra*, *nem uma fundação*, *nem um livro*, *nem uma ideia*.” (2º)

A partícula *que*, integrante do verbo, além de conectivo, introdutor de interrogação indireta, contextualmente é pronome indefinido, acompanhante dos substantivos pluralizados. Observe-se o singular na última palavra da enumeração, *acrécimo*, uma espécie de concretização frente a todas as indefinições quantitativas da série nominal.

No segundo parágrafo, retomando a ideia do anterior, responde, Fradique, a questão numa série de substantivos no singular, porém tornados indefinidos pelo artigo. Ainda, nesse fragmento, e em outros, joga com dois nomes abstratos pluralizados (“profundidades”, “eminências”). É o *plural diluidor de contornos*:

“... recolhido, nas *profundidades* de Pacheco...” (2º parágrafo)

“... por sobre *eminências sociais*...” (2º parágrafo)

“... através das *instituições*...” (2º parágrafo)

“... *dispêndios e manhas*...” (4º parágrafo)

“... *riquezas interiores*...” (4º parágrafo)

“... não prodigalizou desde logo *seus tesouros*...” (4º parágrafo)

“... de *ideias sólidas*...” (4º parágrafo)

- “... durante *meses*...” (4º parágrafo)
“... desdenhoso das *especialidades*...” (5º parágrafo)
“... durante os *longos meses* de gerência...” (6º parágrafo)
“... deixou de curtir *inquietações* e dúvidas...” (6º parágrafo)
“... fervente rajada de *aclamações*...” (7º parágrafo)
“... em influência e *dignidade*...” (9º parágrafo)
“... havia *devotos*...” (9º parágrafo)
“... havia *amorosos*...” (9º parágrafo)
“... quantas coisas subtis, *fundamente pensadas*...” (11º parágrafo)

Não se desvia da posição criadora quando manipula os graus, nosso escritor foge das normas do padrão culto, e usa adjetivos, com funções adverbiais superlativando por meio de partícula fônica e sintaticamente intensivas.

Leia-se:

“... está sendo *tão vasta* e amargamente *carpida*.” (1º parágrafo).
Vasta traduz a duração quantitativa em relação a *carpida* e *amargamente*.

“... seguido ao tûmulo por *tão* sonoras...” (1º parágrafo).

e

“... aquele talento *tão vasto* – era ao mesmo tempo *tão fino*.” (11º parágrafo).

Em:

“E deseja *ainda* meu amigo saber...” (1º parágrafo).

A partícula em destaque, em função adverbial, dá energia ao verbo “deseja”, pondo-o num grau mais alto que o “pergunta” da frase anterior.

O artigo é dentre as categorias gramaticais uma das mais expressivas, porém nem sempre explorado. Eça de Queirós tira-lhe da passividade e dá-lhe um tom aguerrido e múltiplo.

O autor vale-se de *combinações insólitas*: um tipo de caracterização não pertinente.

“... morte vasta e amargamente *carpida*...” (insólito no sentido sincrônico).

“... sonoras e reverentes *lágrimas*” (insólito no sentido antitético – mostragem de interior e exterior).

“*talento*, calado, recolhido” (insólito no enfático).

“país assombrado” (o insólito está no assombrado em relação ao coletivo).

“talento que o sufocava” (insólito em relação ao verbo).

“talento *aferrolhado* dentro do crânio” (insólito em relação ao adjetivo).

“Pacheco *pensabundo*” (insólito pela palavra inusitada, preterindo pensativo).

“apurar vorazmente a orelha” (insólito: o complemento em relação ao verbo; o advérbio em relação ao complemento).

“silêncio repleto e fecundo” (insólito em relação à série aditiva binária dos adjetivos descrevendo o substantivo de forma concreta).

“maduríssimo pensar” (insólito resultante do desajuste entre o nível distenso e tenso).

“frase lapidar e succulenta” (idem ao anterior).

“tão apaixonada e fervente rajada de aclamações” (insólito advindo do emprego do particípio presente “fervente”).

“todas [as instituições] o apetezem [esse imenso talento]” (insólito resultante do desajuste do verbo quanto ao sujeito e o objeto).

“patadas no chão” (insólito advindo da deslocação lexical).

“Portugal repleto de Pacheco” (insólito pelo desajuste metonímico).

“apeteceu conhecer” (insólito pelo desajuste entre os elementos verbais).

“mão grave, de leve” (insólito resultante da hipálage).

“Rebentou – quero dizer, Sua Excia. morreu” (insólito pelo contraste de lexical entre as formas de tratamento – ele S. Excia. –).

“arregaçou-lhes os cantos da boca” (insólito do verbo em relação ao sujeito: “um fugidio, triste, quase apiedado sorriso”).

“dedo despetado” (insólito pelo gestual e pela combinação, embora comum, suporte da ironia).

Considerações finais

Essas análises do texto de Eça (1952), a *Carta ao Sr. Mollinet*, enriquecem-no pelas descobertas reveladas pela Estilística da Expressão, de

modo que um “clássico”, aquele que atravessou o tempo, mantém-se atual e possibilita o contínuo enriquecimento da língua portuguesa.

Consequentemente, o texto não se atrofiou e não se estagnou na linha da temporalidade. Agigantou-se pelas suas próprias qualidades imanentes e orgânicas. Ele, o texto, disse e permitiu que nós, leitores, igualmente, o dissessemos.

SALZEDAS, Nelyse A. Melro; PACCOLA, Rivaldo Alfredo. “Untwisting” a letter by stylistic expression. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 96-108, 2013 [2011].

ABSTRACT: *We aim to analyse the text written by Eça de Queirós, “Carta ao Sr. Mollinet”, theorizing the stylistics of Marcel Cressot’s expression, called “the texture”. We discuss what is sought in the reading of a text nowadays: the form, the meaning or the form that produces meaning? Even though through stylistics there is identification and description of the linguistic categories in the text, the morphological identification in the enunciation level is emptied, if it is done separately. It is from the semantic-syntactic and melodic axes that Eça inflates his characters with life. The characterization of Pacheco and Portuguese people is supported by the nexus, a producer of antagonistic meta-signification in relation to the first meaning. Eça’s irony results from the reverse meaning – from “ne pas dire”. The nexus is the great meaningful cohesion between logical and metalogic discourse – producing new significations; multiplying verbal resources, which are created in order to metamorphose the linguistic sign into pictorial or iconic signs. The irony governs the whole constructive tessitura that stems from new referents, which result from demiurgical relations between themselves because of the metalogical process, as it allows to establish and change the direction when sign and referent, signifier and signified, utterance and context are related. The analysis of Eça’s selected text enriches the discoveries presented by the Stylistics of Expression.*

KEYWORDS: *Stylistics of Expression. Meta-signification. Texture.*

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

ALONSO, Amado. **La interpretación estilística de los textos literários**. Madrid: Editorial Gredos, 1965.

BALLY, Charles. **Traité de stylistique française**. Paris: Lib. Klincksieck, 1951. 2 vol.

CHARTIER, Roger. Pouvoirs et limites de la représentation: sur l’oeuvre de Louis Marin.

Annales, Histoire, Sciences Sociales, v. 49, n. 2, p. 407-418, 1994. Disponível em: <http://www.persee.fr>. Acesso em: 01 fev. 2012.

CRESSOT, Marcel. **Le style ET sés técnicas**. Paris: PUF, 1969.

DA CAL, Ernesto G. **Linguagem e etilo de Eça de Queiroz**. Lisboa: Aster, 1953.

DEVOTO, Giacomo. **Nuovi studi di stilistica**. Firenze: Le Monnier, 1962.

GARCÍA MOREJÓN, Julio. **Límites de la estilística**: el ideário de Dámaso Alonso. Assis: FFCL de Assis, 1961.

GUIRAUD, Pierre. **La Stylistique**. Paris: PUF, 1954 / Hay trad. española de Marta G. de Torres Aguero. Buenos Aires: Nova, 1967.

HATZFELD, Helmut. **Bibliografía crítica de la nueva estilística aplicada a las literaturas románicas**. Madrid: Editorial Gredos, 1955.

MAROZEAU, Jules. **Précis de stylistique française**. Paris: Masson, 1954.

_____. **Traité de stylistique latine**. Paris: Les Belles Lettres, 1962.

QUEIRÓS, Eça de. Carta ao Sr. Mollinet. In: QUEIRÓS, Eça de. **A correspondência de Fradique Mendes**. Porto: Lello & Irmão, 1952.

RIFFATERRE, Michael. **Estilística estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1973.

RODRIGUES LAPA, Manuel. **Estilística da língua portuguesa**. Lisboa: Seara Nova, 1945 / Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed.rev. Campinas: Autores Associados, 2011.

SPITZER, Leo. **Crítica stilistica e storia del linguaggio**: saggi raccolti a cura e com presentazione de Alfredo Schiaffini. Bari: G. Laterza, 1954.

_____. **Stylistique et critique littéraire**. Paris: Critique, juillet 1955, p. 589-595.

ÍNDICE DE ASSUNTOS

- Adverbiais, p. 7
Bourdieu, p. 40
Chomsky, p. 40
Competência linguística, p. 40
Estilística da Expressão, p. 96
Habitus linguístico, p. 40
Identidade, p. 66
Labov, p. 40
- Língua portuguesa, p. 7
Metassignificação, p. 96
Ordenação, p. 7
Português paulistano, p. 66
(-r) em coda silábica, p. 66
Semântica, p. 7
Sociolinguística variacionista, p. 66
Textura, p. 96

SUBJECT INDEX

Adverbials, p. 35

Bourdieu, p. 62

Brazilian Portuguese, p. 35

Chomsky, p. 62

Identity, p. 92

Labov, p. 62

Linguistic competence, p. 62

Linguistic habitus, p. 62

Meta-signification, p. 107

Ordering, p. 35

Paulistano Portuguese, p. 92

Post-vocalic (-r), p. 92

Semantics, p. 35

Stylistics of expression, p. 107

Texture, p. 107

Variacionist sociolinguistics, p. 92

ÍNDICE DE AUTORES /
AUTHORS INDEX

- CEZÁRIO, Maria Maura, p. 7
FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica, p. 7
MARTELOTTA, Mário Eduardo (*in memoriam*), p. 7
MENDES, Ronald Beline, p. 66
OLIVEIRA, Mariângela Rios de, p. 40
OUSHIRO, Livia, p. 66
PACCOLA, Rivaldo Alfredo, p. 96
PEREIRA, Hélcio Batista, p. 40
RIBEIRO, Priscilla Barbosa, p. 40
SALZEDAS, Nelyse A. Melro, p. 96